



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
PROFESSOR MILTON SANTOS  
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
CULTURA E SOCIEDADE**

**OLÍVIA DOS SANTOS NASCIMENTO**

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA AFRO-  
BRASILEIRA NO DISCURSO DE DEMONIZAÇÃO  
NEOPENTECOSTAL CONTEMPORÂNEO**

**Salvador  
2019**

**OLÍVIA DOS SANTOS NASCIMENTO**

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA AFRO-  
BRASILEIRA NO DISCURSO DE DEMONIZAÇÃO  
NEOPENTECOSTAL CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Matos dos Santos Pereira.

Salvador  
2019



## **DEDICO**

A todas e todos que anterior a mim elaboraram resistências epistemológicas, muitas vezes em formato de texto, inspirando e registrando o legado histórico para outras gerações, em especial ao grande geografo Milton Santos.

## AGRADECIMENTOS

Salubá NANÃ, Patakori OGUM, com o sopro de quem me deu a vida, deixo de ser a “negrinha”, para tornar-me acadêmica.

Gratidão aos meus AVÓS Brasilino José Fernandes (in memoriam) e Cleonice dos Santos, pelo amor com que me criaram, aos meus PAIS Ivone dos Santos Fernandes e a Edmundo de Jesus Nascimento (in memoriam).

Aos meus IRMÃOS, Vinicius Brasilino, Beatriz Fernandes, Eliana Nascimento e Carla Reis pelos laços que nos guiam pela vida e a Carlos Rodrigues pelo amor de sempre.

Aos meu tios e tias em especial a Vicente, Lúdia, João e Raimundo por contribuírem com a minha criação e vibrarem com a minha caminhada.

Ao CENTRO DE UMBANDA POVO NOVO, na figura dos meus pais José, Seu Boiadeiro das Almas, do meu Pai Xangai e a Crispina, o grande sopro de criança que Olorum enviou para cuidar de mim e a Xangô, o orixá da justiça, que tem inspirado a minha caminhada.

Ao meu querido orientador MAÚRICIO MATOS, que me apresentou ao rigor da pesquisa científica, através de uma leitura dinâmica e interdisciplinar que ultrapassa os muros da academia e me inspira para a vida.

A professora CLARISSA BRAGA (in memoriam), que através do grupo de extensão Canto do Conto, me fez celebrar uma universidade lúdica e ao professor CARLOS ALBERTO BONFIM por me introduzir aos estudos culturais.

Aos professores RITA ARAGÃO e JÚLIO ROCHA por dinamizarem o processo de qualificação, bem como o andamento da pesquisa.

Aos professores Margarete Nunes e Jorge Augusto, pessoas que me incentivaram a seguir na vida acadêmica.

Aos colegas de pós-graduação, Carla, Cledineia, Rossellini, Tâmilis, Camila, Márcio, Ana Gualberto e Matheus por tornarem mais alegre os meus dias no IHAC. Aos colegas da Faculdade de Direito e de Faculdade de Ciências Sociais, em especial, a Patrícia, companheira de todas as horas e a Elionice Paixão minha grande cientista política. A Larissa Molina, pelas leituras conjuntas que fizemos, que me fizeram amadurecer enquanto pesquisadora!

Ao Ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, por fazer com que as minorias acessem um ensino público, gratuito e de qualidade, bem como a Capes por ter garantido a minha permanência na Universidade.

A UFBA, através do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e do IHAC, que através do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, abriu os caminhos para que os meus sonhos se tornassem realidade.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01- Xuxa, pacto com o mal?

Figura 02 - Chute na santa

Figura 03 -Mãe Gilda

Figura 04 - Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios.

Figura 05 - Bíblia Sagrada na Assembleia Legislativa da Bahia

Figura 06 – Dados sobre intolerância religiosa no Estado da Bahia

Figura 07 - Religiões das vítimas através das reportagens

Figura 08 - Religiões dos agressores nas reportagens

Figura 09 - Local de violação nas reportagens

Figura 10 - Programa Obreiros em Foco

Figura 11 - Programa Obreiros em Foco

Figura 12 - Bispo Ronaldo (Bispo auxiliar)

Figura 13 - Momento do Resgate (Bispo Sérgio Carneiro e a Ex- Obreira Maria)

Figura 14: Aplicativo de denúncia de crimes de racismo e intolerância religiosa.

## **SIGLAS**

IURD: Igreja Universal do Reino de Deus

## RESUMO

A presente pesquisa identificou no Programa Obreiros em Foco, da Igreja Universal do Reino de Deus discursos que compunham formas estereotipadas de representação das religiões de matriz afro-brasileira, a partir da ênfase na demonização das suas divindades. Durante o longo processo de pesquisa, utilizamos a perspectiva da Análise Crítica do Discurso Religioso, considerando o discurso como uma prática social utilizada como estratégia para “legitimar” a perseguição as religiões de matriz africana. Contemplam o marco teórico: a Intolerância, o Racismo, a Religião e o Discurso. O corpus principal foi formado pela análise do programa Obreiros em Foco, exibido diuturnamente pela TV Universal e afiliadas, em que se evidencia o modo como esse discurso é construído e propagado. Esperamos construir por meio da pesquisa empírica um estudo que demonstre como acontecem e são legitimados os casos de intolerância religiosa.

**Palavras-chave:** Racismo; Intolerância; Laicidade, Neopentecostais.

## ABSTRACT

The present research identified in the Program Obreiros em Foco, from the Universal Church of the Kingdom of God, discourses that composed stereotyped forms of representation of Afro-Brazilian religions, based on the emphasis on the demonization of their deities. During the long process of research, we use the perspective of the Critical Analysis of Religious Discourse, considering the discourse as a social practice within of strategies used to "legitimize" the persecution of religions of African matrix. They contemplate the theoretical framework: Intolerance, Racism, Religion and Discourse. The main corpus was formed by the analysis of the program Obreiros em Foco, which is shown daily by Rede Television Universal and affiliates, in which the way in which this discourse is constructed and propagated is evidenced. We hope to build through empirical research a study that demonstrates how cases of religious intolerance happen and are legitimized.

**Keywords:** Racism; Intolerance; Secularism, Neo-Pentecostals.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTALISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO ESTADO MODERNO .....</b>	<b>33</b>
1.1 Intolerância religiosa em números .....	47
1.2 Epistemologia da Tolerância .....	51
1.3 Democracia e Laicidade .....	61
<b>CAPÍTULO 2 – O NEOPENTECOSTALISMO IURDIANO .....</b>	<b>74</b>
2.1 Os neopentecostais e a terceira onda do neopentecostalismo brasileiro: os soldados de Jesus .....	74
2.2 Igreja Universal do Reino de Deus: o retorno da guerra santa .....	83
2.3 O discurso dominante: a questão da fé do outro .....	98
<b>CAPÍTULO 3 - PROGRAMA OBREIROS EM FOCO: DISCURSO IURDIANO SOBRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFROBRASILEIRA.....</b>	<b>109</b>
3.1 Televangelismo Iurdiano: A incorporação da mídia como recurso estratégico para a difusão do novo evangelho .....	109
3.2 Programa Obreiros em Foco: o discurso demonizador sobre religiões Afro-brasileiras	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>148</b>

## INTRODUÇÃO

### **Olorum, Zambi, Obatalá por que nós?**

Quando o ardor do chicote estala, o sangue que escorre pelas costas revela  
 os nossos clamores enquanto nós nos perguntamos, mas por que nós?  
 Quando olhamos nossas mãos cheias de calo, quando vemos nossos filhos indo embora e nossas dores,  
 nossos prantos sendo calado, quem se importa?  
 Oxalá, transforma os meus pesadelos em sonhos;  
 Exu, comunica lá em cima que a dor aqui é tão forte que se duvidar prefiro a morte  
 do que a incerteza e falta de sorte, que nos ocorreu por cá.  
 Nanã, Iemanjá, Oxum, Ewá, Iansã, Obá porque pari,  
 porque sentir sair meu filho das entranhas, pra escravidão lhe roubar e lhe matar;  
 Pra que então cortar o cordão umbilical, se a vida é tão miserável, nossos filhos estão condenados, por  
 desgraçados homens, que se acham superior a mim?  
 Quando o Senhor avança sobre mim a noite, na senzala...,  
 durante o dia a Sinhá corta a minha orelha, meus seios e mim chicoteia, porque sou escrava, “objeto”,  
 desgraçada?  
 Sango, ergue o machado da justiça, Ogum defenda-me em momentos de guerra  
 Ossossi, que eu mim perca em tuas matas, Ossaim, Irôco, que o frescor das tuas ervas mim acalme,  
 Ossum-maré, cure minha alma das dores, dos horrores da escravidão.  
 Omolu, Obaluaiê, afasta tua filha das doenças,  
 Seu Boiadeiro das Almas conduz tua boiada, entre as terras da mãe África, donde outrora fui parida,  
 donde fui sequestrada;  
 Olorum, Orumilá, Obatalá, que imortal seja minha fé,  
 Que por filhos do demônio, não sejam tratados os meus descendentes, que meus entes, queridos e  
 amados filhos de povos que foram escravizados, sejam tratados como gente, que sejam semente de um  
 povo, que não fica em baixo da bota de Sr. Ninguém;  
 Se Deus existisse, se não Deus existe, se Deus está morto como afirma Nietzsche, não sei, não sei, o  
 que sei é que minha alma não tem dono, que meu corpo, minha mente, meus sonhos, não podem ser  
 reféns da doença da escravidão, que de física virou mental, que de mental, pairou espiritual, que a  
 morte mim conceda , a paz, a sorte e o amor que em vida não pude ter .

(Olívia Nascimento, 01 de junho de 2018)

## **Entre motivações e objetivos: o porquê da pesquisa**

A presente pesquisa tem como título de estudo “As formas de representação estereotipada das religiões afro-brasileiras no discurso de demonização neopentecostal contemporâneo”. A proposta de investigar esse discurso é fruto do meu interesse pelo neopentecostalismo, visto que fui vítima de intolerância religiosa durante anos em locais de trabalho e também no ambiente doméstico (prédio). Em decorrência disso, passei a buscar compreender o porquê dos ataques e, posteriormente tentar formalizar uma notícia crime, nas esferas competentes (algo que não obtive êxito), por conta do modelo de jurisprudencial brasileiro<sup>1</sup>.

A intolerância religiosa em minha vida não causou só a violência física e simbólica, causou violência psicológica, visto que descobri que eu me encontrava com depressão, pois não podia manifestar aspectos da minha religiosidade nos ambientes que frequentava, pois as retaliações, tentativas agressivas de evangelização com apregoações do evangelho e convites para aceitar “Jesus Cristo, como o meu único Senhor e Salvador”, eram frequentes. Vestir branco às sextas-feiras, usar um colar “guia” no pescoço, usar turbantes e torços já revelava a minha identidade afro-brasileira. Sofri também, por alguns anos, xingamentos disfarçados piadas ou indiretas. Era comum enquanto eu estava passando ser repreendida em nome de Jesus, ser chamada de Macumbeira, de Satanás ou de Demônio. Houve uma verdadeira campanha, para que eu deixasse o prédio, com seções de exorcismo as quintas, sextas e sábados durante as madrugadas. Sempre que passava era comum ouvir “Jesus vai fazer uma limpeza espiritual nesse prédio”. Para além do ambiente doméstico, era comum abordagens dentro de ônibus, em locais públicos como praças, praias e parques para receber panfletos, convites para visitar igrejas evangélicas, além de verdadeiros cultos, apregoações do evangelho imbuídas da performance, cujo objetivo maior era “Ganhar almas para Jesus”.

Ser evangélico tornou-se sinônimo de ter um caráter politicamente correto, de exemplo a ser seguido, de ser representante do “verdadeiro Deus”. Tornou-se comum ouvir testemunhos de cura e exorcismo, mesmo que o passado fosse socialmente reprovável, o evangélico neopentecostal estava em todos os lugares tentando convencer os outros, de que a sua fé era a verdadeira, de que o outro era um ser errante por não seguir aos seus estímulos. Isto porque o

---

<sup>1</sup> No Brasil existe uma dificuldade muito grande em se comprovar crimes de ódio. A palavra da vítima não é o suficiente para se constituir uma notícia crime e na maioria das vezes os casos de intolerância são considerados pelas autoridades policiais “briga de vizinhos” e não intolerância religiosa.

<sup>2</sup> Ver GOFFAMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1988. Maneira sob a qual alguns grupos constrói um perfil de outros grupos, que tem sua identidade desprezada, reprovada, e no caso das religiões de matriz africana e afro-brasileira sofrem o estigma de serem o inimigo do Deus Cristão, de serem representantes do Diabo Cristão.

exército de Cristo havia crescido nos últimos anos com a chegada dos evangélicos neopentecostais, com a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Mundial do Poder de Deus e dissidentes que na crença de que havia uma guerra espiritual tentavam a qualquer custo demonizar a fé do outro, exorcizá-la e trazê-los para fazer parte da sua crença. Até pela nomenclatura adotada por tais igrejas é perceptível a ideia de avançar, alcançar territórios, de dominar o mundo através do rompimento de fronteiras físicas e ideológicas em nome de um Deus que todos deveriam conhecer e posteriormente seguir.

Historicamente no Brasil as religiões não oficiais, trazidas por povos escravizados ou herdada dos povos indígenas foram estigmatizadas e exorcizadas, com o pressuposto de que eram crenças pagãs e que pertenciam ou sofriam influência do arqui-inimigo do Deus Cristão, eram consideradas crenças do Diabo. Nesse sentido, o discurso de ódio geralmente vem acompanhado de um querer bem, visto que o outro deve seguir um modelo identitário estabelecido a priori pela maioria e/ou por uma categoria específica<sup>2</sup>, citando Golffaman (1988) pelos dominantes. Citei categoria, porque é comum a sociedade criar categorias para identificar os grupos, tipo: dominado, dominante, religioso, não religioso, maioria, minoria, assim estabelecendo parâmetros para distinguir as pessoas, bem como aproximar-se ou excluir grupos.

### **Teorias e Métodos: entre percalços e caminhos da pesquisa**

O Neopentecostalismo é um fenômeno religioso que tem avançado durante os séculos XX e XXI e decorre especialmente da propagação do discurso de ódio, difundido por um grupo de cristãos evangélicos da chamada “terceira onda” do pentecostalismo, cuja principal característica é a utilização do texto bíblico, através da teoria Criacionista que designa o Deus Cristão, como criador de todas as coisas, isto, em contraposição a qualquer teoria ou pensamento que utilize de outros métodos para tentar explicar a existência humana na terra. Esse sistema ideológico, está acoplado diretamente a um sistema fundamentalista “religioso”, que desconsiderando para tanto, teorias consagradas como a do Evolucionismo Darwinista.

O prefixo *neo* garante a terceira onda, características de um novo modo de apreço o evangelho. Unidos de trechos do texto bíblico, de um discurso eufórico, digno de uma arena, a encarnação do evento de pentecostes, através da descida do fogo do espírito santo, o falar em línguas estranhas e a garantia que o paraíso pode ser conquistado e aproveitado aqui na terra, com a conquista de bens materiais com a teologia da prosperidade financeira compõe características preliminares do novo pentecostalismo. Nesse intento, na tentativa de arregimentar fiéis utilizando como arma a demonização de outras religiões concorrentes, com

foco nas de matriz africana<sup>2</sup> os neopentecostais (terceira geração de evangélicos no Brasil), vem se intensificando nos últimos anos a famigerada “batalha espiritual”, tendo como principais representantes a: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Deus é Amor. Essa maneira de compreender o evangelho tem produzido a posteriori, uma avalanche de acontecimentos que se estendem desde depredação de terreiros de Candomblé, Quimbanda, Centros de Umbanda, através de violência verbal, física, institucional e psicológica nos membros das religiões de matriz africana e afro brasileira, posto que são vistas como religiões do demônio, por conta de ideias propagadas durante o processo de colonização pela igreja católica.

Iniciarei essa investigação, a partir da seguinte questão: a intolerância religiosa aos afro-brasileiros é consequência da ideologia racista?

O racismo religioso é uma das faces da ideologia racista, visto que foi com o pressuposto de que os povos escravizados não tinham alma, eram considerados coisa, que os cristãos europeus decidiram que deveriam, arraigados no texto bíblico que era melhor salvar as almas, de seres que “não tinham Deus”, que cultuavam as forças da natureza em suas diversas formas, e deixar os corpos morrerem através do trabalho escravo, tortura física e psicológica, isto porque os povos escravizados eram obrigados a cultuar o Deus Cristão. A religiosidade dos povos africanos escravizados, bem como dos indígenas que viviam neste território foi propositalmente demonizada, e esse aspecto demonizador foi fundamental para conjecturas sobre uma crença desconhecida, o outro não deveria, portanto, ter uma religião, ou qualquer ligação com a sua ancestralidade, com algo que lhe fizesse construir sentido a sua identidade.

Durante o percurso da investigação houve a necessidade compreendermos como o respeito à diversidade e pluralismo religioso são importantes para a construção de uma sociedade harmônica, que contemple a importância de todos os grupos, todas as maneiras de expressar a religiosidade, sem que haja o constrangimento da imposição por parte do Estado e de outros setores de um olhar homogêneo sobre o mundo, visto que é na diversidade de pensamentos, que a existência humana se torna mais completa, e esse respeito mútuo deve ser base salutar para construção de uma sociedade mais igualitária.

Na contemporaneidade a questão da identidade do outro, em relação a aspectos de representação, tem gerado alguns inconvenientes visto que, se não pertence ao seu grupo sociocultural, além de ser estigmatizado, desprezado, o outro pode sofrer ainda com a deterioração de aspectos identitários através de narrativas discursivas, que maculam a sua existência, bem como exigem a revogação imediata de construções dogmáticas que lhe dão forma e sentido. Nesse contexto, pretendemos investigar quais os discursos e formas de

representação neopentecostal sobre as religiões afro-brasileiras, considerando o programa Obreiros em Foco da Igreja Universal do Reino de Deus.

A IURD é a principal representante do neopentecostalismo brasileiro, sendo pioneira, pois como afirma o seu líder o Bispo Edir Macedo (2006) “não prega o evangelho café, com açúcar”. Nesse sentido, seria correto afirmar que a Igreja Universal avança numa debandada rumo a conquista de territórios, visto que segundo estimativas próprias, já alcança 186 países do globo. Para alcançar todo sucesso, e ser enxergado por vários povos, eles utilizaram meios de comunicação de massa, como rádios, tv, internet para fazer a sua mensagem chegar mais longe, sem respeitar crenças e culturas particulares muitas vezes de existência milenar.

Neste longo processo de pesquisa, visitei templos, com a finalidade de conseguir entrevistas com os respectivos pastores, na tentativa de perceber em suas falas sinais do discurso “intolerante”, porém fomos surpreendidos com a negativa da Igreja Universal do Reino de Deus, afirmando que não concede entrevistas a “nenhum (a) pesquisador, bem como a meios de comunicação que não estejam vinculados a ela”.

Mediante a negativa, tentamos entrevistar alguns pastores de igrejas dissidentes<sup>2</sup> *in loco*, mas também não obtivemos êxito, porque os mesmos construíam uma abordagem performática do Deus amoroso, além de afirmar veementemente que não são intolerantes. Entendemos que deveríamos buscar outras formas de colher essas narrativas.

Nesse sentido, buscando encontrar tais discursos, farei uma análise interdiscursiva considerando para tanto a perspectiva de Michel Pecheux (1995), quando afirma que, o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como "sujeito falante", com a formação discursiva que o as sujeita. O interdiscurso, percorre os caminhos dos discursos, de forma menos densa, embora esteja dentro do discurso, aparece como algo que já foi dito, entretanto está implícito no discurso. Implícito, porque mesmo que não esteja explícita, existe uma ideologia que forjou o dito, existe uma essência que compõe para além do discurso, compõe também o conjunto performático, que forja a existência, que compõe a cena, desde de o tom da voz do pastor, das perguntas que ele faz a plateia, dos testemunhos dos/as ex-obreiros, do cenário, do plano das câmeras e até do horário da programação. Não existem coincidências, existem similaridades, que forjam a cena, através de um conjunto de ideias, pré-estabelecidas que

---

<sup>2</sup> Igrejas que foram forjadas na mesma base ideológica ou são afiliadas da IURD a exemplo da Igreja Internacional Da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Mundial Renovada.

norteiam o discurso. Nesse sentido, é possível perceber claramente traços da identidade que se pretende estabelecer como modelo a ser seguido e qual identidade deve ser exorcizada.

O Programa *Obreiros em Foco* (2016), é exibido pela TV Universal, conhecida também como IURD TV até os dias atuais. É apresentado a partir das 22h de segunda a sábado, exibindo geralmente noticiário sobre prostituição, drogas, violência e celebridades, contando também com a participação de adeptos da Igreja Universal, com foco em pessoas que por diversos motivos saíram da Igreja, e que passarão por uma sessão de cura e exorcismo, para serem reintegradas ao convívio na comunidade iurdiana. É no momento de cura e exorcismo, intitulado “Resgate”, que o pastor entrevista os convidados e exorciza as entidades acusadas de causar os males na vida delas. O ápice acontece quando os pastores pedem que se “manifestem”, as entidades mais fortes, as que lideram a destruição na vida das pessoas. É comum se apresentarem com nomes de divindades de religiões afro-brasileiras, como Exu das Almas, Boiadeiros, Caboclos, Omolu e Pomba-Giras, que são exorcizados, humilhados e sincretizados com o Diabo Cristão. Atualmente, apresentado pelos pastores os Bispos Sérgio Corrêa e Ronaldo, além de pastores em momentos especiais, o referido programa também fica disponível em sites internet que podem ser assistidos a qualquer momento.

Durante o longo processo de reelaboração do projeto de pesquisa, busquei aguçar os sentidos da pesquisa através de revisão bibliográfica, a partir dos cânones no campo do discurso e práxis religiosas. Dentre estes, destacamos autores como: Oro (1997;2005), Silva (2007), Mariano (2014), Prandi (2000) Durkheim (1989), Houtart (1994), Berguer (1985; 1965), Guimbeli (2002), bem como em fontes materiais, revistas, livros, filmes, (in)materiais, a exemplo dos cultos da Catedral da Igreja Universal do Reino de Deus, situada na Avenida Antônio Carlos Magalhães em Salvador, Bahia, que participei ao longo desses dois anos de pesquisa.

A pesquisa insere-se no campo da intolerância religiosa influenciada, sobretudo, pelos ideais de respeito a diversidade cultural, compreendendo para tanto o contexto plural brasileiro, no qual abrange diversos grupos étnicos que, no interior da sua essência, averba um conjunto de sentidos dos quais o pertencimento ou não a uma prática religiosa deve ser respeitado para tal. Iniciamos a investigação visitando templos, assistindo programas de rádio e televisão, bem como lendo matérias de jornais e revistas da IURD, com a finalidade de compreender como são orientados os seus adeptos a se comportar perante a outros grupos concorrentes.

Nesse cenário, com base no programa de televisão, tentarei discutir os aspectos do discurso de ódio, propagado pelos evangélicos neopentecostais, os seus aspectos e ideologia, bem como a concepção contemporânea de intolerância religiosa, visto que segundo dados do

IBGE (2010) sobre religião ou (não religião) declarada pelos brasileiros, Cristãos são 86,8% , sendo que católicos são 64,6%, enquanto evangélicos já são 22,2%, tornando o Brasil ainda a maior nação católica do mundo, tendo redução entretanto de 1, 7 milhões de fies, com a chegada do neopentecostalismo. Desde 1970, 91, 8% dos brasileiros, declaravam-se católicos, enquanto em 2010 essa fatia passou para 64,6%, enquanto os evangélicos saltaram de 5,2% para 22,2% no mesmo período. Nesse sentido é incontestável a influência da religiosidade das pessoas no cotidiano da sociedade, entre doutrinas e dogmas que permeiam um arcabouço moral, direcionam a postura das pessoas com relação a diversos eixos que prefiguram debates polêmicos no seio da comunidade. Os meios de comunicação, entretanto, tiveram importância relevante na difusão de ideias, no seio evangélico, visto que além da Bíblia Sagrada como instrumento indispensável na vida dos cristãos, nesse mesmo período igrejas começaram a comprar emissoras de Tvs e Rádios, criaram canais na internet, compraram também antigos cinemas para propagar suas ideias. Por conta disso, houve um acirramento na postura tolerante em relação as religiões afro-brasileiras, era preciso endurecer o discurso e construir uma prática mais incisiva para convertê-los ao protestantismo contemporâneo.

Nesse sentido, a pesquisa de Mariano (2014) sobre os “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”, faz um mapeamento constituindo uma ordem cronológica histórica sobre o neopentecostalismo no país. O autor destaca pontos cruciais, para compreendermos as bases que formaram essa nova dinâmica, durante os cultos, através de promessas e rituais de curas físicas e emocionais, prosperidade material, libertação de demônios, problemas afetivos, familiares, de crise individual e de relacionamento interpessoal. Mariano (2014) traçou um perfil dos novos crentes, afirmando que são pessoas de escolaridade e renda baixa, pessoas desconfiadas (descrentes) em partidos políticos, sindicatos, sem assistência por parte do Estado, e que buscavam um conforto na religiosidade. Apesar desses diagnósticos, a IURD criou em 2016, uma propaganda vinculada na Rede Record e afiliadas chamado: “Eu sou a Universal”, que mostrava que na contramão do que dizia os pesquisadores, fazer parte da IURD era sinônimo de sucesso material/financeiro e espiritual. Para melhor compreensão deste longo processo, a partir de um detalhamento cronológico, poderemos compreender quando surgiu as principais representantes do neopentecostalismo brasileiro.

A terceira onda começa na segunda metade dos anos 70, cresce e fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90. A Igreja de Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Robert McAlister, como escreveram Freston (1993:96), Hortal (1994:1) e Azevedo Júnior (1994:7), está na origem das igrejas Universal do Reino de Deus (Rio, 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio, 1980) e Cristo Vive (Rio, 1986). Estas três, ao lado da

comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994), constam entre as principais igrejas surgidas nesse período (Mariano, 2014, p. 32).

É importante, nos situarmos para a importância socio-histórica e cultural desse movimento no país, visto que, na dinâmica formação pentecostal, o neopentecostalismo aparece na terceira vertente, posteriormente aos movimentos do chamado Pentecostalismo Clássico (Primeira Onda), a exemplo da Congregação Cristã (São Paulo, 1910) e Assembleia de Deus (Belém, 1911), inspiradas no pentecostalismo americano, através de movimentos de cura divina e o falar em línguas, o Deuteropentecostalismo (Segunda Onda) surge com as igrejas Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1951), Brasil para Cristo (São Paulo, 1955) e Deus é Amor (1962), enfatizam a cura divina e as profecias, porém apresentam postura mais rígida. Neopentecostalismo (Terceira Onda), vem para o Brasil com a igreja Nova Vida (Rio de Janeiro, 1960), estando nas origens da IURD (Rio de Janeiro, 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1980). Uma das grandes características do neopentecostalismo, foi o afastamento do anonimato dos púlpitos, para o estrelismo da televisão, bem como a aproximação cada vez mercadológica do capitalismo, fazendo com que a igreja se tornasse um “mercado da fé”. Nesse contexto, não bastava ser crente, era necessário propagar as maravilhas que o Senhor Jesus poderia realizar aqui na terra, dinheiro não era mais sinônimo de pecado, dinheiro era agora símbolo de prosperidade material e espiritual. Não era o crente quem deveria obedecer a Deus, Deus agora estava sendo constantemente desafiado a provar o seu poder na vida dos crentes, isto porque eram comuns cultos acompanhados de correntes de oração para alcançar tais objetivos. Para tanto, era importante que se provasse o triunfo de Deus, sobre o Inimigo, que não de forma natural, mas de maneira errônea, fora fruto de sincretismo religioso, construíram a ideia de que o Diabo, era as entidades, ou Deuses de religiões concorrentes. Conforme Vagner Gonçalves (2007), o neopentecostalismo, em consequência da crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios. Tal qual o colonizador, a conduta neopentecostal, construiu para a proliferação de discurso e prática demonizadora às religiões de matriz afro-brasileira, ao identificar nas suas entidades a figura do Diabo, como explicita Mariano (2014):

Os evangélicos identificam as entidades da umbanda, os deuses do candomblé e os espíritos do kardecismo com o demônio, os neopentecostais vão bem mais longe ao vê-los como responsáveis diretos por uma infinidade de males, infortúnios e sofrimentos. A partir disso, o combate à macumba, aos exus,

guias, preto-velhos e orixás tornou-se um de seus principais pilares doutrinários. Mas para que esse diálogo contratativo com os adversários fosse possível, além de se basearem na dogmática pentecostal tradicional, aproveitam tanto o medo da macumba, da feitiçaria, da magia negra e de certos preconceitos presentes no imaginário e na memória popular quanto a própria expansão, visibilidade pública e influência cultural dos cultos afro-brasileiros. Superestimadas numericamente pelos crentes, as religiões mediúnicas constam entre seus maiores concorrentes no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços as massas. Daí serem encaradas como obstáculo à expansão do Evangelho, desafio evangelístico a ser vencido no terreno da guerra espiritual (MARIANO 2014 pp. 115-116).

Conforme Pedro Ari Oro (1997) os neopentecostais agarram-se numa cosmovisão datada da Idade Média e trazida pelos colonizadores de que “concebe o mundo em tensão permanente entre os espíritos ou demônios causadores do mal e da desordem e os deuses associados ao bem e a ordem”. Quer dizer, se o demônio é o causador de todos os males terrenos, como identificá-los?

Exatamente em religiões concorrentes, ou religiões advindas de povos marginalizados historicamente, durante o grande processo histórico que foi as lutas e/ou os sequestros por conquistas de territórios, bem como imposição de cultura. Isto porque, a religião não caminhou desalinhada de ideologias, ela geralmente estava atrelada a um processo político que visava dominar aspectos físicos e simbólicos de povos. Neste processo era comum tratar o outro, como inimigo a ser eliminado ou transformado em parceiro. No campo religioso, a catequização, evangelização teve presena marcante, visto que, tal qual a maneira do catolicismo, os neopentecostais não pretendem juntar tesouros no c eu, ajuntar tesouros na terra tornou-se um importante empreendimento e uma das formas de conquistar novos adeptos   impondo-se como religião única e verdadeira, tornar-se hegemônico foi compreendido como fator primordial nesse contexto. A espetacularização da religiosidade neopentecostal versa sobre uma perspectiva unívoca, é preciso provar que Deus tem fora sobre o inimigo, isto para além de apregoaoes do texto bíblico. Nas seoes de cura e exorcismo,   necessário que o fiel presencie a vitória divina. Então a forma mais eficaz de provar o poder de Deus   destruindo o Diabo, isto através de xingamentos, gritos, ordem de pastores (para o Diabo ficar de joelhos), bem como entrevistas para que ele fale que males tem causado na vida do cristão. No texto bíblico, guerra espiritual, ou batalha cósmica está descrita no Antigo e Novo Testamento, conforme os textos de Efésios (6:11-12; 13-18), 1 Pedro (5: 8-9) , Apocalipse (12:7-9), João (12-31) 1 João (11-35), Tiago (4-7), Mateus (6:13), Mateus (6:18). Mas porque os neopentecostais demonizam as religiões de matriz africana?

Esse aspecto demonizador neopentecostal sobre as religiões de matriz africana e afro-brasileira, é devido o discurso racista que dominou o Brasil com durao de tr s séculos, de

1550 até 1888 com duração de mais de 300 anos durante o processo de escravidão dos povos africanos. Nesses moldes, os povos escravizados não eram considerados gente, pessoa e sim “coisa”, logo todo traço identitário que lhes fosse peculiar, no bojo da sua subjetividade e que ancorasse sua cultura, além de estigmatizado, deveria ser banido. Apesar de pertencerem a diversos grupos étnicos, com dialetos diferentes existia algo que lhes era se não semelhante, compreendido pelos irmãos continentais, que era a religião. A morte física não foi capaz de acabar com as referências desses povos, então o plano mais perverso foi atacá-los nos aspectos simbólicos. A religiosidade africana, agrega uma multiplicidade de valores, costumes e diferente do Cristianismo não tem sua base centralizada no monoteísmo, no poder absoluto de um único Deus. Nesse sentido, é preciso ressaltar que não existe religião, falsa, ou religião melhor, existem religiões, que através de seu caráter subjetivo, constroem sua identidade, tornando as diferenças um caráter sólido que comprova a diversidade humana. Sem respeitar as diferenças, bem como o direito de existir o Bispo Edir Macedo, figura simbólica do neopentecostalismo brasileiro, assevera o discurso da batalha espiritual, aproveitando-se desse traço infeliz da história, para propagar os ideais da IURD, bem como na essência dos seus discursos promover de forma violenta a ideia de que o Diabo é o causador de todo o mal que aflige a humanidade.

Ouçamos as palavras do seu fundador, retiradas do seu livro "Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios": "Tudo o que existe de ruim neste mundo têm sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o homem direta ou indiretamente" (Macedo, 1987: 103). Em outro livro ele se questiona, e responde: "Qual a origem de todos os males que afligem a humanidade? Doenças, misérias, desastres e todos os problemas que tem afligido o homem desde que este iniciou sua vida na terra, tem uma origem: o diabo" (Macedo, 1995: 43)<sup>10</sup>. Portanto, para a Universal, "O diabo não é somente a antítese (o aqui-inimigo) de Deus. Ele é a encarnação do Mal; uma presença constante (e ameaçadora) na vida e no cotidiano das pessoas" (Barros, 1995: 146). E prossegue, com razão, a autora, afirmando que as representações sobre o diabo "constituem o eixo a partir do qual o universo simbólico desta igreja é construído ... " (ORO, 1997 p. 4-5)

A questão central nesse contexto, versa sobre a sincretização do Diabo Cristão, as divindades das religiões de matriz africana. Isto, porque ao anunciar que o Diabo precisa ser exorcizado e combatido, o evangélico não enxerga ou por questões históricas não sabe que o Diabo só existe no Cristianismo e dissidentes, para ele vale tudo para expulsar o “inimigo”. No texto bíblico também podemos encontrar algumas passagens em que essa batalha é incentivada, determinada, o livro de Efésios explicita isto:

Vistam toda armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. (...) Por isso toda armadura de Deus, para que possam resistir no dia

mal e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo. Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz. Além disso, usam o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do Maligno. Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos. Efésios (6:11-12; 13-18).

Ao molde da batalha espiritual, também chamada de guerra cósmica, os evangélicos, encontraram inspiração na predileção divina, alcunhada no texto bíblico, vestiram-se com as “armaduras de Deus” e iniciaram a luta contra as forças espirituais de outro mundo. A missão não é somente a oração, a evangelização para além disso, se luta contra os dominadores deste mundo e/ou contra as religiões concorrentes. Isto porque as outras forças espirituais conforme texto bíblico, livro de Efésios são derivadas da falange do Diabo. Nesse sentido, sobre a construção social da realidade, como salienta Berger (1985), configurada pelos neopentecostais conferem aos outros, o posto de inimigos que devem ser combatidos. Além de usar “capacete”, vestir “armadura”, se protegerem com o “escudo da fé”, essa geração de evangélicos foi mais adiante, ao utilizar de ferramentas derivadas dos avanços tecnológicos para lutar, guerrear, contra as forças concorrentes. Isto porque, para além do simbólico, essa guerra também concerne também as relações de poder, relações estas onde o grande poder de capital simbólico, representado através de um arsenal midiático, bem como de um arsenal financeiro, compõe as ferramentas para o crente contemporâneo combater o mal.

Para além de cultos, correntes de orações ou seções de exorcismo, a IURD utilizou o que há de mais sofisticado para atacar as religiões de matriz africana e afro-brasileiras. Se a mídia, tem um caráter mediador, então coube a ela a missão de disseminar as ideias da Igreja Universal. O jornal “Folha Universal”, é um grande exemplo, de mediação. Com 2 milhões de exemplares distribuídos pelo Brasil e alguns países do globo terrestre, estampou algumas capas que além de trazer manchetes de cunho intolerante (religioso), com imagens de personalidades, lideranças religiosas em vias de representação estereotipada, com o objetivo de induzir ao leitor a ter uma postura intolerante com tudo que é diferente, sobretudo os afro-brasileiros. Nesse contexto, o Brasil, protagonizou alguns eventos que tiveram repercussão nacional e internacional, através da difusão de mensagens de intolerância religiosa. Exemplo disto aconteceu em 1992: a capa do Jornal A Folha Universal estampou a fotografia da apresentadora Xuxa Meneghel, afirmando que a mesma tinha um pacto com o mal, intitulado Exu. O título da matéria é sugestivo: XUXA, Pacto com o mau?<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Revista VEJA online, 11 de Janeiro de 2011. Em outubro de 2012, a Justiça do Rio de Janeiro condenou a Igreja Universal do Reino de Deus, a pagar indenização de 150 mil reais a apresentadora Xuxa Meneguel por danos morais, por associá-la ao “satanismo”.

A IURD não usou qualquer pessoa, aproveitou-se de um caráter teatral, com parâmetros de espetáculo, para apresentar uma das maiores personalidades brasileiras, como praticante de religião de matriz africana, e não só isso, sincretizou o Orixá Exu com o demônio, que conforme está descrito nos textos bíblicos é o inimigo de Deus Cristão. Essa matéria tinha, portanto, a intenção de macular a imagem da religiosidade da apresentadora, dizendo nas entrelinhas que ela não era digna da admiração que o seu público tinha. Ao utilizar caixa alta e fontes grandes com a manchete “Pacto com o mal”, além do rosto da apresentadora na capa do jornal, a mensagem tal qual foi passada por si só, já dizia todo o pensamento da IURD. Ao final da página, aparece a inscrição meu rei “Exu”, respondendo à pergunta da manchete. “Meu rei é Exu”, quer dizer que a divindade Exu, Orixá, foi e continua sendo sincretizado com o Diabo, Demônio, Lúcifer, o Inimigo, o Anticristo central descritos nos textos.

FIGURA 1 - “XUXA: PACTO COM O MAL”



(Fonte: Folha Universal, agosto, 1992)

Já no Lead, aparece um texto com a acusação de que a apresentadora Xuxa havia vendido a alma por 100 milhões. É evidente que a discursão aqui não se dirige ao fato de Xuxa ter ou não vendido sua alma, até porque a religião é uma questão privada, a questão aqui é um exemplo explícito de intolerância religiosa cometido pela IURD. Outro meio de comunicação

de massa, utilizado pela Igreja Universal, para proferir ofensas, macular outras formas de expressões religiosas, foi o fatídico chute desferido na imagem de Nossa Senhora Aparecida, santa considerada pela Igreja Católica padroeira do Brasil, em dia devotado a ela. Uma das poucas santas negras, da história do Cristianismo, reverenciada também na Umbanda, foi alvo de chutes desferido pelo Bispo Sérgio Von Helder da IURD durante culto transmitido ao vivo, para segundo ele, provar que aquela imagem não possuía poder algum de oferecer soluções para a vida dos fiéis.

**FIGURA 2 - “CHUTE NA SANTA”**



(Fonte: Site [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br), dezembro, 1995).

Em 12 de outubro de 1995, o Bispo Sergio von Helder da Igreja Universal do Reino de Deus proferiu insultos físicos e verbais a imagem de Nossa Senhora Aparecida, durante o programa “O despertar da fé”, exibido na Rede Record, no dia em que católicos comemoravam

o seu feriado. O episódio ficou nacionalmente conhecido como: O chute na Santa<sup>4</sup>. Um outro caso explícito de intolerância religiosa, contra as religiões afro-brasileiras ocorreu com a utilização de ferramenta midiática. Desta vez, foi o caso Mãe Gilda, onde o Folha Universal foi o principal instrumento de difusão de mensagens preconceituosas que macularam a imagem de uma Ialorixá, sacerdotisa afro-brasileira, do candomblé. O termo “macumbeiros” utilizado explicitamente de maneira pejorativa, iniciava a manchete, que fora completada com a frase “charlatões lesam o bolso e a vida de clientes”, acompanhada da fotografia da Mãe de Santo ao lado. A referida imagem, foi retirada de uma edição da revista VEJA, para compor a cena, que por si, já exprimia a ideia de que Mãe Gildasia não era digna do posto que ocupava, bem como os candomblecistas e dissidentes não mereciam o status de religião, uma vez que na linguagem da IURD, só queriam o dinheiro dos seus adeptos.

**FIGURA 3 - “MÃE GILDA”**



(Fonte: Folha Universal, Outubro, 1999)

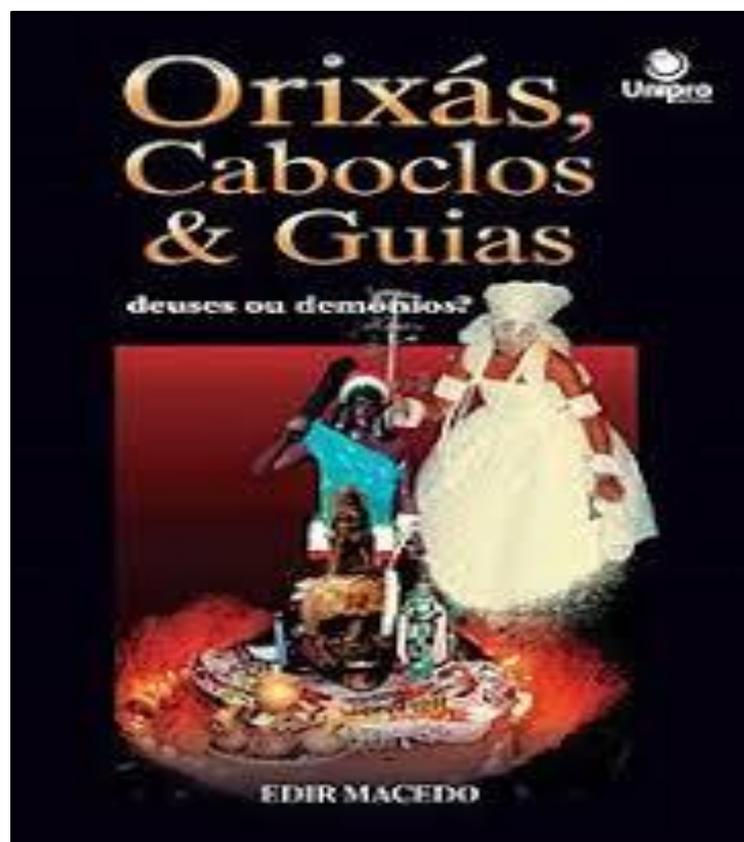
Em outubro de 1999, o jornal *Folha Universal* estampou a sua capa, com a imagem da Ialorixá Gildásia dos Santos e Santos, trajada com roupas de sacerdotisa, tendo aos seus pés uma oferenda, tem como manchete a seguinte afirmativa: Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida de clientes. A referida imagem de Mãe Gilda foi retirada da revista Veja, que

<sup>5</sup>Jornal FOLHA DE SÃO PAULO ON LINE. 1 de maio de 1997. O bispo da Igreja Universal do Reino de Deus Sérgio von Helder foi condenado a dois anos e dois meses de prisão por ter chutado a imagem de Nossa Senhora Aparecida no dia 12 de outubro de 95. A decisão foi dada ontem pelo juiz da 12ª Vara Criminal de São Paulo, Ruy Alberto Leme Cavalheiro. Por ser réu primário, Helder poderá apelar contra a condenação em liberdade.

publicou matéria em 1992 sobre o movimento Fora Collor, do qual a sacerdotisa participava em Brasília. Segundo artigo da Ong Koiononia Presença Ecumênica (2008), na época do acontecimento o Jornal Folha Universal tinha tiragem de 1.372.000 unidades, que eram distribuídas gratuitamente.

Em consequência deste acontecimento, a Sacerdotisa sofreu agressões físicas e verbais dentro e fora das dependências do seu Terreiro, bem como teve objetos sagrados quebrados. No dia 21 de janeiro de 2000, ela veio a falecer em virtude dos acontecimentos.

#### FIGURA 4 - “ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: DEUSES OU DEMONIOS”



Fonte: Capa do Livro Orixás, Caboclos e Guias (MACEDO, 2007).

Segundo estimativas da própria IURD, o livro Orixás, caboclos e Guias do Bispo Edir Macedo vendeu cerca de 3 milhões de exemplares desde a sua primeira edição em 1997, sendo alvo de ações civis e criminais por parte da justiça sob o argumento de que o mesmo afrontava os direitos fundamentais, a liberdade de crença, bem como a convivência de povos, de religiões diferentes, com ênfase nas religiões de matriz africana. Concebido através de um discurso de injúria e racismo religioso, contra tais grupos, acoplou uma série de pensamentos

preconceituosos proferidos pelo autor, com a intenção clara de desqualificar e incentivar a discriminação a esses grupos. No subtítulo do livro está escrito, “Deuses ou demônios”, deixando explícito a ideia de que os Orixás, Caboclos e Guias, são “Demônios”, portanto, inimigos dos evangélicos, inimigos que devem ser expurgados em sua essência. Ao construir e difundir esse discurso, para além do Brasil, Edir Macedo, evidencia o quanto intolerante é o seu grupo religioso, bem como perigoso, visto que é nas diferenças que identificamos a diversidade. Nas palavras de Silva (2007) *apud* Edir Macedo (1997) a publicação do livro *Orixás, Caboclos e Guias*<sup>5</sup>, tem como objetivo, o uso de uma farta ilustração que se vale do próprio status da dimensão estética e ritualística das religiões afro-brasileiras para julgá-las como demoníacas. O autor, faz uma leitura sistemática da composição imagética, descrevendo os elementos e a provável intenção do autor.

Na foto do orixá Oxalá (paramentado de branco) é reproduzida sobre um fundo vermelho e preto (cores de Exu), tendo à sua frente a estátua de um caboclo e de São Jorge, fios de contas, quartinhas etc. Ao centro, uma caveira é rodeada por velas acesas em círculo. Obviamente, trata-se de uma montagem de peças na forma estilizada de um “despacho” e, por isso mesmo, seu poder imagético é bastante sugestivo, sobretudo pelas associações que induz por meio de coisas funestas (a caveira); ameaçadoras (o caboclo com a sua clave erguida em posição de combate); misteriosas (os elementos litúrgicos) (SILVA, 2007 p. 214 *apud* MACEDO 2007).

É pertinente ressaltarmos que uma das formas de atuação proselitista neopentecostal é identificar o campo simbólico das religiões rivais e, posteriormente seus elementos; construir um discurso de desqualificação, bem como, elencar sobre os mesmos a prática da demonização. Esse contexto também significou a difusão de uma proposta fundamentalista, na qual essa geração de igrejas mantém sua exegese identificada. Nesse sentido, é notório que existe um conjunto de mecanismo que corroboram na produção de sentidos e para além disso nas linhas que em relações micro, constroem e sedimentam as relações de poder. Conforme Michel Foucault (1979) tais relações estão facilmente no campo de observação, por meio de estruturas, que ainda que de forma fragmentada constroem o seu núcleo, atrelando as relações sociais a uma dinâmica forjada por ambiguidades, contradições que estão intrinsecamente ligadas a um

---

<sup>6</sup> O livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou demônios* do Bispo Edir Macedo foi alvo de uma Ação Judicial da Procuradoria da República no Estado da Bahia foi instaurado o Procedimento Administrativo nº 1.14.000.000189/2004- 21, com o escopo de apurar a prática de intolerância religiosa perpetrada por pastores de igrejas evangélicas pentecostais em desfavor de religiões de matriz africana. Na referida ação a Igreja Universal do Reino de Deus, através da gráfica Universal LTDA, foi condenada pela 4ª Vara de justiça Federal a “retirada de circulação, suspensão de tiragem, venda, revenda, e entrega gratuita (seja em igrejas, templos, entrepostos, livrarias ou serviços de “televentas”, - 0300, 0800 ou equivalente) da referida obra. Na decisão foi determinado também o recolhimento de todos os exemplares existentes em estoque, no prazo de trinta dias. Foi fixada multa diária no valor de 50 mil reais, em caso de descumprimento, além de sanções, civis e criminais”.

movimento que concerne a instituição e manutenção do poder. Para além da condição de opressor e oprimido, os grupos sociais estão inevitavelmente conectados a essa estrutura.

**No Capítulo I**, discutiremos Fundamentalismo e intolerância religiosa no Estado Moderno. Dissertaremos, para tanto, sobre a gênese do discurso fundamentalista contemporâneo; a intolerância religiosa em números; epistemologia da tolerância, democracia e laicidade. Nesse sentido, é preciso salientar que o discurso fundamentalista surgiu de forma atrelada a um movimento religioso que concebia a teoria Criacionista baseada no texto bíblico a incumbência de explicar a essência da humanidade, aliada a um descredito, preconceituoso as teorias Darwinistas. Por conta do contexto, ressaltamos a necessidade de expor o cunho desse momento histórico, bem como compreender os possíveis impactos advindos desse contexto de intolerância religiosa.

Conforme Macedo (1997), os evangélicos não devem apregoar um evangelho, leve, despido do compromisso absoluto de converter fiéis, e combater o mal, para o Bispo o evangelho deve ser apregoadado numa dinâmica de batalha, numa batalha constante, onde o resultado final deve ser a eliminação do opositor. O evangelho “café com açúcar”, estaria em conformidade com uma prática cujo o respeito e a tolerância permeiam o ato de apregoar o evangelho. A agressividade, a imposição do neopentecostalismo não tem ocorrido por acaso, nesse sentido é comum lideranças de grandes igrejas como a IURD, incentivarem práticas abusivas aos fiéis com a finalidade de conquistar novos adeptos.

Para os neopentecostais, é preciso intensificar os ataques as religiões demoníacas, com a finalidade de convertê-los finalmente derrotá-los. Autores como Oro (2006) tem se debruçado em estudar sobre o avanço neopentecostal, bem como a expansão de sua maior representante na atualidade que a Igreja Universal do Reino de Deus.

A Igreja Universal do Reino de Deus, ou simplesmente Universal, ou Iurd, como também é conhecida, consiste num dos mais impressionantes fenômenos religiosos do Brasil dos últimos anos. Fundada em 1977 por Edir Macedo, essa igreja neopentecostal brasileira alcançou um crescimento espantoso na última década. De 269.000 adeptos em 1991, atingiu 2 milhões em 2000, um crescimento anual de 25,7%. Está presente em 80 países de todos os continentes, tendo cerca de 600 mil fiéis no exterior. Implantou 7.000 templos e possui 14.000 pastores, 17 catedrais estão sendo construídas no Brasil por grandes construtoras como a Queiroz Galvão e a Odebrecht (FOLHA DE SÃO PAULO, 7/12/2003, seção Dinheiro apud ORO, 2005/2006 p. 320).

Bladsoe (2012) ressalta também a utilização e estratégia de mídia, tem se expandido em programas de rádio, jornal impresso, além da Rede Record de televisão de propriedade de Edir Macedo. Esses recursos de marketing tornaram-se uma das principais ferramentas no processo

de evangelização, bem como difusor de ideias e nas palavras de Oro (2006), tais recursos fazem parte de um arsenal bélico com objetivo de arregimentar fiéis, bem como acompanhar o projeto de tomada do poder político citado por Macedo (2006), que consiste em governar o Brasil.

Os neopentecostais creem que o que se passa no “mundo material” decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no “mundo espiritual”. Guerra, porém, que não está circunscrita apenas Deus/anjos X Diabo/demônios. Os seres humanos conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha. Agem, cada qual, segundo seu livre-arbítrio. Voluntariamente engajados no lado divino, creem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para em nome de Cristo, reverter as obras do mal. Isto é, acreditam-se capazes de alterar realidades indesejáveis do “mundo material” por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas. Incumbidos por suas igrejas (que se dizem erguidas por Deus para combater o Diabo, atividade que vem como precondição para evangelizar lugares e indivíduos submetidos a Satã) de se engajar no “bom combate”, os neopentecostais passaram a enfrentar agressivamente o inimigo de Deus e da Humanidade. O que os cultos mediúnicos têm a ver com isso? Do ponto de vista destes crentes, O Diabo e seus asseclas agem no “mundo material” por meio dessas religiões, de seus adeptos idólatras e de outras agências satânicas, para levar os seres humanos á perdição. Daí a necessidade de combatê-los (Mariano, 2014 p. 113).

**No capítulo II**, propusemos dissertar sobre a gênese do discurso fundamentalista neopentecostal contemporâneo, através de uma abordagem pragmática sobre o contexto socio-histórico concernente a questão, bem como tais práticas se desenvolvem num país onde a democracia e a laicidade constituem os pilares fundamentais para a sociedade. No presente contexto, fez-se necessário observar o quanto a intolerância religiosa tem afetado a sociedade brasileira através de números. Para tanto, se faz mister compreendermos como o retorno da guerra santa tem se desenvolvido através do discurso dominante, enfocando a questão da fé do outro nestes discursos, visto que o princípio fundamental da laicidade requer tolerância e respeito, enquanto os neopentecostais vem divulgando exaustivamente a tese fundamentalista do século XIX, requerendo o ensinamento da teoria Criacionista inclusive em ambientes escolares e públicos.

Nesse sentido, faremos uma análise descritiva da referida igreja, de como estas práticas atuam no campo simbólico, no imaginário coletivo, bem como suas consequências. Torna-se pertinente para tanto, observarmos as explicações de ordem religiosa que prefiguravam os discursos justificativos do racismo religioso, apontados no livro *Negritude: Usos e sentidos* (2009), pelo sociólogo Kabenguele Munanga que demonstra como essas narrativas simbólicas formaram a base de uma discurso e prática demonizadora, não somente da religiosidade de alguns grupos, como também de todo o continente Africano. Conforme o autor:

Outros aceitaram a explicação de ordem religiosa, nascida do mito camítico entre os hebraicos. Segundo ele, os negros são descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por lhe ter desrespeitado quando o encontrou embriagado, numa postura indecente. Na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nesta ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho. De acordo com a simbologia de cor, alguns missionários, decepcionados na sua missão de evangelização, pensaram que a recusa dos negros em se converterem ao cristianismo refletia, de fato, sua profunda corrupção e sua natureza pecaminosa (MUNANGA, 2009 pp.9-10).

Como definiu Ari Oro (1997, p.17) a demonização é um recurso estratégico, diante de um "confronto belicoso", um recurso simbólico posto em prática por religiões que competem entre si para arregimentar fiéis e para se impor legitimamente. Isto porque inferiorizar a cultura do outro, transformou-se numa das grandes armas do sistema colonizador de subtrair territórios, bem como obrigá-los a seguir os ditames impostos por um regime de dominação. A religiosidade, sempre foi um dos aspectos fundamentais na vida em comunidade, mesmo que o sujeito não seja vinculado a um credo, existe uma referência religiosa no seu contexto social. Por isso, o ataque aos povos escravizados foi justamente numa das referências simbólicas que lhes garantiam uma espécie de comunhão coletiva, que lhes conferiam traços unívocos para a formação de uma identidade coletiva. Nesse contexto, através do mito camítico, disposto no texto bíblico que a Igreja Católica forjou o discurso e a representação do negro como sendo portadores do "pecado" e da "maldição divina", enquanto através da escravidão dos corpos, impunham-lhe nas mentes que a sua natureza era pecaminosa, sendo a conversão ao catolicismo a única maneira de livrá-los da condição e do destino de pecadores.

**No capítulo III**, faremos a análise discursiva de como se forjou a representação da identidade religiosa afro-brasileira através do discurso demonizador da Igreja Universal do Reino de Deus, por meio do programa de Televisão "*Obreiros em Foco*" exibido diariamente pela TV Universal (emissora do Bispo Edir Macedo). Nesse contexto, considerando que o discurso religioso possui relevância histórica, e é também um importante instrumento na construção social da identidade do crente, moldando seu ponto de vista e também as suas ações numa esfera que está para além do simbolismo do texto bíblico, esse discurso corrobora para a difusão de uma representação estereotipada das divindades das religiões de matriz africana e afro-brasileira e dissidentes. Nesse momento, entretanto, é pertinente observarmos a instrumentalização da televisão, que no Brasil é um grande meio de comunicação de massa, além de ser uma excelente ferramenta de propagação de ideias. Este é um programa apresentado

a partir das 22h, exibindo geralmente noticiário sobre como a prostituição, as drogas, a violência e o divórcio tem interferido na vida dos ex-obreiros, que participam dos momentos de cura e exorcismo com o objetivo de serem “resgatados” de uma vida pregressa, cheia de falhas moralmente reprováveis influenciada pela atuação dos demônios ou encostos. Atualmente este programa é apresentado pelos pastores os Bispos Sérgio Corrêa e o Bispo Ronaldo.

Nesse sentido, consideramos a obra “A Identidade Cultural na Pós-modernidade” de Stuart Hall (2005) de extrema relevância, como força de combate ao fundamentalismo religioso em tempos de globalização, visto que o autor oferece reflexões acerca da identidade individual e coletiva na contemporaneidade, bem como de como ela está sendo forjada através de interesses que, para além da subjetividade individual, podem colocar o indivíduo não mais como um sujeito uno, dotado de uma única identidade, mas com a capacidade de se fragmentar em várias faces ao mesmo tempo, sem precisar necessariamente abrir mão de algo. Essa fase, tem chamado atenção para o fato de que as multiplicidades, as diferenças também podem e devem ser relevantes para a formação e/ou construção do legado identitário do ser humano. Na concepção do autor, o indivíduo está muito além de formações categóricas, nesse contexto, ele poderá pertencer a vários grupos, sem necessariamente abarcar verdades e/ou identidades universais, consumadas como dogma.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, -- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato, de que projetamos a “nós próprios”, nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade costura (ou para usar a metáfora médica, “sutura”) o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto, os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 1992 pp. 11-12).

Uma outra nuance a ser observada na pesquisa é a ideia de discurso como principal instrumento de ligação entre o emissor (igrejas *versus* evangelização) e os respectivos receptores (evangelizados), que é um instrumento que carrega muito além do simbolismo, um conjunto de nuances, que a partir de uma performance paradigmática é transformado em armamento de combate/conversão. Em tempos de globalização, a midiaticização das igrejas neopentecostais está sendo recurso estratégico para difundir o que está além do texto bíblico, a exemplo de campanhas publicitárias de produtos a transformação de pessoas economicamente sem recursos em megaempresários, mensagens referentes a candidatos ou partidos políticos vinculados a igreja, novelas, séries tudo mais que a sociedade contemporânea oferece ao

público evangélico, isto porque a salvação deixou de ser apenas uma promessa e passou a ser oferecida e adquirida no mundo terreno mesmo. A IURD, passou a compor um cenário que apresenta soluções para todos os problemas terrenos, através de uma espécie de indústria da fé.

Para Orlandi (2009), o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos, por/para os sujeitos, enquanto a ideologia é justamente um conjunto de ideias que são reunidas para além da construção de um pensamento, ela pode preestabelecer o contexto em que o sujeito está inserido. Segundo a autora:

A Análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com as maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto partes de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2009 pp.15-16).

Produzir sentidos, está muito além do simples ato da comunicação, os púlpitos das igrejas agora são somente mais um instrumento de comunicar, enquanto a mídia abrange essa complexidade de elementos dos quais a igreja contemporânea utiliza para chegar até os fiéis, sem que ele precise se dispor do seu conforto para chegar até a igreja. A cura, o conselho, os cds e livros são dispostos como num mercado, onde a palavra casualidade não tem sentido, é tudo extremamente planejado, calculado, direcionado propositalmente para significar.

É através do discurso, associado a um desempenho performático que nos púlpitos das igrejas, bem como em frente às câmeras de Tvs, Rádios e/ou abordagens em vias públicas que quase de forma teatral os neopentecostais constroem uma espécie de encenação, na qual narrativas bíblicas, associados a testemunhos dos fiéis, o mal é apresentado e representado como sendo entidades ligados a religiosidade afro-brasileira.

Porque a diferença incomoda tanto a ponto de ser restringida, exorcizada e exterminada?

Os sistemas simbólicos que dinamizam o processo de representação do outro, versam sobre um papel relegado ao que por diversas questões pertencem a grupos amistosos, que representam ameaça a uma ordem socialmente estabelecida, imposta por grupos que tem como principal meta desestabilizar seus concorrentes, para aniquilá-los, através de representações estereotipadas, movimentos de confronto, muitas vezes discretos que atingem o simbólico em questão, para nas relações de micro poder encerrar seu plano de “acabar” com a identidade em

questão. Com relação a questão da Identidade e diferença cultural, Tomaz Tadeu (2000), é categórico ao afirmar que:

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. A representação compreendida como processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia, fornecem possíveis respostas, para as questões: Quem eu sou? O que poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constrói os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (SILVA, 2000 p. 17).

A intolerância religiosa tem causado um grande mal-estar na sociedade, isto porque atinge diretamente as relações sociais no que concerne às liberdades individuais e coletivas, corroborando com uma gama de preconceitos, estigmas que se forjam através de leituras estereotipadas do outro. No que tange aos sentidos produzidos a partir de tais versões sobre o povo negro escravizado, esse processo foi responsável por grande parte de uma herança preconceituosa que a sociedade brasileira tem em relação a comunidade afrodescendente, isto porque, ao forjar um perfil identitário satisfatório aos anseios do colonizador, deixou-se entretanto de pontuar a necessidade que essas vozes, esses corpos, essas identidades suprimidas por esse atentado florescessem ao seu momento as suas verdadeiras histórias, os seus verdadeiros rostos, as suas diferenças, tão importantes para sua existência enquanto humanidade.

O conflito religioso causado pelos neopentecostais contra os religiosos de matriz afro-brasileira, remonta também períodos da história em que o outro era considerado o primitivo, o aculturado, o sem civilização, o que deveria ser catequizado, colonizado, disciplinado. Considerando, os avanços nas discussões acerca da identidade, diversidade étnico-religiosa e cultural, cremos que há caminhos que permitem a existência de diálogo entre as diversas matizes religiosos. A análise crítica do programa Obreiros em Foco, deve para tanto, nos mostrar os conteúdos embutidos no discurso dominante, com o objetivo de interpretar, de construir o lugar do outro. O negro dissidente desde os primórdios, porque só veio participar do contexto em questão forçado pela escravidão teve a sua religiosidade maculada, denunciada, acusada de ser causadora dos males.

Nesse sentido, existe uma série de pactos e acordos internacionais e nacionais , tal qual a Declaração de Direitos do Homem (1948); a Declaração sobre a eliminação de todas as formas de discriminações fundadas na religião ou nas convicções (1981); Declaração sobre as pessoas

pertencentes a minorias nacionais ou étnicas (1992), religiosas e linguísticas (1992); Declaração de Princípios sobre a tolerância (1995); Declaração universal da diversidade cultural (2001); Constituição Brasileira: Tópicos da legislação: laicidade do estado e liberdade religiosa (1988); Estatuto da Igualdade Racial e de combate a Intolerância Religiosa do Estado da Bahia (2014), que estimulam essa convivência harmônica entre religiões no mundo. É necessário que afirmemos o Estado Multicultural como imperativo na projeção dos trajetos da tolerância.

Considerando o princípio de Laicidade estabelecido pela Carta Magna, os Acordos e Tratados que versam sobre Tolerância, o amplo cenário de discussões sobre identidade cultural na sociedade contemporânea, é pertinente constituirmos um mundo onde as liberdades individuais sejam sobretudo respeitadas, considerando justa toda manifestação que não ofenda o “outro”, visto que o direito de existir na questão da religiosidade deve ser absoluto, considerando a máxima Émile Durkheim (1912) de que todas as religiões são legítimas e verdadeiras deve ser também considerada, ao invés do que ocorre hoje no mundo inteiro, quando um sistema quer se sobrepor ao outro, desconsiderando diferenças étnicas e culturais.

Na contemporaneidade algumas formas de enfrentar e até solucionar a questão das intolerâncias, socioculturais num momento de pujança de Estados com tendências absolutistas, desrespeito a coexistência de grupos ou formas culturais em contexto global, delimita o caráter emancipatório que as diferenças trazem no bojo da sua essência. Nesse sentido, Silva (2007) o multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo, porque conforme o autor:

O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países para a cultura dominante.). Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional. De uma forma ou de outra, o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que, antes de mais nada, obrigam essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço. (SILVA, 2007 p. 85)

Em sua diversidade o multiculturalismo representa e apresenta caráter emancipatório, conforme (Santos, Nunes, 2014), por resistir aos sistemas de opressão impregnados nas sutilezas entranhadas nos espaços de poder, cuja percepção nem sempre se explicita nas batalhas enfrentadas cotidianamente pelos grupos minoritários, ou discriminados muitas vezes por não pertencerem a uma lógica imposta socialmente pelo poder ou grupo dominante.

## **CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTALISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO ESTADO MODERNO**

O termo fundamentalismo religioso tal qual conhecemos hoje, inseriu-se na sociedade contemporânea, como uma maneira de afirmar uma superioridade teológica, cristã-protestante, sobre as teorias do darwinismo<sup>6</sup> social difundidas e ensinadas em salas de aulas americanas, como também para responder a censura do movimento liberalista à falta de senso crítico no sistema dogmático cristão. Nesse sentido, não surge somente como mais uma alternativa, surge como algo “imperativo”, para construção de uma identidade “homogênea” nacional.

Esses fundamentos, foram projetados para responder a todos os questionamentos advindos de uma comunidade multicultural e de valores diversos que conseguia conversar com as teorias dogmáticas religiosas e o pragmatismo cientificista moderno. Ao contrário da ciência que se utiliza de métodos, experimentos e resultados, a religião não emprega tais preceitos, que compreendam essa forma de racionalidade, visto que a fé em Deus deve estar na essência de todas as coisas, e para além disto, existe um consenso na ideologia cristã de que no texto bíblico está as respostas para todo e qualquer questionamento, bem como a ideia de que o verdadeiro cristão não deve profanar, ou blasfemar contra a palavra de Deus, podendo sofrer inevitavelmente sanções divinas por conta de tal pecado. Neste sentido, Deus está para além da física, da química ou qualquer outra ciência que tente explicá-lo, Ele por si só, já é o fundamento de todas as coisas. Conforme, Vasconcelos (2008), Armstrong (2009), Souza (2013), Pace et al. (2017) e Campos et al. (2017), são unânimes, em afirmar que o termo e a tese do fundamentalismo religioso surgiram no seio da comunidade Cristã Estadunidense, primeiramente como “mentalidade ou espírito” e, depois, como movimento teológico, quando teólogos conservadores se posicionaram durante uma conferência em Niágara Falls, em 1895, contra as teorias evolucionistas e o liberalismo teológico. Esse movimento teológico, como a própria nomenclatura insinua, concebia por essência juntar um conjunto de princípios e doutrinas religiosas cristãs para construir o movimento fundamentalista.

Nos anos seguinte, a discussão é fomentada no meio teológico, entre 1909 e 1915, quando dois pastores Batistas publicam uma série de volumes sob o título *The Fundamentals*. Ao utilizar o termo de maneira positiva, significando que os cristãos (Batistas) da época iam ao fundamento que é a Bíblia Sagrada, essência de todas as coisas, palavra enviada diretamente

---

<sup>8</sup> Darwinismo é o nome dado ao conjunto de estudos e teorias do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882), considerado o “Pai da Teoria da Evolução das Espécies”. A Teoria darwinista diz que os ambientes “selecionam” os organismos mais adequados para habitar determinado lugar, o que Darwin chamou de “seleção natural”.

por Deus, para formar a base da sociedade em questão. Alguns pontos do texto bíblico centralizam a base desse contexto, como por exemplo, a afirmativa de que Jesus Cristo Ressuscitou, o Mundo foi criado em seis dias, no sétimo Deus descansou e que o homem foi criado com o Barro, para confirmar as teorias Criacionistas.

Sendo assim, o texto Bíblico seria a inspiração do próprio Deus e o adepto seria apenas um instrumento que levaria seus preceitos aos ignorantes e (des) crentes, uma vez que os fundamentalistas eram críticos ferrenhos da ciência moderna e queriam recuperar o espaço perdido. Segundo Pierucci (1992, p. 152) apud Souza (2013, p. 17) o termo fundamentalista foi cunhado em 1920 pelo pastor Curtis Lee Laws, editor do jornal Watchman Examiner, para designar as pessoas ou as igrejas comprometidas em defender a fé Cristã.

Um dos marcos históricos da participação do movimento fundamentalista na cena pública, foi o julgamento do Macaco de Scopes, o Scopes Trial em 1925. O caso em questão ocorreu quando um professor de biologia foi acusado de ensinar as teorias evolucionistas de Charles Darwin na escola. O referido julgamento foi celebrado em 1925 em Dayton, no Estado do Tennessee. No centro do debate jurídico estava a questão da permissão do ensino, nas escolas públicas, das teorias darwinistas, que eram consideradas contrárias à narrativa bíblica da criação do universo. Nesse ambiente circulavam também os ideais liberais que corroboravam em defesa da diversidade humana em seus aspectos culturais e sociológicos, bem como a manutenção de uma hermenêutica dinâmica, didática, no sentido de respeitar a pluralidade de pontos de vista, sobre as razões que versam sobre a existência humana. Abordando numa perspectiva histórica Enzo Pace (2017), ao tratar da temática Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade, nos mostra quais foram as bases do surgimento deste movimento:

O fundamentalismo surge nos Estados Unidos da América como uma corrente teológica, no meio protestante, opondo-se às tendências da teologia liberal que já havia se desenvolvido na Europa. Em uma conferência em Niágara Falls, em 1895, os teólogos conservadores se posicionaram, oficialmente, contra as novas interpretações do texto bíblico. Eles elaboram um documento que sintetiza os pontos considerados importantes para uma teologia que pretenda respeitar a verdade bíblica. Entre esses pontos está a divindade de Cristo e a certeza da sua segunda volta. O ponto nevrálgico desta teologia é a afirmação da absoluta inerência do Texto Sagrado. Este princípio é considerado o critério essencial, com base no qual é possível distinguir um comportamento religioso fundamentalista, de outros denominados modernos ou abertos ao uso do método histórico-crítico, no estudo exegético da Bíblia (Pace, p.19 2017).

Nesse sentido, Pedro Vasconcelos (2008), em *Fundamentalismos: matrizes, presenças e inquietações*, ressalta que o conceito de “fundamentalismo” é associado à adesão de uma

verdade, a verdade bíblica, mas que poderia ser pensado na relação com a intolerância diante de quem compreende possuir e viver outra percepção dessa verdade. Percebemos na atuação neopentecostal atualmente valores que correspondem a um ideal fundamentalista, uma vez que compõe a sua base teológica a “inerrância absoluta da Bíblia Sagrada”. O que funda primeiro essa ideologia é a exclusão da ideia de que pode haver múltiplas interpretações para o texto bíblico, bem como compreender além do texto, o contexto e o tipo de literatura que o compõe. O segundo ponto concerne a ideia de que o Cristianismo é a única religião verdadeira, nesses termos enfatizamos ainda o Cristianismo protestante, isso porque eles se intitulam como os verdadeiros escolhidos por Deus, excluindo outras vertentes teológicas fundadoras ou dissidentes dos mesmos.

Toda escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, redaguir, corrigir e instituir na justiça. (2 Timóteo 3:16); Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo. (2 Pedro 1:20-21); Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1:14)

Interpretações literais do texto bíblico, com ênfase ao texto citado acima, foram utilizadas para validar tais pensamentos. Ao se referir a essência do texto Bíblico, Dominique Maingueneau (2008) em *Cenas da Enunciação*, ressalta que o texto bíblico é composto a partir da compilação de leis, poemas, narrativas históricas, mitos, estórias e provérbios, além de outras narrativas que seriam “inspiradas” por Deus e fizeram parte de algum momento da história. Já Eni Orlandi (2009), ao analisar o discurso religioso, afirma que o texto bíblico é onde fala a voz de Deus.

A inerrância do texto bíblico pressupõe que não existe outras fontes produtoras de conhecimento religioso, ou outros meios de construir essa verdade, além das Escrituras, cujo verdadeiro autor é o Espírito de Deus. O fenômeno religioso requer análise, uma vez que o termo fundamentalista foi cunhado por um grupo de protestantes que contrapunham os ideais liberalistas nos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX. Em relação aos ideais liberalistas, Vasconcelos (2008) ressalta que:

O racionalismo, que tendia a enfatizar a razão humana como critério único para o reconhecimento da verdade e o empirismo, recolhendo exclusivamente na verificação experimental a garantia para a ciência confiável, interferiam no modo de pensar, no contexto teológico, a presença de Deus no mundo, e, particularmente, a maneira de abordar os textos bíblicos. Era o “liberalismo teológico”, expressão genérica que designava uma gama variada de esforços visando compatibilizar a reflexão cristã sobre Deus com os postulados das correntes filosóficas modernas. Seria necessário não apelar ao divino para justificar as idas e vindas da história humana; seria preciso,

principalmente, romper com a tradição dogmática das igrejas cristãs para ter acesso, à história do povo de Israel, de Jesus e do cristianismo primitivo (Vasconcelos, pp. 23-24 2008).

Para Armstrong (2009), Hegel, Marx e Darwin, acreditavam que a evolução resultava do conflito, culminando na tese Darwinista de que a existência era dominada por uma luta biológica, invisível a olho nu. Ademais, os protestantes também gostavam da filosofia do iluminismo escocês do século XVIII, que se opunha à epistemologia subjetivista de Kant, que, segundo a autora, proclamava a verdade objetiva e acessível a todo homem sincero e dotado de bom senso. Nesse sentido é pertinente refletirmos como foi possível conceber um Deus, onisciente, onipotente e onipresente, num contexto onde pulsava os ditames da ciência moderna, onde os pilares da crítica a verdades absolutas ecoavam mundo a fora?

O fundamentalismo é a resposta visto que, a ambição de controlar, dominar os Outros era tão grande, que ao homem cristão coube a necessidade de fazer-se notável a partir da intolerância a outras formas de religiosidade, ou simplesmente a outras formas de pensamento. Perante o exposto, entretanto, torna-se importante considerarmos a relevância histórica do fenômeno religioso e seu entrave com a ciência do século XIX que para além desse contexto, existem ainda uma gama de religiões monoteístas que figuram um cenário de disputa de território, onde não admite está fora do centro das relações humanas. Baleeiro (2013), ressalta para tanto que a religião é derivada de processos históricos, elas não são o início, ou fim em si mesmas, elas figuram resultados, esforços e muitas vezes somas de acontecimentos que saltam o interior humano e passam a circular no cotidiano, considerando a sua dinâmica. De acordo com Souza (2013):

A religião não tem origem em suas escrituras, mas o contrário. Além disso, os grupos que propõem um retorno às fontes o fazem a partir de determinada tradição. No protestantismo, por exemplo, a afirmação da ressurreição de Jesus como fato histórico não se dá somente porque está descrita em determinadas passagens da Bíblia, mas porque há uma tradição que legitima tal leitura. (...)Só é possível falar em fundamentalismo como partes de um fenômeno contemporâneo. Se aquilo que os identifica os fundamentalismos diante de vários outros movimentos religiosos radicais, intransigentes e até mesmos violentos, não são suas práticas, mas sua origem como reação e ao mesmo tempo apropriação da modernidade (Baleeiro in Souza, 2013 p. 20-22).

O ideal fundamentalista cristão-evangélico surge, conforme Vasconcelos (2008), porque os crentes<sup>7</sup> não pretendiam ver sua fé restrita ao âmbito subjetivo e, pretendem por meio da remissão dos pecados, através do Sangue de Jesus Cristo, salvar a humanidade fadada a pecados como a homossexualidade, o aborto e fornicção. A ideologia da salvação, está no cerne da

---

<sup>7</sup> Designação de Cristãos evangélicos, isso por conta dos usos e costumes inerentes ao grupo em questão. No cerne da palavra crente, subtende-se também a designação de alguém crer em algo (em Deus) por exemplo.

identidade religiosa dos cristãos, que contemplam a missão de converter a humanidade do destino trágico que lhes é reservado fora da igreja. Para tanto, eles precisam alertar os infiéis do erro que cometem (ao não aceitar Jesus como seu único Senhor e Salvador).

A sociedade moderna encontra-se enviesada por um conjunto de complexidade, com raízes paradoxais que dão conta de tecer um longo caminho que tem rompido fronteiras étnicas e identitárias que se projetam para além da solidez de uma única ideologia, e que nesse sentido formam as multiplicidades que inspiram sua existência. Segundo Stuart Hall (1992, pp. 13-15), o termo modernidade tardia, deriva de um longo processo de descontinuidades, mudanças, rupturas, num contexto, onde o sujeito não é uno, ele é fragmentado, podendo possuir várias identidades, nas quais estarão evidentes os reflexos na sua identidade sociocultural. Essa dinâmica rompe totalmente com o pensamento fundamentalista, visto que eles não concebem em hipótese nenhuma que o ser humano rompa as fronteiras geográficas e culturais, adquira novas experiências e que tragam as diferenças ao bojo das relações sociais.

O edito intitulado *The Fundamentals*<sup>8</sup> – A Testimony to the Truth (Os fundamentais- um testemunho em prol da verdade), utiliza textos bíblicos para confrontar as teorias do Darwinismo, a Filosofia Moderna e tudo mais que se contrapunha a máxima da verdade Cristã. Sobre a palavra “verdade” a Bíblia Sagrada traz 434 referências ao todo no texto canônico. Retiramos alguns trechos dos fundamentos utilizados na contemporaneidade pelos evangélicos para provar que Jesus é o caminho “verdadeiro” a ser seguido.

Ele é a Rocha, cuja sua obra é perfeita, porque todos os caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é. Deut (32:4); Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para aqueles que guardam a sua aliança e os seus testemunhos. Sal (25:10); Envia a tua luz e a tua verdade para que me levem ao teu santo monte, e aos teus tabernáculos. Sal (43:3); Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. João (1:17); E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. João (8:32); Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai, senão por mim. João (14:6); Disse Jesus: E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. João (14:16, 17).

---

<sup>8</sup> *The Fundamentals* (1920) – A Testimony to the Truth (Os fundamentais- um testemunho em prol da verdade), foi gerado na Conferência Bíblica de Niágara (1910), durante a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana que gerou os "cinco fundamentos": A Bíblia é inspirada pelo Espírito Santo e inerrante (sem erros); o nascimento virginal de Cristo; a morte de Cristo para a redenção do pecado; a ressurreição de Cristo; a realidade histórica dos milagres de Jesus.

Para resumir num pequeno edito os Fundamentos foram divididos em cinco, a partir de uma concepção pragmática acerca dos dogmas do protestantismo tradicional despostos em cinco fundamentos que sintetizam a tese, são eles: “1- A bíblia é inspirada pelo Espírito Santo e inerrante (não contém erros); 2- O nascimento virginal de Cristo; 3- A morte de Cristo para a redenção do pecado; 4- A ressurreição de Cristo; 5- A realidade histórica de Jesus”.

Nos moldes da constituição sobre uma verdade que se pretendia absoluta, constituíram os editos baseados em trechos bíblicos em que a palavra “verdade” deveria derivar de uma certeza enfática de que aquele discurso deveria ser proferido sem nenhuma restrição ou criticidade, àquele era o ideal a ser seguido, pois ali se encontrava a fonte para responder todos os questionamentos possíveis, visto que o próprio Deus, em nome de Jesus Cristo, havia proferido e que deveria ser reconhecido através do discurso e também da prática dos cristãos. Nesse contexto, qualquer modo de interpretação que não estivesse ligado ao modelo pré-estabelecido, seria deslegitimado, por apresentar incoerências com o padrão estabelecido. Ao propor uma historicização a partir de uma interpretação pretensamente absoluta, tem-se automaticamente como consequência a rejeição da hermenêutica, visto que tal ideologia se apoia na concepção de um sentido único. Nas palavras de Vasconcelos (2008):

O que antes chamamos a “rejeição da hermenêutica” por parte dos fundamentalistas tem uma justificativa: se, de alguma forma, o sujeito intervier na definição do sentido do texto sagrado, ele o fará a partir de suas experiências vividas e, conseqüentemente, comprometerá a verdade objetiva que o texto comporta. O que levaria a uma multiplicidade de interpretações da doutrina religiosa, colocando em risco sua inteireza e consistência. Ao contrário disso, para os fundamentalistas a verdade está exclusivamente no objeto, no caso, está no livro sagrado, e por essa razão, seu sentido é único. Em outras palavras, o conteúdo do livro sagrado não pode ser selecionado (VASCONCELOS, 2008 p. 45).

Com relação aos aspectos fundamentais hermenêuticos, no que tange à teria da interpretação do texto bíblico, Falção (2004, p. 94) afirma que, no que pese a liberdade do sentido, não deve postar-se insensivelmente perante as bases éticas da linguagem. Para o autor, é justamente a liberdade da interpretação que faz com que haja uma espécie de inegotabilidade de sentidos. A interpretação fundamentalista contraria essa regra, ultrapassando um viés ético, num sentido de que a interpretação deve corresponder aos fins desejados, no caso da inerrância do texto bíblico e/ou que a ele seja deferido diversas interpretações. Leonardo Boff (2009), ao analisar as bases do pensamento fundamentalista assegura que:

O fundamentalismo protestante ganhou sua forma clássica a partir de trabalhos de teólogos e pregadores que atuavam dentro da Universidade de Princeton. Estes

tomavam as palavras da Bíblia ao pé da letra (para a fé protestante o fundamento de tudo é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre. Em nome deste literatismo, estes fiéis opunham-se as interpretações da assim chamada Teologia Liberal, que usava e ainda hoje usa, os métodos históricos-críticos para interpretar textos escritos milhares de anos atrás. Segundo estes métodos, a história e as palavras não ficam congeladas no passado, mas mudam de sentido ou ganham novas ressonâncias de acordo com mudanças dos contextos históricos. Por isso precisam ser interpretadas para terem resgatadas o seu sentido original. Na concepção dos fundamentalistas, este procedimento, considerado natural pelo simples bom-senso, é ofensivo a Deus (BOFF, 2009, p. 11-12).

Conforme Leonardo Boff (2009), a igreja, enquanto fonte de inspiração material e imaterial do homem, já não era mais o principal fator de agregação, os fiéis inseridos em contexto fundamentalista eram orientados a seguir uma espécie de imobilismo que confrontava diretamente a autonomia da razão e do espírito democrático. A igreja assumia, portanto, a esfera do privado, enquanto a Teologia Liberal, asseverava a crítica a prática fundamentalista, através de métodos dialéticos, históricos-críticos, visando assegurar uma interpretação onde a ética fosse o cerne da questão, uma vez que os cristãos da corrente oposta, apoiavam-se em métodos radicais que impunham a teologia dogmática ao pragmatismo cotidiano.

Autores como Provinciatto e Miguel (2017, p. 41-43) afirmam que, ao longo do desenvolvimento do fundamentalismo judaico, foi-se percebendo que a relação entre a Palavra de Deus e a vida sócio-política de seus membros, está cada vez mais interligada aos cerne dos grupos e que para além disso conforme os autores, o fundamentalismo está presente na medida em que suas ações violentas são justificadas por interpretações dos textos sagrados. Boff (2009), confirma sua análise ressaltando que:

Os Fundamentals apresentavam uma proposta de um cristianismo extremamente rigoroso, ortodoxo e dogmático, que servia como orientação aos fiéis diante da avalanche de secularização e modernização que invadia toda a sociedade norte-americana. Eles não iam contra modernização tecnológica, mas combatiam o liberalismo, novo espírito que proclamava a liberdade de opinião, de religião e de outras liberdades e que foi condenado duramente pelos papas a partir de meados do século XIX. Para os fundamentalistas, tais movimentos punham em risco a segurança e tranquilidade de espírito que a fé cristã sempre oferecera. Importava condená-los. (BOFF, 2009. p. 10).

O fundamentalismo religioso passou por um processo de anestesia do qual o grupo social que dele deriva passou a ser a base para a compreensão de que não serão bem-vindos outros tipos de interpretação do texto bíblico, bem como não se deve admitir a existência de outros credos religiosos, cuja diversidade será negada, expurgada e demonizada pelos mesmos. No

contexto de radicalismo, surgem atitudes e discursos de intolerância religiosa, ódio religioso, que envolvem desde a violência simbólica com a não aceitação do “outro”, até a violência psicológica e física.

No Brasil, esse longo processo tem início através do advento da colonização (1500), até o período monárquico, quando em 1824 durante a concepção da primeira constituição<sup>9</sup> o Imperador Dom Pedro I elegeu o catolicismo religião oficial, tendo amplos poderes chegando a governar ao lado do Estado. Segundo Vasconcelos (2008), a luta por garantir a ilegalidade de outras expressões religiosas esteve ligada a defesa do regime monárquico, ideários que marcaram, por filtros complexos, expressões religiosas populares como os movimentos de Belo Monte (Canudos) e Contestado, conforme o autor:

O pragmatismo que marcará os fundamentalismos do século XX já se fará mostrar aí: em vistas a não perder as benesses usufruídas no antigo regime, a hierarquia eclesiástica católica não temerá aliar-se aos governos republicanos para debelar esses grupos dissidentes. (...) Os debates acalorados com grupos protestantes, especialmente presbiterianos, batistas e metodistas, ocorridos na primeira metade do século XX, situam-se neste cenário, bem como a continuidade do processo de desqualificação das expressões religiosas de matriz indígena ou africana ou a algumas delas mesclada (Vasconcelos, 2008 p. 100).

Estamos por tanto, ligados mesmo que de maneira inconsciente a um sistema que se projeta legítimo, pois, as marcas das alianças com o governo perduram até hoje. Enquanto uma religião foi privilegiada, outras foram simplesmente rejeitadas, excluídas dos processos. Nos idos do século XXI, nos deparamos com dissidentes do pentecostalismo<sup>10</sup>, classificados como ondas, por se tratar de movimentos ideológicos, cada um no seu momento histórico perfizeram a história pentecostal. Pontuaremos nesse sentido, essa classificação: Primeira Onda do Pentecostalismo (1910-1950); Segunda Onda ou Pentecostalismo Neoclássico (1951) e a Terceira Onda ou Neopentecostais (1960). Os neopentecostais, concebem o cerne desta

<sup>9</sup> A Constituição do Império do Brasil (oficialmente denominada Constituição Política do Império do Brasil) de 1824 foi a primeira constituição brasileira. A carta constitucional foi elaborada por um conselho, a pedido do imperador Dom Pedro I. Foi uma constituição outorgada.

<sup>10</sup> A chamada Primeira Onda ou Pentecostalismo Clássico, que corresponde ao período situado entre 1910 e 1950. No Brasil, a primeira organização foi fundada por missionários italianos de origem valdense, a Congregação Cristã no Brasil (1910, em São Paulo); imediatamente após, funda-se, em 1911, a Assembleia de Deus, no Pará, por missionários suecos, que se expande em todo o território nacional. Caracteriza-se desde o começo por forte oposição ao catolicismo, pela ênfase na glossolalia (falar em línguas), ênfase na evangelização dos povos indígenas e conduta ascética ou de rejeição ao mundo. (...) A Segunda Onda ou Pentecostalismo Neoclássico, que associou o dom de falar em línguas como sinal do batismo do Espírito Santo, à "cura divina". Brasil, este movimento se inicia com a chegada de dois missionários norte-americanos, Harold Williams e Raymond Botright, pertencentes à Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (International Church of The Foursquare Gospel). Criam a Cruzada Nacional de Evangelização baseados na cura divina e logo fundam em São Paulo, no ano de 1951, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) que, à diferença das demais, é predominantemente liderada por mulheres. Ainda, a Igreja Brasil Para Cristo (1955, São Paulo), Deus É Amor (1962, São Paulo), Casa da Benção (1964, Minas Gerais), e outras de menor porte. (Souza; Magalhães, 2002 v. 22).

pesquisa, visto que além de manterem a voz ativa em favor da sua religião como sendo “única e verdadeira”, mantem religiões como o Candomblé e a Umbanda como principais alvos de intolerância religiosa, através de práticas nada amistosas na tentativa de eliminar o “inimigo” em questão.

Autores como Silva (2007), Bladsoe (2012), Gonçalves (2013) e Mariano (2014), afirmam que o movimento neopentecostal no Brasil, surgiu no final da década de 70. Suas principais precursoras são a Igreja Universal do Reino de Deus (Rio, 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio, 1980), Cristo Vive (Rio, 1986), além das igrejas Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1976) e Igreja Internacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994) tendo como principal fonte de inspiração a inerrância do texto bíblico, a cura divina e a expulsão de demônios, seções de exorcismo introduzidas pelos missionários da Cruzada, o falar em línguas (glossolalia), a prosperidade material, a utilização dos meios de comunicação de massa (marketing), o sincretismo religioso, além de terem como principal inimigo no caso brasileiro, as religiões de matriz africana à partir da premissa de que as suas divindades, são o Diabo, o arquí-inimigo do Deus Cristão, que precisa ser combatido.

Sobre a nomenclatura “neopentecostalismo”, Ricardo Mariano (2014, p. 33) afirma que o termo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter a sua formação recente, como ao caráter inovador, embora o termo foi cunhado nos EUA, para designar dissidências pentecostais, das igrejas protestantes. Para o autor, existem três pontos de confluência da dinâmica neopentecostal que são: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e o seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização de estereótipos, usos e costumes de santidade. Em breve reflexão sobre a prática neopentecostal Pedro Ari Oro (1992) apud Mariano (2014, p. 35), descreve as igrejas neopentecostais como pouco inclinadas à tolerância e ao ecumenismo, além de terem líderes fortes, carismáticos, que utilizam os meios de comunicação de massa para arregimentar fiéis.

Perante esta concepção, líderes religiosos como Edir Macedo (2006) inspira os fiéis a engrenarem na batalha cósmica contra o mal, acirrando as relações de tolerância, bem como invadindo o direito de existir do Outro. Munidos de uma estratégia que se estende desde apregoações do evangelho em locais públicos, invasões de terreiros de Candomblé e centros de Umbanda, agressões físicas e verbais aos seus membros, durante programas de rádio e televisão com fins proselitistas, os fundamentalistas neopentecostais rumam ao combate do Diabo identificado nas religiões concorrentes. Conforme Vasconcelos (2008):

Destacamos que algumas expressões do pentecostalismo, tornadas mais visíveis pelo uso massivo de meios de comunicação, têm assumido a bandeira, típica dos fundamentalismos que viemos encontrando, de desqualificar e mesmo demonizar outras expressões religiosas. Se por vezes o alvo tem símbolos religiosos católicos, as religiões afro-brasileiras, como o candomblé e umbanda, vem sendo os alvos preferenciais. Movimentos nesse sentido têm ultrapassado a performance televisiva para ganhar as ruas: agressões a pais e mães-de-santo tem ocorrido, aqui e ali (VASCONCELOS 2008, p. 102).

Nesse contexto, relembremos alguns fatos aferidos por uma ordem cronológica, já citados inclusive na introdução sobre como os neopentecostais tem utilizados os meios de comunicação com o pretexto de evangelizar as pessoas para atacar religiões concorrentes e promover atos de intolerância religiosa.

Em 12 de outubro de 1995, feriado nacional de Nossa Senhora Aparecida (considerada pelos Católicos padroeira do Brasil), ocorreu um episódio conhecido como “Chute na Santa”, onde o Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sergio Von Helder, proferiu insultos verbais e físicos à imagem de Nossa Senhora Aparecida, durante o programa matutino “O despertar da fé”.

Na edição de 26 de setembro a 2 de outubro de 1999, o Jornal Folha Universal publicou uma matéria com a seguinte manchete: “Macumbeiros e charlatões, lesam o bolso e a vida de clientes”, para ilustrar a matéria utilizou uma imagem da Ialorixá Gildásia dos Santos do Terreiro Abassá de Ogum em Salvador na Bahia, com uma tarja preta sobre os olhos. A referida imagem foi publicada pela revista Veja, quando a Ialorixá participava de atos em Brasília (1992), pedindo o impeachment do Ex-Presidente Fernando Collor de Melo. Em 21 de janeiro de 2000, Mãe Gilda faleceu em virtude dos acontecimentos.

Conforme, Oliveira (2003), em 7 de dezembro de 2011 foi divulgada pela internet carta-denúncia dirigida ao sr. Edir Macedo, em que se repudia a página ([www.bispomacedo.com.br](http://www.bispomacedo.com.br)) que vincula acusações a religiões afro-brasileiras, as quais ele chama de mistura diabólica.

Em agosto de 2017, foi aprovado um projeto de lei apresentado pelo deputado estadual Pastor sargento Isidório Manoel Santana Júnior<sup>11</sup> (PDT) à Mesa Diretora da Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA), solicitando a cessão de um espaço dentro do plenário, em local de destaque, para a instalação de um monumento ao “Deus de Israel, o Deus Vivo<sup>12</sup>”.

---

<sup>11</sup>.No ano de 2018 o Pastor Sargento Isidório, foi eleito Deputado Federal com 323.264 votos, sendo o candidato mais votado em todo estado da Bahia.

<sup>12</sup> Trata-se de obra do artista plástico Ivo Gato, que expõe uma Bíblia gigante, a pomba do Espírito Santo e a Arca da Aliança, que no Velho Testamento representa a presença de Deus entre os povos. A obra, que foi encomendada pelo deputado pastor Sargento Isidório (PSC), custou R\$ 30 mil e foi pago com dinheiro de caixa da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Figura 05 - Bíblia Sagrada na Assembleia Legislativa da Bahia



Fonte: G1 Bahia, 2017. Trata-se de obra do artista plástico Ivo Gato, que expõe uma Bíblia gigante, a pomba do Espírito Santo e a Arca da Aliança, que no Velho Testamento representa a presença de Deus entre os povos.

Rosseli Fischmann (2012) afirma que nenhuma crença, assim, pode definir e determinar a esfera pública, nem pode tornar obrigatórios os seus valores e determinações para todos da sociedade, mesmo para os que não sejam seus adeptos, nem pode tornar suas leis religiosas parte das leis civis. A laicidade estatal, deve ser para tanto, parâmetro primordial, nesse processo de convivência em sociedade sobre tudo em sistemas democráticos como é o nosso caso. Leonardo Boff (2009), revela, como as novas tecnologias, aliadas ao processo de globalização estão sendo utilizadas para a construção de novas identidades, bem como para difundir ideologias pouco amistosas e argumenta o seguinte:

O processo de globalização significa também, em muitos aspectos, globocolonização, nivelamento das diferenças e ameaça das singularidades culturais. Ora, as religiões são, reconhecidamente, ingredientes poderosos na construção das identidades dos povos. São elas eu lhe dão uma áurea mística e de imortalidade. Quando estas culturas se sentem ameaçadas, se agarram à religião para se auto afirmar. Daí emergem exclusões e violências contra aqueles que a ameaçam (BOFF 2009, pp. 34-35).

Esse processo de ruptura para uma nova ordem econômica mundial, também foi um momento de registrarmos alguns embates clássico, no que concerne às relações entre a supremacia dogmática de uma ordem cósmica e a necessidade de se construir uma sociedade diversa, com valores democráticos, que tolere as diferenças e respeite as identidades. Nesse sentido, podemos exemplificar casos de intolerância religiosa disfarçados de opinião, proferidos publicamente por pastores através de meios de comunicação de massa, a influência da religião na esfera pública, sobretudo em partidos políticos, bem como comportamento dos

neopentecostais inclusive com os seus pares ao impor-se como centro das atenções, negando a importância de outros grupos, concebendo conseqüentemente relações amistosas, por conta de processos dolorosos, construindo assim uma espécie de terror que vem minando a essência, o simbolismo dos Outros.

Essa relação ambígua, dialética, figura os anseios de uma sociedade plural, que encontra na modernidade caminhos para solucionar ditames como a consubstanciação da ciência, pelo viés racional *versus* a prática da religiosidade monoteísta com inclinações fundamentalistas. A fé precisaria da razão para construir um sentido, que decifrasse os caminhos para o respeito e a tolerância, visto que uma fé irracional, desprovida de valores éticos chega a ser daninha para a construção de uma comunidade diversa, já que a exacerbação de uma verdade, concebida como absoluta, além de constranger ataca, mesmo que inconscientemente a essência do Outro. A imagem da Bíblia Sagrada exposta em formato de painel, na Assembleia Legislativa do estado da Bahia conforme citado acima, engloba todo esse sistema, que perpetuou até os tempos modernos. Giddens (2002) considera que:

A modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional. A dúvida, característica generalizada da razão da crítica moderna, permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica e constrói uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo. A modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste em que todo conhecimento tome a forma de hipótese- afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípio estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser abandonadas em algum momento. Sistemas de conhecimento acumulados — importantes influências de desencaixe — representam múltiplas fontes de autoridade, muitas vezes contestadas internamente e divergentes em suas implicações (GIDDENS, 2002, p. 10).

Para tanto, seria possível afirmar que a modernidade transporta consigo um modelo de sociedade dinâmico com traços de uma ambigüidade que condensa nas diferenças um conjunto de vertentes, que podem variar de acordo com o contexto e que não tem a obrigatoriedade de permanecer fixas. Ademais este movimento que garante a modernidade o status de pertencimento a um novo momento por conta do seu contexto histórico, encontra também a permanência ainda que de forma involuntária o devir de uma tradição que se sobrepõe a uma lógica de criticidade, apoiada por parâmetros excêntricos de resistência a tolerância.

Ao tratar da questão da identidade cultural na pós modernidade, Stuart Hall (2014) salienta que a identidade é construída historicamente e não biologicamente, ademais o próprio processo de identificação que nós projetamos, tornou-se provisório, variável e problemático, produzindo um sujeito pós-moderno, do qual os processos o levam a formar uma identidade

dinâmica e mutável. Positivamente, temos essa possibilidade de nos relacionarmos ainda que de maneira pré-estabelecida devido ao contexto, com alguns parâmetros impostos socialmente, temos hoje a oportunidade de nos mover, mover no sentido amplo da palavra, não somente fisicamente, como também culturalmente de modo que possamos aproveitar todas as benesses que a diversidade nos oferece, sem termos que necessariamente abrir mão de uma coisa em favor de outra.

No livro *Somos todos filhos de Deus* (2007), o Bispo Edir Macedo afirma que as religiões, jeitosamente, tem tornado cegos os olhos da humanidade, usando fatos históricos, criando fantasias para estimular ou alimentar uma fé emotiva. Nesse sentido, ser sensível, tolerante e até crítico do meio, seria conhecer primeiro a si mesmo, a ponto de defender algo que lhes seja aprazível sem constrangimentos e conhecer o Outro em sua diversidade, porque ao se referir a uma humanidade “cega”, que se pauta em “fatos históricos”, o bispo deixa explícito que a fé, deve ser unilateral, desprovida de outros conhecimentos, e de qualquer crítica que por ventura surja nesse processo.

Sobre a fé emotiva, o bispo é enfático durante as suas apregoações, ao dizer que a fé não deve seguir um status de racionalidade, visto que não é interessante que o convertido se entregue as paixões do coração, e seja racional crendo apenas no que está escrito no texto bíblico. Fica explícito nesse sentido, que na visão fundamentalista neopentecostal, a religiosidade deve ser praticada ignorando fatos históricos que tenham influenciado a prática religiosa, ela deve ser acrítica. Assim sendo, o Bispo Macedo nega a cientificidade e racionalidade analítica contida em fatos históricos, bem como nega a importância social das religiões em sua dinâmica e diversidade, considerando-a ainda como algo nocivo, considerando ainda que as lideranças religiosas aproveitam-se da “ignorância” espiritual das pessoas que participam de liturgias, festas tradicionais e cerimônias sociais, para leva-las a uma espécie de “erro espiritual”. Erro porque existe uma ênfase na verdade cristã, especialmente na verdade neopentecostal, então se o indivíduo não está como eles, logo é um ser errante em movimento. Nesse sentido Macedo (2007) afirma que:

A religião tem sido a maior e melhor arma do inferno na destruição dos povos em todos os tempos. Ela tem separado as pessoas e as nações a ponto de conduzi-las às guerras. A religião tem sido um elemento divisor tão nocivo à sociedade que são necessárias leis duras para obrigar seus fiéis a se respeitar entre si. Se as religiões fossem algo puro e verdadeiramente benéfico, as pessoas que as praticam não precisariam de leis como a da liberdade de culto para se respeitar entre si (MACEDO 2007 p. 19).

A partir de uma interpretação literal do texto bíblico, o autor afirma que nem todas as pessoas são filhos de Deus, porque conforme o texto Bíblico diz: “Em verdade, em verdade te

digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (João 3.5). Isso quer dizer que só é filho de Deus a partir desta concepção, quem participar do ritual do batismo no Espírito Santo conforme a doutrina Cristã. Isto porque a dogmática neopentecostal não concebe legitimidade a qualquer outros grupos, e mesmo que um indivíduo se identifique com o protestantismo ele é obrigado a provar a sua fé, repetindo o ritual descrito no referido texto como batismo no Espírito Santo, caso contrário não poderá comungar da vida na comunidade religiosa, ou se o fizer ficará restrito a alguns rituais que só os batizados tem prerrogativa para fazer, a exemplo da seção de cura e exorcismo, uma pessoa que não é batizada jamais poderá fazê-lo.

Um dos grandes dogmas da Igreja Católica Romana era de que só existia salvação na sua Santa Igreja, entretanto um dos questionamentos de Martinho Lutero na época da Reforma Protestante <sup>13</sup>(1517) foi a seguinte: “E os cristãos Gregos, deixarão de ser cristãos por não serem Romanos?”

Como foi dito anteriormente a religião tem uma função social que está além de simplesmente expressar a sua fé, a religião também foi utilizada como moeda de barganha para conquistar territórios e disciplinar os povos. Ao construir um discurso deslegitimando a fé do outro, a Igreja Católica deixa explícito o quão intolerante ela avia se tornado com a pretensão de promover a sua verdade, autodeclarando-se representantes de Jesus Cristo na terra, vendendo a salvação, através das indulgências, barganhamos um lugarzinho no céu de qualquer maneira, a igreja romana pretendia de qualquer forma se projetar no campo simbólico e prático da questão.

Nesse sentido, é de fundamental importância, que construamos diálogos inter-religiosos, com a finalidade de respeitar e reconhecer a existência de diversos credos, a partir de um compromisso maior que verse sobre a integridade do Outro, em sentido amplo, visto que posturas que visam construir “supremacias” religiosas, e/ou utilizando métodos com práticas extremistas radicais, simbólicas, desviam o foco da necessidade de se construir legalmente o Estado Democrático de Direito Laico, garantindo efetivamente a todos a liberdade de consciência, bem como o direito de pertencer a uma fé ou não. Conviver com as diferenças, é necessário.

---

<sup>13</sup> A Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão iniciado no início do século XVI por Martinho Lutero, quando através da publicação de suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Witten Berg, protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana, propondo uma reforma no catolicismo romano.

## 1.1 Intolerância religiosa em números

Os atos de intolerância religiosa tornaram-se uma constante na contemporaneidade, visto que a difusão de teorias fundamentalistas ampara tais discursos. Nos últimos anos, entre 2011 e 2017 alguns documentos, como relatórios e mapas da intolerância religiosa figuraram a cena brasileira, mostrando-nos o seu crescimento. O Mapa da Intolerância Religiosa Violação ao Direito do Culto no Brasil (2011), editado pela Associação Brasileira de Amor ao Próximo; o Dossiê Intolerância (2011) editado pela Ong Koiononia Presença Ecumênica e o Relatório Sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015): Resultados Preliminares (2016) Editado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e da Juventude, editado pelo Governo Federal, são alguns documentos que corporificam casos, denúncias e números da Intolerância religiosa no Brasil. A partir de uma acepção simplória do termo “tolerância”, entendemos que a intolerância religiosa é a discriminação de pessoas ou grupos que comungam de diferentes crenças religiosas, a partir de atos de violência, física, simbólica e psicológica. Segundo o Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (REVIR<sup>14</sup> 2016):

Será considerado como intolerância e violência religiosa, no âmbito deste relatório, o conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a diferentes crenças e religiões, podendo em casos extremos tornar-se uma perseguição. Entende-se intolerância religiosa como crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana, violência e a perseguição por motivo religioso, são práticas de extrema gravidade e costumam caracterizadas pela ofensa, discriminação e até mesmo por atos que atentam à vida (REVIR 2016 p. 8).

Por ocorrência do Revir, construiu-se uma serie de categorizações das violações por motivações religiosas: 1)Violência Psicológica por motivação religiosa; 2)Violência Física por motivação religiosa; 3)Violência relativa a prática de atos/ritos religiosos; 4) Violência Moral por motivação religiosa; 5) Violência Institucional por motivação religiosa; 6) Violência Patrimonial por motivação religiosa; 7) Violência Sexual por motivação religiosa; 8) Negligencia por motivação religiosa.

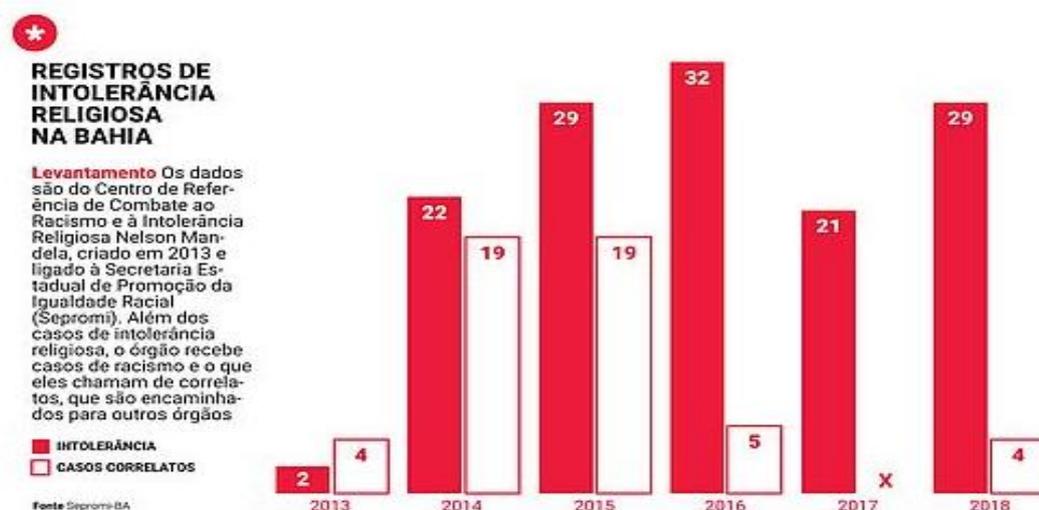
Dados consolidados pela Secretaria de Direitos Humanos, através da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, apontam que, ao fim de 2016 – último ano consolidado – foram

---

<sup>14</sup> REVIR-Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa Revir (2016) reuniu dados no período de 2011 a 2015, que subsidiaram a presente pesquisa, resultado também de uma parceria com a Organização dos Estado Ibero Americano (OEI), tendo apoio da Escola Superior de Teologia, organizado pela Secretaria de Direitos Humanos. Org (s). Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. – Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR. O relatório do Revir contou com aporte teórico de 48 teses e dissertações do Banco da Capes produzidas entre 2011 e 2012 <http://dspace.sdh.gov.br> .

registradas 759 denúncias de violações à liberdade religiosa no Brasil. O número representa um aumento de 36,51% com relação ao ano anterior, quando o Disque 100 recebeu 556 manifestações desse tipo. Umbanda e Candomblé eram as religiões de quase 19% do total das vítimas. Em seguida, aparecem outras religiões de matriz africana, que respondem por 4,35% do total, e Espiritismo, com 4,22%. Segundo dados do Jornal Correio da Bahia<sup>15</sup>, de 03 de abril de 2018, entre os anos de 2014 a 2017, foram registrados pelo Grupo de Atuação Especial de Proteção dos Direitos Humanos e Combate à Discriminação (Gedhdis) do Ministério Público do Estado da Bahia, 132 procedimentos envolvendo casos de intolerância religiosa no Estado da Bahia. Já o Centro de Referência de Combate ao Racismo e a Intolerância Religiosa Nelson Mandela, totalizou 21 casos em 2017. De acordo com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial da Bahia (Sepromi),<sup>16</sup> entre 2017 e 2018 houve um aumento de 124% nos crimes de intolerância religiosa cometidos no estado. Já na série histórica dos últimos seis anos, esse crescimento chegou a 2.250%. Desde que foi criado, em 2013, o Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela<sup>17</sup> já registrou 153 casos de intolerância, 272 de racismo e 57 ocorrências relacionadas ao tema. Do total dos registros de intolerância religiosa, 16 correspondem a ataques a terreiros. Para ilustrar melhor esses dados, segue o gráfico do referido centro, contendo registros de intolerância religiosa no Estado da Bahia, bem como casos correlatos, pois além de intolerância religiosa o centro também recebe denúncias sobre racismo, considerando que muitos casos de intolerância promovidos contra as religiões de matriz africana, é o chamado racismo religioso.

Figura 06 – Dados sobre intolerância religiosa no Estado da Bahia.



Fonte: Jornal Correio (abril de 2018) com dados da SEPRMI.

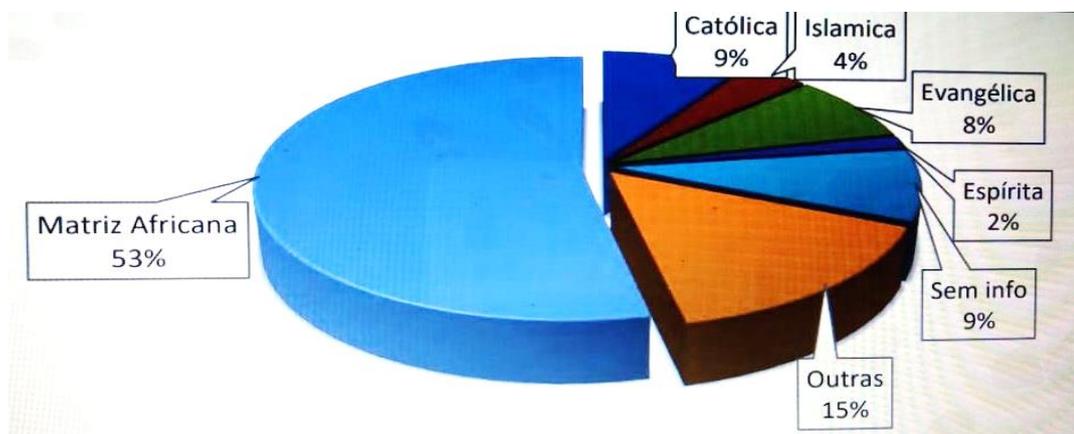
<sup>15</sup> Jornal Correio da Bahia 03 de abril de 2018 (<https://www.correio24horas.com.br>)

<sup>16</sup> Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia (SEPRMI).

<sup>17</sup> Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela.

O relatório Revir foi composto de um aporte teórico que constituía uma literatura clássica sobre o tema, bem como produções acadêmicas do período de (2011 a 2015), bem como em meio de comunicação, como televisão, rádio, internet, jornais, ouvidorias, órgãos, processos judiciais, tribunais, autos policiais, além de entrevistas, confirmando para tanto a credibilidade do referido trabalho, que foi além da coleta de dados, traçou um perfil por estados brasileiros, sobre como, onde e a quem a intolerância religiosa atinge no país. Conforme informações do REVIR (2018) as religiões de matriz africana são as mais violentadas, com (53%) dos ataques, enquanto Católicos (9%), Islâmica (4%), Evangélica (8%), Espírita (2%), Sem Informação (9%), Outras (15%). Os dados da referida pesquisa, mostram que as religiões de matriz africana são as mais violentadas, duas questões integram o cerne desta questão: a primeira é o contexto histórico que forjou a chegada e permanência de tais religiões no país; a segunda questão foi o avanço (crescimento) neopentecostal no país, que desde sua chegada, no final da década de 1960, tem promovido verdadeiros embates contra tais seguimentos religiosos. Os quadros a seguir mostram gráficos que confirmam onde ocorre os casos de intolerância, quem são os agressores e vítimas através de reportagens veiculadas nos diversos meios de comunicação no Brasil.

Figura 7 - Religião das vítimas nas reportagens



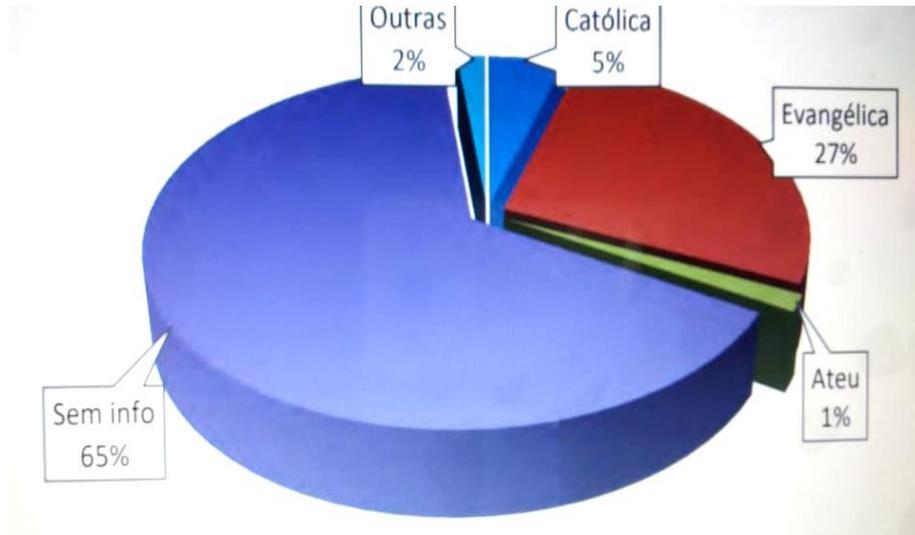
Fonte: (REVIR, 2018)

Um simples cruzamento de informações, através da leitura dos gráficos, nos mostra que as religiões de matriz africana são em número o grupo que mais sofre a violência religiosa, enquanto os evangélicos, aparecem em maior número como agressores. Dados do IBGE<sup>18</sup>(2010) também apontam um caminho, visto que 86% da população brasileira é cristão,

<sup>18</sup> IBGE – Censo de 2010.

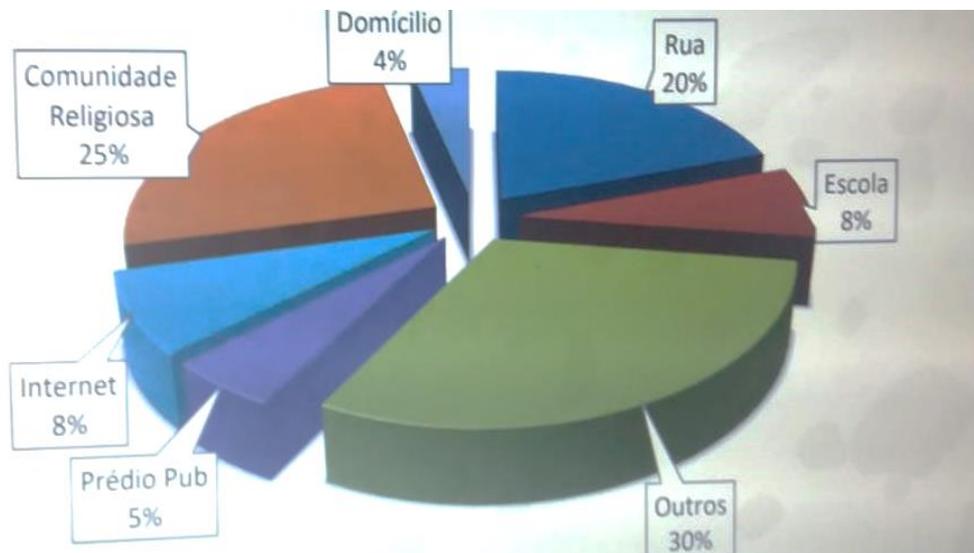
divididos em Católicos 64,6% e evangélicos 22,2%, fazendo do Brasil a maior nação católica do mundo. Os outros 14% são compostos por pessoas de diversos credos e também pessoas sem ser adepto de religião alguma.

Figura 8 - Religião dos agressores nas reportagens



Fonte: REVIR, 2018.

Figura 9 - Local de violação nas reportagens



Fonte: REVIR, 2018.

Conforme gráfico acima, o local de violação, de ataques, de intolerância ocorre justamente no meio da comunidade religiosa, com invasão a terreiros de candomblé, a centros de umbanda, igrejas, sobretudo católicas, onde ocorrem atos de violência, física, símbolo e psicológica. É comum relatos de xingamentos a religiosos, agressões físicas e destruição de

objetos como imagens sagradas, ou ainda incêndios e pichação destes espaços. Espaços como escolas, prédios públicos abrigam cenas de violência institucional, redes sociais também se tornou meios de propagação de tais ofensas.

No presente contexto, é inevitável dissociarmos o discurso demonizador da prática da intolerância religiosa visto que, as religiões de matriz africanas são as mais atingidas, são as combatidas, as que sofrem campanha em favor da sua eliminação e como mostram os números as que mais são atingidas em sua essência, nos seus terreiros e centros, no ambiente de convivência e devoção, no ambiente sagrado.

## 1.2 A epistemologia da tolerância

O termo tolerância começou a ser cunhado entre os séculos XVII e XVIII na Europa por conta do conflito religioso envolvendo os Cristãos Católicos Apostólicos Romanos e os Cristões Evangélicos Protestantes em meio a famigerada inquisição<sup>19</sup>, uma guerra sangrenta, que levou muitas pessoas que não eram adeptos aos ideais Católicos, a serem queimados vivos em fogueiras em praça pública, serem caçados, espancados, excomungados, expurgados do convívio social. Do latim *Tolerare* (suportar ou sustentar), está direcionado a conduta que se constrói em relação aos outros, que não comungam da mesma ideologia, e conforme o Dicionário de política de Norberto Bobbio (1976 p.1246), a tolerância para com os dissidentes é, portanto, aceita como um mal necessário quando não é possível reprimir o dissenso, ou seja, um mal menor quando o custo da repressão resultaria excessivo. Costa (1999) afirma que o conceito de tolerância iluminista realça a forte relação existente entre racionalidade e tolerância. Assim, emerge com especial importância a preocupação com o universal, posto que ao negligenciar toda e qualquer particularidade em nome de uma verdade absoluta, fica subtendido a origem da intolerância. Nesse contexto, a tolerância seria necessária para a harmonia entre as partes, visto ainda que as liberdades individuais ou coletivas conferem o direito à discordância e não poderá, por conseguinte, ser utilizada para discriminar outrem. Tolerar é uma lógica ainda que necessária, constrangedora, visto que quando se suporta algo, o subconsciente está o tempo inteiro nos empurrando contra parede, pois a nossa essência não se apraz daquilo que está sendo suportado, respeitar seria, entretanto, o cerne da questão.

---

<sup>19</sup> Foi um Tribunal” Eclesiástico”, instituído pela igreja católica, a partir do século XIII, para investigar, julgar e punir os hereges, feiticeiros, bem como todas as pessoas que de alguma maneira se opusesse a fé católica. Inquisição vem do grego que significa: “Aquele que escolhe”, ou seja, era dirigido a qualquer pessoa que questionasse os dogmas católicos, ou simplesmente não comungasse.

Sobre o supracitado, Voltaire (1763) nos relata o modus operandi utilizado pelos católicos para executar todo corpo cuja ideologia não refletisse os seus anseios. Conforme relata o autor:

Nós os matamos e queimamos aos montes, sem distinção de idade nem de sexo. Existe, por acaso, em qualquer das perseguições anteriores que foram confirmadas, um único aspecto que se aproxime da noite de São Bartolomeu ou dos massacres da Irlanda? Existe algum que se assemelhe à festa anual que ainda hoje celebram em Toulouse, essa festa cruel, que deveria ser abolida para sempre, em que uma população inteira agradece a Deus em procissão e se regozija porque seus antepassados, há duzentos anos, mataram quatro mil de seus concidadãos? Eu afirmo cheio de horror, mas com veracidade: somos nós, os cristãos, somos nós os perseguidores, os carrascos e os assassinos! E de quem? De nossos irmãos. Somos nós que destruimos cem cidades, com o crucifixo ou a Bíblia na mão, que não cessamos de derramar sangue e de acender fogueiras, desde o reinado do imperador Constantino até os furores de canibais dos habitantes de Cévennes; furores que, graças aos céus, não subsistem mais nos dias que correm (VOLTAIRE, 1763, p. 44).

A forma violenta como os cristãos impuseram a sua religiosidade aos Outros, mostra a face mais cruel do fundamentalismo religioso, visto que perseguir, torturar, queimar obras literárias, queimar vivo e assassinar em nome de Deus, era justificável, dentro deste sistema jurídico criado especificamente para punir os heréticos, desde do século XII na França, alcançando na Idade Média o status de responsável por combater à Reforma Protestante, se expandindo posteriormente por países da Europa, Américas e África e Ásia, resistindo até XIX, perpassando entretanto por mudanças, no modus operandi, recebendo em 1965 uma nova nomenclatura: Congregação para Doutrina da Fé.

Para Voltaire, a violência não é um fim em si mesma, ela não deve ser tolerada, nem tão pouco justificada, visto que ela só prova o quão intolerantes são os sujeitos que se apoderam dela para solucionar conflitos. Fanatismos, fundamentalismos, não se harmonizam com as aspirações de tolerância, visto que ao se combater as ideias opostas a pensamentos sacralizados, para além das vias convencionais de debates, através de agressões, torturas e mortes, confirma-se uma proximidade latente com tendências que desmascaram qualquer intenção de fazer um bem individual ou em pró de um coletivo, para demonstrar o quão perigoso é a astúcia de um homem que quer fazer da sua verdade, lei da natureza humana. Ao se executar algo que não nos pertence, a morte não é só física, mata-se a essência, o sentimento, o simbolismo, a importância que aquela diferença contempla num âmbito social.

Em nome do Deus milhares de pessoas foram assassinadas, privadas da sua condição de humanos detentores de direitos, tendo sua identidade subjugada através da obrigatoriedade de renúncia a tudo que não constituísse a dogmática cristã. Isso ocorreu porque existia uma máxima de uma verdade absoluta que limitava os seguidores cristãos a repetir o “amém em latim”, pagar altíssimos valores sobre as indulgências e se quer terem acesso ao Evangelho no

idioma local. A ruptura a esse sistema ocorreu quando o Monge Católico Martin Lutero (1517) começou a discordar da ideologia que até então o formara, editando as 95 teses, que contestavam a doutrina Católica, gerando um dos grandes movimentos insurgentes da história que foi a Reforma Protestante <sup>20</sup>(1517-1648), ademais um dos grandes feitos foi traduzir a Bíblia Sagrada do Latim para o Alemão.

Nesse sentido, é necessário ressaltarmos a importância histórica do movimento Iluminista durante o século XVIII na Europa, que definitivamente conseguiu pensar a humanidade para além da religião, dando destaque também a ciência, isso porque era necessário a época contestar dogmas religiosos, bem como consagrar o método científico como capaz de explicar com exatidão alguns dilemas da vida em comunidade, de maneira que as formulas utilizadas para garantir determinados resultados, fosse além estórias e ou/ superstições criadas para satisfazer questionamentos ainda sem respostas claras. Esse movimento opôs-se ao catolicismo, não de maneira intolerante, mas ofereceu uma nova perspectiva de se pensar. Embora muitas vezes os cientistas e pensadores da época foram obrigados a renunciar a sua teoria sob acusação de heresia, a ciência avançou no século das luzes, confrontando-se com linchamentos públicos e morais, fogueiras e guerras. As superstições passaram de verdades absolutas, para materiais de análise que através do método científico, trouxe caminhos que indicaram um possível lapso de tolerância.

No referido contexto, a semente da reflexão havia sido instalada, uma vez que as pessoas passaram a exercer o direito de existir (pensar), tirarem sua própria conclusão, numa sociedade enviesada por dogmas, alguns deles que consagravam um Deus (herói), que trazia soluções mágicas para todos os problemas da humanidade. Nesse contexto, Bobbio (2004) argumenta que a intolerância se manifesta como método pouco eficaz na tentativa de convencer o outro de que existe uma verdade universal. Isto porque no âmbito dos caminhos da subjetividade, ainda que o indivíduo profira que está de acordo com aqueles contextos impostos, o seu eu, vai estar de maneira latente lembrando o tempo inteiro que aquilo não lhe apraz. Os fatos históricos do presente muitas vezes não acontecem à revelia do passado, muitos são apenas reflexos de

---

<sup>20</sup> A reforma Protestante foi um movimento reformista cristão do século XVI liderado por Martinho Lutero, a partir da construção de 95 teses em 31 de outubro de 1517 que fora pregada (literalmente) na porta da Igreja do castelo de Wittenberg (Alemanha). Esse ato foi motivado a partir das críticas da venda de indulgências, o movimento de Lutero ficou conhecido, como protesto contra os abusos do clero, ao defender uma hermenêutica bíblica, que distorcia o sentido do texto, bem como se afastava de tais doutrinas. A salvação era literalmente conquistada através de moedas, e não pela profissão da fé. O monge Martinho Lutero recebeu apoio de várias monarquias como Suíça, França, Países Baixos, Inglaterra, Escandinávia e algumas partes do Leste Europeu como os países Bálticos e a Hungria. Essa reforma foi consolidada na base de sangue derramado, concílios (Trento), cuja tentativa era que o monge renunciasse aos editos dando origem ao Protestantismo.

momentos trágicos, cujas marcas sangrentas, físicas e psicológicas causam a outrem traumas inimagináveis cuja dor torna-se extremamente perceptível no cotidiano.

Em pleno século XXI, está ocorrendo mais uma batalha em nome dá fé, da religiosidade dos dogmas neopentecostais que inspirados no discurso demonizador propagado pelo Cristianismo Europeu, travou a batalha espiritual contra os religiosos afro-brasileiros, com a intenção de convertê-los ao Protestantismo-neopentecostal ou expurgá-los do convívio social.

O Brasil nas últimas décadas passou por uma grande transformação no campo religioso, como afirma o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE- (2010), visto que o número de Cristãos no Brasil somam 86,8%, sendo que Católicos caem para 64,6% e evangélicos já são 22, 2%, enquanto os religiosos, constatando que o Brasil ainda é o maior nação católica do mundo, entretanto, os evangélicos saltaram de 5,2% para 22,2% da população, sendo que a onda neopentecostal encabeçou esse avanço. Isso explica, também o avanço que discursos fundamentalistas, bem como cenas de intolerância religiosa, agravando a liberdade de culto contra o panteão afro-brasileiro, tornaram-se além de corriqueiras, gravíssimas afetando as liberdades individuais, a democracia e laicidade estatal.

No campo neopentecostal brasileiro, a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) destacou-se pelo seu crescimento bem como, pelos ataques proselitistas, tornando-se símbolo do discurso e prática intolerante contra as religiões de matriz africana. Sob liderança do seu líder carismático Edir Bezerra de Macedo (1945), bispo, empresário e proprietário do Grupo Record e da Record TV e utilizando os meios de comunicação de massa como rádio, tvs, além de publicações impressas para atacar as religiões concorrentes.

Nesse sentido torna-se possível perceber a ordem expressa do líder da IURD para que os adeptos violentem e profanem, através da sua “evangelização” os cultos afro-brasileiros. No livro Orixás, Caboclos e Guias (2006), Macedo expressa a seguinte ordem: “Amigo leitor, comece hoje mesmo a exercer a autoridade que Jesus lhe confere. Não abra mão dos seus direitos; não deixe de lado o que o senhor lhe concedeu; agarre-se com unhas e dentes as bênçãos de Jesus e pise na cabeça dos Exus e Cia e limitada.

Uma das nuances da intolerância religiosa é justamente o autoritarismo, posto que a rigidez dogmática compreende como verdade universal apenas a ideologia do grupo em questão, os “outros” geralmente são considerados os que vivem na ignorância, os que precisam ser alertados, convertidos e libertos de uma fé que não é a correta. Em Pedagogia da Tolerância, Paulo Freire (2005) explicita como o grupo dominante atua no campo da subjetividade do grupo “dominado”, atingindo horizontalmente a sua cultura, com a pretensão de imobilizar e aniquilar a subjetividade de outrem.

Uma das características fundamentais do processo de dominação colonialista ou de classe, sexo, tudo misturado, é a necessidade que o dominador tem de invadir culturalmente o dominado. Por tanto, a invasão cultural é fundamental porque ela pensa no poder, ora através de métodos violentos, tácitos, ora através de métodos cavilosos. O que a invasão cultural pretende, entre outras coisas, é exatamente a destruição, o que felizmente não consegue em termos concretos. É fundamental ao dominador: triturar a identidade do dominado (FREIRE, 2005, p. 21).

Uma outra face da intolerância religiosa seria negar veementemente a importância socio-histórica da diversidade e da diferença, no âmbito das relações sociais, visto que negar a diversidade de pensamento, de valores, de deuses e de prática religiosa, seria para além de oprimir, matar o outro, uma vez que o outro só deve existir se for tal qual imagem e semelhança do intolerante. Numa ótica das relações sociais, Foucault (2004) relata que os efeitos do poder são próprios do jogo enunciativo, ou seja, anuncia o fundamento de uma ideologia que se afirma como a mais coerente, a mais verdadeira, ou a que definitivamente deverá florescer como parâmetro a ser rigorosamente seguido. Numa breve análise do modus operandi, do discurso neopentecostal, é perceptível, que a historicidade que nos domina e nos determina é belicosa, e que as relações são de poder e não de sentido. Para articular o ataque a tais grupos religiosos, os neopentecostais utilizaram muito além de estratégias de marketing, utilizaram espaços públicos, cargos públicos, para fazer, construir sentido na sua empreitada cuja intenção maior é homogeneizar a diversidade, com requintes de violência, desrespeito e crueldade para com o outro. Em *Microfísica do Poder* (2004) o autor relata que:

O problema não é mudar a "consciência" das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento (FOUCAULT 2004 p. 12).

No atual contexto, existência de misturas, mesclas, diversidade, não assegura a liberdade de culto, na prática e na observância, uma vez que os caminhos da intolerância visam reprimir, diminuir e muitas vezes, abolir a existência do outro, seja por conta do fanatismo, do fundamentalismo. A incoerência com que a religiosidade está sendo tratada na contemporaneidade, intui a observância de como os caminhos do capitalismo, do mercantilismo tem antecipado a coerência diplomática havida numa moral instituída socialmente, para dá lugar a uma tentativa frenética de comprimir de forma escandalosa o direito natural de existir afanado

por grupos que se consideram os “verdadeiros” donos da fé. Evangelizar tornou-se também um dos caminhos mais tranquilos na tentativa de usurpar os bens materiais e imateriais (simbólicos) de outros povos.

Em *A era do Direitos* (2004), Norberto Bobbio, consagra a epistemologia da tolerância, através de duas teorias que visam aprofundar o debate sobre a tolerância, que passa de mera especulação filosófica para uma prática de combate a intolerância. Isto porque a convivência entre diferentes pares, não deveria ser uma problemática já que para qualquer lugar que olhamos nos deparamos com tais aspectos, sejam eles geológicos, filosóficos, culturais, a diferença está literalmente em todos os lugares. Por tanto, não deveríamos generalizar a complexidade evidente que nos forma enquanto seres sociais, ou também acharmos que o problema da tolerância se encontra somente na ausência de harmonia entre os grupos, conforme o autor:

o conceito de tolerância é generalizado para o problema da convivência das minorias étnicas, linguísticas, raciais, para os que são chamados geralmente de “diferentes”, como, por exemplo, os homossexuais, os loucos ou os deficientes. Os problemas a que se referem esses dois modos de entender, de praticar e de justificar a tolerância não são os mesmos. Uma coisa é o problema da tolerância de crenças e opiniões diversas, que implica um discurso sobre a verdade e a compatibilidade teórica ou prática de verdades até mesmo contrapostas; outra é o problema da tolerância em face de quem é diverso por motivos físicos ou sociais, um problema que põe em primeiro plano o tema do preconceito e da conseqüente discriminação. As razões que se podem aduzir (e que foram efetivamente aduzidas, nos séculos em que fervia o debate religioso) em defesa da tolerância no primeiro sentido não são as mesmas que se aduzem para defender a tolerância no segundo. Do mesmo modo, são diferentes as razões das duas formas de intolerância. A primeira deriva da convicção de possuir a verdade; a segunda deriva de um preconceito, entendido como uma opinião ou conjunto de opiniões que são acolhidas de modo acrítico passivo pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade cujos ditames são aceitos sem discussão (BOBBIO, 2004, p.86).

Pensar a tolerância, é também pensar a questão das identidades, individual e coletiva, bem como o direito fundamental de existir do eu e do outro enquanto protagonistas do contexto em questão, onde o valor da diferença não deverá de modo algum ser suprimido, pelo desejo da conquista alheia através de ideologias de cunho absoluto, nem tão pouco sob a desculpa de que a discriminação ocorreu amparada primeiro pela liberdade de expressão (disfarçado de opinião) e segundo, alcunhada pela tradição. A questão de se deferir a tolerância como uma prática saudável também reduz o mal-estar no âmbito das relações sociais, posto que é o outro que atribui ao seu diferente o título de exótico, de minoria, de pouco civilizado e de “demônio”, no caso dos evangélicos aos afro-brasileiros.

A prática da intolerância religiosa neopentecostal geralmente acontece por grupos institucionalizados que, a partir de discussões, apregoações e interpretações radicais do texto

bíblico, rumam a seções de violência simbólica contra os afro-brasileiros, que têm sua dignidade e humanidade invadidas numa perspectiva de tornar os diferentes seus pares. Com relação a Igreja católica Apostólica de Roma, a história nos informa que ela se prostrou como a única e verdadeira religião nos séculos XVII e XVIII, assim como os neopentecostais fazem hoje em relação os religiosos afro-brasileiros, Voltaire (2011) fez as seguintes reflexões:

Usando de boa-fé, somente porque nossa religião é divina, deverá então reinar pelo ódio, pelos furores, pelos exílios, pelo confisco dos bens, pelas prisões, pelas torturas, pelos assassinatos e pelas ações de graças rendidas a Deus por esses mesmos assassinatos? Quanto mais a religião cristã é divina, tanto menos pertence ao homem dirigi-la: se foi Deus que a fez, Deus a sustentará sem a nossa ajuda. Você sabe que a intolerância apenas produz hipócritas ou rebeldes: que alternativa funesta! Por fim, você gostaria de sustentar nos braços dos carrascos a religião de um Deus que fizeram perecer nas mãos dos carrascos e que somente pregou a doçura e a paciência? (VOLTAIRE, 2011, p.48).

Esse uso da “boa fé”, constituiu justificativa para anos de tortura, sabotagem através de versões estereotipadas, exclusão, indiferença e mãos ensanguentadas, pois a necessidade de dominar, catequisar constituiu um misto de irracionalidade, que muitos chamaram de “guerra santa”, outros de intolerância, outros ainda de “caminhos para a salvação” que definitivamente performaram uma conjuntura de episódios interligados fatídicos da recente história da humanidade. Conforme salienta Costa (1999), dizer que a tolerância, em Voltaire, é apanágio da humanidade significa, fundamentalmente, que ela faz parte integrante da natureza humana, entendendo-se está em estreita ligação com valores universais e históricos, tendo como objetivo essencial a liberdade. Em nome do Deus Cristão, a conversão através da força se tornou o alarde vexatório da ideologia cristã que ao invés de pregar a comunhão fez da segregação a partir da prática da intolerância seu principal instrumento na referida prática.

Na Carta sobre a Tolerância dirigida aos Cristãos por John Lock (1689), observa que a sociedade já não é mais livre e voluntária, assegurando ainda que, mesmo que houvesse uma religião verdadeira e a prática da conversão dos homens fosse através das leis por exemplo, isso não seria garantia de que os indivíduos ignorariam sua própria razão e consciência para cultuar um Deus, por imposição. Isto porque, existe algo que pulsa dentro do ser humano, que está muito além de acordos ou formalidades, para além das influências culturais que é a subjetividade, ela está imbuída de uma racionalidade que confere ao indivíduo a capacidade de ainda que ele esteja pressionado a absorver algo, lhe mostrar através dessa atividade pulsante a consciência da necessidade de fazer ecoar a sua verdade. Neste sentido, a religião surgiu para suprir algumas necessidades do homem, enviesado por questionamentos sem resposta lógicas,

e até como maneira de consolidar alguns dogmas que julgou em determinado momento histórico, como sendo imprescindíveis a sua existência.

Achados arqueológicos indicam que os fósseis do hominídeo<sup>21</sup> mais completo encontrado até hoje, datam de cerca de 7 milhões de anos, enquanto a religião Católica existe a apenas 2 mil anos; isto significa que a religião é assim como a maioria das coisas as quais julgamos importantes simbolicamente e materialmente, perpassam pela seara da criação humana, ainda que seja essencialmente formada por aspectos culturais e identitários que diferem uma das outras, não sendo para tanto, a religião, raiz da essência humana ou um fim em si mesma, visto que ela tem sua importância histórica e simbólica também. John Locke (1689) justifica que o homem não nasceu com a religião, pelo contrário o homem construiu a religião. É preponderante nesse sentido, pensarmos na intolerância como uma forma grotesca de limitar a liberdade de existência do outro enquanto humanidade:

Ninguém nasceu membro de uma igreja qualquer; caso contrário, a religião de um homem juntamente com propriedade, lhe seriam transmitidas pela lei de herança de seu pai e de seus antepassados, e deveria sua fé a sua ascendência: não se pode imaginar coisa mais absurda. O assunto explica-se desta maneira. Ninguém está subordinado por natureza a nenhuma igreja ou designado a qualquer seita, mas une-se voluntariamente à sociedade na qual acredita ter encontrado a verdadeira religião e a forma de culto aceitável por Deus (LOCK, 1689. p. 4).

A partir de estigmas, estereótipos e subjugo de outras verdades, a identidade do Outro é forjada através de uma perspectiva deturpada, incoerente e alienada. A relação conflituosa se dá quando a intolerância alcança a diferença, em detrimento ao respeito; é como se uma ação justificasse a outra. A atitude de negar o Outro também corresponde a um ideal do dever ser do Outro, que efêmero e subjetivo, já não pode mais resplandecer a sua própria raiz. Costa (1999) afirma que Lock adverte-nos é para o fato, de que as nossas certezas em questões religiosas são, limitadas e incompletas, o que nos deve colocar sempre numa atitude de humildade, isto porque é de admitir que os outros possam ter razão. Quanto aos discursos sobre a identidade em questão são sempre construídos através de julgo pejorativo, contraproducente, que reverberam no Outro sem que haja qualquer preocupação ética e moral.

A questão da diferença também poderá levar o intolerante a construir uma suposta inflexão de harmonia fajuta, superficial, que seria somente mais uma estratégia de manipulação dos desejos para fazer transparecer algo que beire a normalidade. Goffman (1988), ao refletir

---

<sup>21</sup> Hominídeo- Foram os ancestrais do ser humano; Os Hominídeos formam uma família taxonômica dos grandes primatas, incluindo os quatro gêneros existentes: Chimpanzés – 2 espécies Gorilas – 2 espécies Humanos – 1 espécie Orangotangos – 3 espécies. (Unesp, 2018) (<http://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2a.htm>).

sobre os estigmas que a sociedade atribui a certos grupos, salienta que ao atribuir tais valores “negativos”, geralmente tais grupos tiram a noção de humanidade de outrem revelando uma face que prospecta para si e seus grupos, os valores positivos, a condição de normal, natural e ideal, a esse despeito a autora argumenta que:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (...) Um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo (GOFFMAN 1988, pp. 6-7).

No que concerne às religiões afrodescendentes<sup>22</sup>, historicamente ocuparam lugar de abjetos, primeiro por serem consideradas “primitivas” por um grupo que considerava os detentores da erudição cultural; segundo por não ocuparem o centro das relações de poder, sendo consideradas apenas a face espúria de uma categoria subalternizada aos ditames de quem violentamente manipulava as relações sociais, posto que o processo de colonização não foi natural. Mariano (2014), ressalta que:

A perseguição que também decorria da existência, nos séculos passados e início deste, da extensa série de práticas, discursos e saberes elitistas fundamentados no racismo, no positivismo, no etnocentrismo, e em preceitos culturais variados que pressupunham e informavam a inferioridade racial e intelectual do negro, por conseguinte, de sua cultura religiosa (MARIANO, 2014 p. 117).

Ao questionar se é possível sermos tolerante com os intolerantes, Leonardo Boff (2009) afirma que não podemos utilizar dos mesmos artifícios para convencê-los de algo, bem como a busca por limites na postura tolerante, uma vez que intolerância também é crime e tem como consequência óbvia prejuízo a outros, valendo também o rigor da lei para enquadrá-los. O autor

---

<sup>22</sup> Entre as tradições religiosas africanas que exerceram influência nas religiões afro-brasileiras, o culto aos Orixás e Voduns foram de capital importância. Orixás e Voduns são divindades dos grupos da Nigéria e Benin que falam Yorubá e Jeje. Na África cada divindade preside um aspecto da natureza e uma família em particular. No Brasil, como a escravidão dividiu as famílias, eles se tornaram protetores dos indivíduos. O ponto central das religiões afro desenvolvidas no Brasil eram as festas para os Orixás e Voduns, que envolviam possessões de divindades e sacrifícios de animais. As religiões afro-brasileiras constituem um fenômeno relativamente recente na história religiosa do Brasil. Por exemplo o primeiro terreiro de Candomblé, que é localizado no Nordeste, mais precisamente na Bahia, é geralmente situado no ano de 1830. Estas novas religiões apareceram primeiro na periferia urbana brasileira, onde os escravos tinham maior liberdade de movimento e era capazes de se organizar em nações. Daí eles se espalharam por todo o país, e tomaram diversos nomes como Catimbó, Tambor de Minas, Xangó, Candomblé, Macumba e Batuques. O Candomblé, a mais tradicional e africana dessas religiões, se originou no Nordeste. Nasceu na Bahia e desde longa data tem sido sinônimo de tradições religiosas afro-brasileiras em geral. Jesen (2001, p. 2).

aconselha os caminhos do diálogo e refere-se à democracia como o melhor caminho para que se respeite o pacto social comum.

O caminho para a paz mundial passa, portanto, pelo diálogo entre as religiões e pelo estabelecimento da paz entre elas. Para que a paz ocorra, portanto, é necessária a superação dos fundamentalismos presentes em estratos importantes de praticamente todas as religiões. Pacificadas as religiões- e ainda há muito por fazer- cria-se a plataforma para a paz política, fundada em uma ética mínima de justiça universal, de cuidado para com a Terra, a biosfera, de cooperação universal, de corresponsabilidade face ao nosso futuro comum e de relevância face ao ministério da existência (BOFF, 2009, pp. 45-46).

Para construir essa aliança de paz, diversidade religiosa, reconhecendo as diferenças e superando a intolerância, alguns pactos internacionais foram criados. São eles: Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções (Proclamada pela Assembleia Geral da ONU) em 25 de novembro de 1981; Declaração sobre os direitos das pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas (Aprovada pela Assembleia Geral da ONU) em 18 de dezembro de 1992; Declaração Universal sobre a diversidade cultural (Adotada na 31ª sessão da Conferência Geral da Unesco Paris, 2 de novembro de 2001).

Costa (1999) consagra a existência de um Estado tolerante, como sendo aquele que não se preocupa em saber das particularidades e das diferenças, mas tão só da identidade de todos os homens. Pensar a tolerância é para tanto, pensar no movimento das estruturas, visto que as relações solidificadas no movimento de identificação perpassam por um jogo de relações de poder, que de maneira inconsciente encontra-se no centro deste esquema ainda que por razões alheias ao desejo humano. Ainda que a religião inspire uma autoridade universal, essa realidade deve ser aferida exclusivamente aos adeptos de tal grupo, isto porque a religião é algo privado ao indivíduo, não devendo carregar o mérito de ser indissociável em esfera pública. Considerando que cada indivíduo nasce no seio de uma sociedade com valores que influenciarão inevitavelmente à sua trajetória, a sua consciência, entretanto, amparada em aspectos identitários lhe direcionará para um caminho justo, que não derive de imposição, tão pouco do uso da força.

### **1.3 Democracia e Laicidade**

Democracia e Laicidade constituem as bases salutares para a construção de uma sociedade igualitária e justa. No Brasil, o sistema democrático vigente desde a Constituição de

1988 tenta garantir que todos e todas tenham o direito de professar a sua religiosidade, sem que haja constrangimento e/ou repressão. A Laicidade para tanto, assegura que não compete ao Estado a função de determinar ou influenciar a adoção ou privilégio de nenhuma religião. Para tanto, a soberania popular constrói um parâmetro básico para a constituição desse sistema, visto que, o povo é o maior interessado em ter os seus direitos assegurados através desse caráter universal que a positivação da norma jurídica exprime na forma da lei. Conforme Renato Janine (2013):

A palavra democracia vem do grego (demos, povo; kratos, poder) e significa poder do povo. Não significa dizer governo pelo povo. Pode estar no governo uma só pessoa, ou um só grupo, e ainda trata-se de uma democracia -desde que o poder, em última análise, seja o povo. O fundamental é que o povo escolha o indivíduo ou grupo que governa e que controle como ele governa. (...) Inicialmente era governado por reis, assim vemos em Homero. Mas com o tempo, ocorre uma mudança significativa. O poder que ficava dentro dos palácios, oculto aos súditos, passa a praça pública, vai pro tó mésson, o centro da aglomeração urbana. Adquiriu transparência, visibilidade. Assim começa a democracia, o poder misterioso, se torna público. (JANINE 2013, p.6)

Nesse sentido, a democracia não surgiu como um fim em si mesma, ela surgiu da necessidade de garantir pleno acesso aos direitos fundamentais, bem como evitar a proliferação de movimentos que por essência feria as liberdades individuais e coletivas. Isto porque no caso brasileiro, houveram outros sistemas de governo, como a Monarquia (1500-1889), Republica (1889-1961), Regime Parlamentarista (1961-1963), Ditadura Militar (1964-1985) e Republica Nova (1985-atual), que a cada época iam trazendo evidências da necessidade de um sistema que representasse a todos. No bojo das relações sociais a religiosidade esteve sempre atrelada a história da formação da sociedade brasileira demonstrando para tanto, como a introdução (imposição) de um credo religioso inferiu na construção da identidade nacional. É pertinente salientarmos como a entronização do catolicismo como modelo oficial e posteriormente não oficial de religião influenciou o comportamento intolerante de toda uma comunidade. A esse despeito Roberto Lorea (2011) afirma que:

Durante a Monarquia, experimentamos outro modo de tratamento para o fenômeno religioso. Nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707), por exemplo, não se cogitava de liberdade para o indivíduo escolher sua religião. O Livro Primeiro, título II, dispunha “como são obrigados os pais, mestres, amos e senhores, a ensinar, ou fazer ensinar a doutrina cristã, aos filhos, discípulos, criados e escravos”, enquanto seu Livro Quinto, título I, propunha “Que se denunciem ao Santo Ofício os hereges e os suspeitos de heresia ou judaísmo”. (LOREA, 2011 p. 2)

Em 1890 o decreto 119-A estabeleceu a Laicidade como princípio constitucional, garantindo a separação da Igreja Católica do Estado, o que posteriormente seria efetivado na

segunda Constituição Brasileira em 1891. O artigo 19, I, da Constituição Federal (1988) estabelece a separação entre os Estados e as Instituições Religiosas, proibindo a subvenção a cultos e qualquer forma de aliança, Lorea (2011). A laicidade percorre os caminhos da tolerância, visto que descentraliza a figura teocrática que sobrevivia através de imposição, para finalmente garantir que a diversidade ocupe seu lugar natural através do respeito, sem que haja conflitos morais e éticos, pois a religião entendida a partir de uma perspectiva antropológica pode ser considerada construção humana, e como construção ela não é inata, sendo que as pessoas tem o direito de ter ou não religião partindo do pressuposto de que esta é privada ao indivíduo.

A democracia, portanto, confere ampla participação nos sistemas políticos, nas organizações sociais, de modo que as decisões coletivas se tornem parâmetro de bom relacionamento não somente entre os pares, mas para todos. O poder de decidir saiu das esferas privadas, conferidas anteriormente a um grupo determinado e pequeno, para romper as fronteiras geográficas e aristocráticas, para finalmente chegar ao povo. Conforme Mesquita et al. (2016) a autodeterminação e a igualdade política são os pilares fundamentais para a construção de um sistema democrático, pois conferem ao cidadão plena capacidade de expressar concepções e escolhas que lhe direcionem aos seus interesses e preferências políticas.

Norberto Bobbio (1984 p. 12) define democracia, como um conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados. Nesse sentido, o autor considera que a democracia se contrapõe a um regime autocrático caracterizado por um conjunto de regras primárias ou fundamentais que estabelece quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e quais procedimentos.

Na contemporaneidade, é pertinente discutirmos dois aspectos essenciais no que concerne ao sistema democrático. O primeiro seria essa noção de poder, uma vez que embora o povo eleja os seus representantes, no sistema atual brasileiro, ele tem ocupado a base da pirâmide, sendo necessário apenas no momento eleitoral e dispensado posteriormente. Isto porque, apesar de escolher os seus representantes, existe uma espécie de vício entre os “representantes do povo”, que os fazem acreditar que a coisa pública seja meramente a “extensão das suas casas”, causando um enorme conflito de interesses, ao passo que a representação seja apenas um instrumento legal de manipulação e usurpação da vontade popular. A segunda questão está ligada a questão da laicidade, ou seja, o Estado brasileiro não possui religião oficial, embora exista uma grande influência do cristianismo em nosso calendário de feriados, por exemplo, a

maioria é expressa por feriados religiosos fazendo jus a máxima de que “existe um santo católico para cada dia do ano” no Brasil.

A democracia inscreve, portanto, uma forma de governo comum, onde a igualdade de direitos deve em sum encerrar os seus preceitos. Segundo Ribeiro (2013), a questão dos direitos humanos é limitar o poder do governante. Isto porque apesar de ter autonomia, ele não pode de maneira nenhuma imprimir vontade, salvo se for para e por benefício da maioria, garantindo a autonomia do cidadão, propiciando a plena participação popular, bem como impedindo a manutenção de governos absolutistas. Uma outra nuance apresentada por esse processo é a questão da representação política, que na qual torna o ausente, presente.

Segundo Bobbio (1990), sem democracia não existem condições mínimas para a solução pacífica dos conflitos, nesse sentido a democracia seria a base essencial para a garantir acesso aos direitos fundamentais do homem, bem como a manutenção de um estado de bem-estar social.

A inversão de perspectiva, que a partir de então se torna irreversível, é provocada, no início da Era Moderna, principalmente pelas guerras de religião, através das quais se vai afirmando o direito de resistência à opressão, o qual pressupõe um direito ainda mais substancial e originário, o direito do indivíduo a não ser oprimido, ou seja, a gozar de algumas liberdades fundamentais: fundamentais porque naturais, e naturais porque cabem ao homem enquanto tal e não dependem do beneplácito do soberano (entre as quais, em primeiro lugar, a liberdade religiosa) (BOBBIO, 1990 p.8).

Ainda sobre os direitos fundamentais, Bobbio (1990), afirma que esses direitos não são naturais, uma vez que o que foi fundamental numa época histórica, poderia não ser em outras culturas e civilizações. Assim, as “concepções religiosas e morais”, também são advindas de fatores históricos e são sujeitas a modificações que se derivam no espaço e tempo conforme os processos que conduzem a vida em comunidade. No livro *A afirmação histórica dos Direitos Humanos*, Fabio Konder (2010) afirma que a convicção de que todos os seres humanos têm direito a ser igualmente respeitados, pelo simples fato de sua humanidade, nasce vinculado a uma instituição social de capital importância: a escrita, como regra geral e uniforme, igualmente aplicável a todos os indivíduos que vivem numa sociedade organizada.

Sobre isto, Ribeiro (2013), afirma que a representação “política”, tal como os direitos humanos, precede o advento da democracia moderna. Os direitos humanos surgem no século XVII, a representação na Idade Média, e é no final do século XVIII que aparecem as primeiras democracias modernas, pelo menos as de dimensões razoáveis. Conforme o autor, é no Estado de Direito que as relações sociais passam a ser medidas por uma noção de direitos e não mais por privilégios ou pelo capricho de quem manda. Aos moldes do Estado Democrático de Direito, consagrado na Carta Constitucional de 1988, o Brasil, adota o princípio de Laicidade,

como parte fundamental, observando, entretanto, as liberdades de crença, pensamento e expressão. A Laicidade enquanto instrumento e princípio político, preconiza um a existência de um Estado soberano, significando para além da separação entre Estado e Igreja, o direito de existir de todos, a harmonia entre os que não são pares, a liberdade de consciência, bem como a igualdade entre religiões. Estado Laico não é um Estado Ateu, Estado Laico é um Estado de todos e para todos. Para Rosenfeld (1984), o Estado Moderno vem cumprir o papel de estruturação da sociedade, a partir da criação de mecanismos que, independente do espaço público dos cidadãos, ganham existência própria e controla a sociedade desde fora. O preâmbulo da Constituição Federal de 1988 evoca a “Proteção de Deus”, bem como as cédulas de real com a frase: “Deus seja louvado”, afirmando a influência do Catolicismo sobre o Estado, prevendo que princípios religiosos influenciem na vida das pessoas. No Regimento da Câmara dos Deputados no Art. 79 fica explícito:

§ 1º A Bíblia Sagrada deverá ficar, durante todo o tempo da sessão, sobre a mesa, à disposição de quem dela quiser fazer uso.

§ 2º Achando-se presente na Casa pelo menos a décima parte do número total de Deputados, desprezada a fração, o Presidente declara aberta a sessão, proferindo as seguintes palavras: “Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos nossos trabalhos.

A lei, portanto, é um pacto cultural firmado em determinado momento histórico, que deve assegurar os direitos e deveres de uma diversidade de pessoas e grupos. No referido contexto, os fatos narrados não são frutos meramente de coincidência, são resquícios profunda relação do Estado brasileiro com a Igreja Católica, ofendendo drasticamente o princípio de Laicidade. A supremacia constitucional prevê que a Constituição deve ocupar o ápice do ordenamento jurídico, isso se dá em virtude de ela nascer do poder originário ou constituinte, sendo o principal e mais importante instrumento de garantias de direitos, numa sociedade democrática. Para Lassalle (2014), a constituição seria a lei fundamental de uma nação, da qual derivará todas as outras leis, submetidas as instituições jurídicas. Da constituição Federal de 1988:

**Art. 5º.** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

VI. é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias;

[...]

VIII. ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para exprimir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

[...]

Art. 150. Se prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

VI. instituir impostos sobre:

b) templos de qualquer culto;

[...]

(BRASIL, Constituição. 1988)

#### Do Código Penal:

Título V, Cap. I, “Dos crimes contra o sentimento religioso” (Ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo);

Art. 208. Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:

Pena-detenção, de 1(um) mês a 1(um) ano, ou multa.

Parágrafo único. Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência.

(BRASIL, Código Penal, 1940)

O Estado Laico, portanto, é aquele em que o poder público, que representa o povo, tem a função de não prejudicar ou favorecer qualquer forma de prática religiosa. Ademais, tem como princípio fundamental a imparcialidade no que concerne ao assunto, além de não discriminar a ausência de religião. A postura do Estado Laico, é diferente de um Estado Ateu, uma vez que nesse modelo de configuração são admitidas religiões, enquanto a laicidade preza a separação definitiva da Igreja do Estado, enquanto no Estado Ateu, essencialmente não acredita na existência de Deus e/ou de qualquer outra divindade ou entidade de qualquer religião.

No que diz respeito as liberdades religiosas, é pertinente observamos a necessidade de se caminhar pelas vias micro da sociedade, isto porque, sendo a religiosidade algo privativo ao indivíduo, é justamente nas entrelinhas que a subjetividade pulsa, onde cada pessoa, cada “tribo” religiosa, deixa transparecer o seu “eu” mais verdadeiro, a essência da sua existência; Sendo assim, não cabe a um Estado que governa em proporções macros estabelecer o que julga necessário para uma sociedade tão diversa, que apesar de conviver constantemente com as influencias das raízes culturais, está em constante processo de mutação.

Para tanto, é necessário a promoção do direito de cada indivíduo ou grupo de exercer sua prática religiosa, sem maior intervenção estatal, ou sem que as liberdades individuais ofendam ao outro na prática e na observância em sentido amplo, sendo que a prática religiosa, a liberdade de expressão e de pensamento de outrem podem até serem diferentes, desde que não interfira e/ou fira a dignidade alheia. Sobre a necessidade humana de se consagrar, bem como positivar

direitos, Norberto Bobbio (1986), discorre sobre o caráter histórico dos direitos do homem, em seu clássico *A era dos Direitos*, conforme o autor:

Também os direitos do homem são direitos históricos, que emergem gradualmente das lutas que o homem trava por sua própria emancipação e das transformações das condições de vida que essas lutas produzem. A expressão “direitos do homem”, que é certamente enfática — ainda que oportunamente enfática, pode provocar equívocos, já que faz pensar na existência de direitos que pertencem a um homem abstrato e, como tal, subtraídos ao fluxo da história, a um homem essencial e eterno, de cuja contemplação derivaríamos o conhecimento infalível dos seus direitos e deveres. Sabemos hoje que também os direitos ditos humanos são o produto não da natureza, mas da civilização humana; enquanto direitos históricos, eles são mutáveis, ou seja, suscetíveis de transformação e de ampliação (BOBBIO, 1986 p. 20).

Os direitos sociais sagram uma importante mudança, na condição humana, visto que consagra prioridade ao estado de bem-estar social<sup>23</sup>, entendendo a coletividade como base salutar para a promoção de efetivação de direitos. Enquanto humanidade, que se organiza através de perspectivas pragmáticas, a conclamação desses direitos concebe uma dinâmica que ultrapassa antigos dogmas, para buscar a qualidade, a manutenção e o respeito a todos garantam a integridade física, moral e psíquica de um todo.

Na atualidade, clamores e conflitos são cada vez mais percebidos e anunciados. Mesmo que, em números a violência se torne cada vez mais constatada e nomeada, há resistências que lutam e clamam por uma vida de direitos. Em meio aos discursos e ações de direitos humanos, no Brasil pode-se dizer que há inúmeros conflitos que envolvem várias compreensões teológicas. A religião, geralmente cristã, está no cerne argumentativo de violências, ou seja, religião é utilizada como justificativa de atos violentos, o que torna árdua a tarefa de luta contra essas violências. Pode parecer que sem uma discussão teológica comprometida, a construção da democracia e dos direitos humanos não será plena. É preciso, pois, enfrentar solidificações e violências sagradas (OLIVEIRA 144, 2017).

Infelizmente a religião está no centro de inúmeros conflitos dos quais centram-se como agentes de desigualdades, opressão e atentados a democracia, visto que apesar de representar culturalmente determinados grupos, não deve ter autonomia para ancorar as suas teses sobre outras culturas. O cristianismo ao longo do seu processo histórico protagonizou diversos ataques a outros povos, com diversas finalidades, além de “evangelizar”, ou seja incutir na cultura alheia de modo agressivo a sua doutrina, sem respeitar as raízes, a cultura do outro,

---

<sup>23</sup> Estado de bem-estar social, é um tipo de Estado que garante organização econômica e promoção social em diferentes âmbitos, constituindo parcerias com sindicatos e empresas privadas. Esse modelo desenvolveu-se na história após a passagem de conflitos étnicos, presença de governos ditatoriais aferindo a legitimidade conferida ao Estado enquanto organização potencial de promoção de direitos.

investiu essa tática para usurpar territórios e outros bens materiais em outros continentes, participando ativamente dos processos políticos em diversos governos.

Os longos anos de evangelização Cristã e a sua maneira violenta de conquistar novos fiéis, interferiu muitas vezes nas relações culturais de diversos povos, visto que ao tornar a sua cultura hegemônica, desqualificou e desprezou a cultura alheia. Com relação ao surgimento da antropologia social e política para os estudos culturais, durante o século XX, Marilena Chauí (1989) ressalta a importância da ideologia marxista, para tentar ressignificar o conceito de cultura, que trazia a Europa como principal fonte de inspiração, numa dinâmica que incluía “progresso e civilização” nos idos do séc. XVIII, buscando compreender que cada povo tem sua materialidade, seus costumes, valores, símbolos e história, que são únicos e por isso devem ser respeitados. Partindo desse pressuposto, de que existe uma necessidade de se respeitar a dinâmica concernente a cada povo, através da cultura, é necessário a (des) construção de parâmetros religiosos euro-centrados advindos do cristianismo para garantir que tenhamos uma diversidade religiosa. Nesse sentido a autora ressalta que:

A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano (CHAUÍ, 1989 p.57).

Para Chauí (1989) ressalta que a democracia não é o regime do consenso, mas ela necessita do trabalho dos e sobre os conflitos. Se consideramos que a democracia trabalha sobre os conflitos, podemos considerá-la como modelo de mediação entre as diferenças, posto que geralmente são os diferentes que buscam igualdade no âmbito da representação e nos espaços de poder, rompendo com os paradigmas de um estado absolutista para consolidar uma dinâmica de descentralização do poder. Nesse sentido, o Estado Moderno se acoplou num conjunto de normas jurídicas, cuja função principal seria controlar a sociedade, de tal modo que satisfizesse a todos e ao mesmo tempo garantisse sua hegemonia, sendo exatamente esse mecanismo de controle o responsável direito pela resolução dos conflitos.

No caso brasileiro, a Constituição (1988) declara igualdade a todos, entretanto há um longo caminho para a consolidação ou efetivação desses direitos, posto que alguns “vícios”, advindos do processo de colonização como a falta de respeito a liberdade de crença ou (des)crença do outro, como a relação ambígua entre Estado e Cristianismo impedem a plena

efetivação desses preceitos, bem como a lógica capitalista que condensa a efetivação do poder nas mãos de poucos, impedindo muitas vezes de se efetivar a democracia como plural.

A sociedade democrática institui direitos pela abertura do campo social à criação de direitos reais, à ampliação de direitos existentes e à criação de novos direitos. Eis porque podemos afirmar que a democracia é a sociedade verdadeiramente histórica, isto é, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo. Com efeito, pela criação de novos direitos e pela existência dos contrapoderes sociais, a sociedade democrática não está fixada numa forma para sempre determinada, ou seja, não cessa de trabalhar suas divisões e diferenças internas, de orientar-se pela possibilidade objetiva (a liberdade) e de alterar-se pela própria práxis. (...) A lei não figura o polo público do poder e da regulação dos conflitos, nunca define direitos e deveres dos cidadãos porque, em nosso país, a tarefa da lei é a conservação de privilégios e o exercício da repressão. Por este motivo, as leis aparecem como inócuas, inúteis ou incompreensíveis, feitas para serem transgredidas e não para serem transformadas – situação violenta que é miticamente transformada num traço positivo, quando a transgressão é elogiada como “o jeitinho brasileiro”. O poder judiciário é claramente percebido como distante, secreto, representante dos privilégios das oligarquias e não dos direitos da generalidade social (CHAUI, 1989, pp. 69-71).

A democracia torna a sociedade histórica visto que, valoriza a necessidade de se ter diversidade, sem necessariamente haver conflitos para a manutenção das mesmas, isto porque esse modelo garante a existência plena de todos, pois não está determinada em formato fixo, em sua dinâmica com as suas particularidades, não condensa privilégios, não reprime e não ultrapassa lugares sem que haja permissão para tal. A lei no referido contexto, não deve estar distante do povo e sim a seu serviço, o poder judiciário deve manter-se acessível coerente entre a teoria que resguarda todos os direitos e a prática onde a efetivação e cumprimento não afetem apenas um grupo privilegiado.

Para Sartori (1994), a noção moderna de poder popular, da forma autorizada e estruturada pelo constitucionalismo, é completamente diferente, e é em virtude dessa diferença que nossas democracias superaram de muito, em longevidade, isto por nas democracias antigas o poder político era apenas exercido por poucos, Atenas século V.I a.c é uma grande exemplo disso, apesar de formar as bases democráticas, a condição de cidadania não era universal, excluindo mulheres, escravos e estrangeiros e menores de dezoito anos, enquanto a democracia na contemporaneidade abrange a todos, sem exceção, ou seja todos e todas são constituintes de direitos independente de condição social tornando evidente que houve para tanto um longo processo que deferisse a efetivação desses direitos. Segundo Gonçalves (2012), a ideia moderna de soberania do Estado é desenvolvida no art. 3º da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789.

Com a instituição do Estado Democrático de Direito e o compromisso dos Estados em combater as mazelas perpetradas contra a humanidade, o que se viu, desde a metade do século XX, foi um esforço coletivo e globalizado no sentido de a soberania ainda ser plena. O ser humano e mais ainda a defesa da dignidade da pessoa humana devem ser o mote fundamental. Com a soberania, não haveria possibilidade de questionamentos ou violações, nem em nome da defesa da soberania deste ou daquele Estado.(...) O resultado é a assunção de uma posição neutra, isto é, a Organização das Nações Unidas criou o sistema de direitos humanos e vários instrumentos protetivos das liberdades, e os Estados, em contrapartida, trariam para o âmbito interno, em que são soberanos, os mandamentos instaurados no plano externo. Com isso, as constituições nacionais tiveram de ser modificadas e um novo conceito se instituiu: a defesa e proteção dos direitos fundamentais por meio de um Estado Democrático de Direito, cuja principal característica seria a neutralidade. Assim, no plano religioso, mote deste trabalho, o Estado se declarava laico, isto é, não adotava, portanto, uma religião de forma oficial (GONÇALVES, 2012, p. 50).

Assim, a proclamação dos direitos, garantias e liberdades do homem, tornou um marco histórico, numa dinâmica onde a tradição de povos, foi alterada em detrimento de um bem comum. Sendo esse fundamento de dimensões universais, garantindo aos diferentes o direito a diferença e aos desiguais, igualdades, amparados por um novo constitucionalismo, onde os motes como laicidade, tolerância, pluralismo religioso acompanham o princípio da dignidade humana.

O marco fundamental dos direitos humanos é, sem dúvida, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, cuja aprovação ocorreu em 10 de dezembro de 1948, na Assembleia Geral das Nações Unidas. Contudo, não podemos renegar o passado que impulsionou e motivou o surgimento dos direitos humanos que se concretizaram, de fato, pós-Segunda Guerra Mundial (...). Assim, os Estados criaram um sistema que privilegiava uma sociedade pluralista, aberta, que tem por objetivo assegurar a liberdade de pensamento, religião, crença, credo, expressão e consciência. Então, nesse novo cenário, os Estados desenvolveram importantes mecanismos de combate contra a intolerância e a violência, física, moral ou psicológica dela advinda (GONÇALVES, 2013 p. 43).

A adoção do princípio de laicidade em várias constituições no mundo, pós Segunda Guerra Mundial, mediante Pactos, Acordos internacionais, tendo a Organização das Nações Unidas como mediadora, formam um exemplo de cooperação, no sentido de respeitar as liberdades religiosas, entretanto, na prática, muitos países ainda enfrentam guerras e conflitos por conta da questão religiosa. Os direitos humanos afirmam um conjunto de valores que são históricos e apresentam forma essenciais para construção e manutenção harmônica da vida em sociedade, resultando para tanto, um sistema hierárquico, onde a Constituição ocupa o ápice do ordenamento jurídico, numa concepção Kelseniana, bem como assegure uma sociedade pluralista, dinâmica onde a liberdade de pensamento exista, sem prejuízo de outras liberdades como é o caso da liberdade religiosa servindo de parâmetro para o combate a intolerância religiosa.

No Brasil, a Constituição Federal ocupa o ápice da pirâmide, que tem a obrigação de acolher os anseios da sociedade através do ordenamento vigente estatuído pelo Estado. Há que salientar, entretanto, a lógica do positivismo jurídico que garante não existir Direito fora da constituição, com essa máxima, podemos concluir para tanto, que Dogmas religiosos, apesar de perpassar por uma perspectiva sociocultural, deve refletir somente, num viés dos costumes e da cultura de determinado grupo, não devendo ultrapassar ou influenciar a norma jurídica.

Comparato (2010) defende a ideia de que a democracia moderna surgiu como um movimento de limitação geral dos poderes governamentais do clero e da nobreza. Assim, as instituições da democracia ensejam a liberal- limitação vertical dos poderes, com os direitos individuais, e limitação horizontal, com a separação das funções legislativas, executiva e judiciária adaptaram-se perfeitamente à origem do movimento democrático. Também é legítimo que olhemos a condição humana, enquanto portadores de direitos, uma vez que a norma jurídica tem que abarcar todas as reivindicações socialmente consideradas para garantir pleno acesso ao ser humano em sua humanidade. O direito a diversidade religiosa se enquadra perfeitamente nesta perspectiva, pois a sua inexistência notifica primeira a existência de um Estado Teocrático, segundo a inexistência de uma democracia. Nas palavras de Norberto Bobbio (1986):

o estado liberal é o pressuposto não só histórico, mas jurídico do estado democrático. Estado liberal e estado democrático são interdependentes em dois modos: na direção que vai do liberalismo à democracia, no sentido de que são necessárias certas liberdades para o exercício correto do poder democrático, e na direção oposta que vai da democracia ao liberalismo, no sentido de que é necessário o poder democrático para garantir a existência e a persistência das liberdades fundamentais (BOBBIO, 1986 p. 19).

O Estado liberal se opõe a concentração do poder, nas mãos de poucos, como é o caso de governos absolutistas, enquanto o Estado democrático confere a todos direitos e deveres iguais. Para o Bobbio (1986), a democracia não é somente um sistema de promessas, ela é dinâmica real, não deve ser despótica, tem a obrigação de atender a todos, mantendo seus pressupostos para além do contexto histórico. Nesse sentido, o liberalismo oferece uma retórica crítica, visto que ainda que seja por meios de representantes, o povo tem o direito a afirmar seus ideais.

A condição da sociedade brasileira na pós modernidade, frente ao processo de modernização e a expansão do capitalismo tem revelado transformações relevantes no âmbito de religiões monoteístas como no caso neopentecostal, posto que a adoção de teologias ancoradas na prosperidade material intui que o capitalismo é bom e que o crente deve usufruir de todos os benefícios trazidos pelo dinheiro. Portanto, com um viés direcionado da religião a

esfera pública, as religiões têm tentando suprimir a laicidade, na tentativa de estreitar os laços de poder com tais esferas. Nesse sentido a política sagrou-se como marco histórico para essas transformações, visto que os evangélicos alinharam religiosidade e pretensões política partidárias com a finalidade de ocupar tais espaços de poder.

A influência da ala evangélica/neopentecostal na política, ou mesmo linhas conservadoras presentes em várias confissões cristãs nas decisões eleitorais, fomentam muitas desconfianças. Os choques de interesses, os preconceitos elaborados a partir de modelos de família, de papéis de gênero, da intolerância e da demonização de outras religiões, das posturas acerca de questões de saúde e aborto provocam uma reação negativa da presença da religião no espaço público. Logo, o que as experiências na América Latina nos revelam é que as religiões cristãs estão mais próximas da violação e da violência em vários sentidos: na história, na relação com a política e nas relações culturais. Assim contra as lutas de direitos humanos encontramos ações e discussões teológicas e religiosos que tem fundamentado a não aceitação das diferenças, a dificuldade na luta pelos direitos das mulheres, as violências homofóbicas/transfóbicas, as violências racistas contra religiões de matriz africana. Que Cristo é esse que é anunciado contra a vida humana? Que Cristo é esse anunciado como legitimador de violações de direitos humanos? (OLIVIEIRA, 2017 p. 145).

Michel Foucault (2010) ao construir uma análise das instituições disciplinares a partir de características internas, corrobora com o pensamento de que apesar das estruturas sociais estabelecerem parâmetros pré-definidos, é dentro de cada grupo, dentro de cada célula que pulsa as estruturas, niveladas como um conjunto de regras que articulam as relações de poder. No campo religioso, esse método disciplinar que conduz os corpos ainda que de maneira individual, funcionam segundo Ferreira (2012) como protótipos das formas disciplinares adotadas pelo controle social moderno. Nesse contexto se faz mister afirmar que uma das grandes questões frente aos posicionamentos extremistas radicais de seguimentos religiosos que impede o exercício pleno das liberdades é a pretensão de seguimentos religiosos em ocupar o poder político, aliando a performance dogmática de princípios religiosos, a dinâmica exigida a um representante do povo. É justamente essa pretensão de indução dos afiliados a grupos religiosos em ocupar o poder com a sua doutrina, intrínseca ao processo político que ancora a necessidade de garantir o pleno acesso de todos a esses espaços, bem como limitar de forma coerente essa mistura tendenciosa entre igrejas evangélicas e esferas públicas de poder.

A representação política não devem realizar ações que violem o Estado Democrático de Direito Laico; A representação política deve firmar o pacto social, assegurando os direitos do povo e da Nação pois essa mistura tendenciosa, orquestrada pelos referidos grupos tem impedido questão importantes para a sociedade civil de ter o devido tratamento por parte do poder público. Questões de saúde pública, como aborto, uso de contraceptivos, questões de

gênero e identidade relacionadas ao público LGBTTs, direitos das mulheres, bem como de minorias étnicas, e religiosas não são consideradas à revelia de concepções dogmáticas por parte de partidos e parlamentares ligados ao neopentecostalismo brasileiro. Nesse contexto a bancada evangélica tem interferido ainda que de forma negativa no cotidiano, bem como em aspectos identitários, culturais e de saúde da população, pelo simples fato que querer introduzir a sua religiosidade na vida de todos. Essa relação entre religião, política, judiciário, esferas de poder no geral tem intervindo de forma negativa no âmbito das relações sociais.

A liberdade política não é, de forma alguma, o único tipo de liberdade nem é necessariamente aquela que deve ter o valor supremo. É, entretanto, a liberdade primária em termos procedimentais, pois é a sine qua non de todas as outras liberdades. Portanto, falar de "independência em relação a" como uma noção inadequada de liberdade, como tendemos a fazer, é simplesmente errado. As outras liberdades também, se forem consideradas isoladamente, são igualmente inadequadas. A adequação deriva de toda a série e de toda a série organizada como uma fileira, numa determinada ordem. Não é suficiente que nossas mentes sejam livres, se nossas línguas não são. A capacidade de dirigir nossa própria vida tem muito pouca utilidade se formos impedidos de exercê-la. Como, então, as chamadas liberdades positivas podem ser adequadas, se um senhor todo-poderoso impede que desabrochem? (SARTORI 1994 p. 67).

Ressaltamos, para tanto, que no bojo da democracia moderna, a laicidade encontra-se como percussora de um movimento, cuja finalidade é afirmar a neutralidade do Estado, frente a questões religiosas. Nesse sentido, neutralidade, não significa tolerância, ou ainda um Estado Ateu. A neutralidade será responsável por garantir o respeito às liberdades individuais, uma vez que religião é questão subjetiva e particular devendo ser exercida em âmbito privado.

Uma outra questão que vem sendo amplamente debatida relaciona-se ao Ensino religioso nas escolas, que por decisão do Supremo Tribunal Federal (2017), pode ter natureza confessional, ou seja, podem seguir os ensinamentos de uma religião específica. Concomitante a essa decisão, o Ministério da Educação retirou da base comum curricular das escolas públicas brasileiras o ensino da Filosofia (2017), argumentando, que os estudantes brasileiros precisam de um Ensino Técnico, que matérias ligadas as áreas das Humanidades, não teriam relevância para a construção de uma consciência plena do indivíduo. Da mesma maneira que em 1970, durante o apogeu da Ditadura Militar no Brasil, a retirada do Ensino da Filosofia do âmbito escolar teve intenção estratégica e ideológica de costurar a manutenção ou projeto de poder de algumas classes sociais, que se viam ameaçada por uma comunidade transformada de maneira positiva pela educação, visto que alguns seguimentos consideravam a disciplina perigosa para planos de manutenção de um governo antidemocrático, além de supostamente apresentar caráter

subversivo, ou seja, construir uma crítica de tal modo que influencie diretamente o pensamento de terceiros sobre o comportamento do governo. Nesse contexto, o Ensino Técnico oferece solução para projetos de manutenção do sistema capitalista, onde o homem tem sua identidade, sua subjetividade condensada, para trazer para si a experiência de se comportar como uma máquina, o homem-máquina, ou seja, ele não pensa por conta própria, é obediente ao sistema e tem gratidão pela posição que ocupa. Esse contexto da Técnica não lhe produz obrigatoriedade de obter uma formação interdisciplinar<sup>24</sup>, multidisciplinar<sup>25</sup>, transdisciplinar<sup>26</sup>, pelo contrário, a disciplina faz-se mister neste contexto.

As relações de produção capitalista dão origem a diferentes processos de ruptura e alienação do gênero humano enquanto tal. As instituições educativas (a família, a escola e outras) sempre estiveram vinculadas às relações de produção. Com a Revolução Industrial, a escola vai-se consolidando como principal instituição de formação para o trabalho, não só em sua dimensão técnica - o capital beneficiou-se da desqualificação do trabalhador - mas principalmente em sua dimensão política: a formação cultural ideológica dos indivíduos para o trabalho industrial. Esta dimensão diz respeito à formação dos indivíduos para as novas relações de trabalho, na indústria, fundamentadas no controle do tempo, na eficiência, na ordem e disciplina, na subserviência, etc. (ENGUITA, 1989 Apud PIRES 1996, p. 2)

Nesse contexto se faz mister apresentar o ordenamento jurídico como principal meio capaz de garantir que um direito constitucionalmente assegurado não tenha sua essência ferida, por uma outra lei inconstitucional que nem deveria ter o referido caráter pois apresenta uma afronta aos direitos constitucionais básicos. Ao se convocar o ensino religioso confessional, num contexto como o brasileiro, a probabilidade das aspirações teocráticas cristãs circularem pelas salas de aula é muito maior do que um ensino que construa uma crítica a razão religiosa, que confere dogmas e não aceita questionamentos. Se a filosofia ensina de alguma maneira o

---

<sup>24</sup> Quanto à interdisciplinaridade, essas discussões tomaram corpo nos anos setenta. Já no final dos anos sessenta o movimento marcadamente revolucionário dos estudantes universitários na Europa e na América Latina tinha como eixo a crítica à organização do ensino universitário e o papel do conhecimento na sociedade capitalista discutindo-se, entre outras coisas, a ruptura teoria e prática e a função social dos conteúdos escolares (Follari, 1995). As instituições responderam a algumas exigências do movimento estudantil iniciando a busca de novos pressupostos que levaram a modificações estruturais e curriculares. A interdisciplinaridade apareceu, então, para promover a superação da superespecialização e da desarticulação teoria e prática, como alternativa à disciplinaridade. Já aqui percebe-se que as discussões acerca da interdisciplinaridade têm inspiração na crítica à organização social capitalista, à divisão social do trabalho e a busca da formação integral do gênero humano. (PIRES 1996, p. 5)

<sup>25</sup> A multidisciplinaridade parece esgotar-se nas tentativas de trabalho conjunto, pelos professores, entre disciplinas em que cada uma trata de temas comuns sob sua própria ótica, articulando, algumas vezes bibliografia, técnicas de ensino e procedimentos de avaliação. Poder-se-ia dizer que na multidisciplinaridade as pessoas, no caso as disciplinas do currículo escolar, estudam *perto* mas não *juntas*. A ideia aqui é de *justaposição* de disciplinas (ALMEIDA FILHO, 1997 Apud PIRES 1996)

<sup>26</sup> Transdisciplinaridade é a etapa superior de integração. Trata-se da construção de um sistema total, sem fronteiras sólidas entre as disciplinas, ou seja, de 'uma teoria geral de sistemas ou de estruturas, que inclua estruturas operacionais, estruturas de regulamentação e sistemas probabilísticos, e que una estas diversas possibilidades por meio de transformações reguladas e definidas. (SANTOMÉ 1998 Apud SOMMERMAN 2005 P. 6)

ser humano a tornar-se crítico ao contexto em que vive, eis mais um motivo para disciplinar os corpos num modelo de ensino onde dogmas são preconizados enquanto a ciência que se vale de métodos, pesquisas, para validar sua retórica é sutilmente deixada de lado. Conforme Bovero (2009) apud Fischmann (2012) afirma que:

(...) os órgãos do poder democrático, em um Estado constitucional de direito, não são onipotentes; a democracia (constitucional) não é a onipotência da maioria (e sem sequer da totalidade, eventualmente unânime, dos cidadãos e/ou de seus representantes). Se, por exemplo, uma lei viola um direito civil ou um direito social estabelecido na constituição como fundamental, esta lei é certamente ilegítima em seu conteúdo, ou como disse Ferrajoli em sua substância. (BOVERO, 2009 p. 32 apud FISCHMANN, 2012 p. 87)

É sabido, que a o Brasil concentra o maior número de católicos do mundo; nas últimas décadas com o avanço do neopentecostalismo, o seguimento evangélico apresentou crescimento voluptuoso. Também é sabido, que são esses segmentos religiosos que apresentam narrativas, discursos e práticas que estigmatizam, demonizam, desqualificam e rebaixam as religiões de matriz africana, como então garantir a hegemonia constitucional e o princípio de laicidade, nestes termos?

Para Teun Van Dijk (2008) numa alusão a construção social de discursos, aduz que as ideologias não são inatas, mas aprendidas, partilhadas e usadas para identificar, formar e manter grupos sociais e o seu poder, considerando ainda que os discursos revelam apenas uma pequena parte do conhecimento partilhado. Quer dizer, do conhecimento limitado, considerando para tanto, a parte do grupo dominante e/ou interessado.

## **CAPÍTULO 2 - O NEOPENTECOSTALISMO IURDIANO**

*(...) E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.  
(Evangelho de João 8. 32).*

A igreja Universal do Reino de Deus – IURD foi fundada em 9 de julho de 1977, por Edir Bezerra Macedo<sup>27</sup> e Romildo Ribeiro Soares. A IURD é uma denominação cristã, evangélica

---

<sup>27</sup> Conforme Oliva (2005 pp 23-24), o Bispo Edir Macedo, fundador da I.U.R.D apresenta formações acadêmicas, em instituições sem legitimidade no campo intelectual, uma vez que seus cursos são famosos por serem oferecidos por correspondência e ter altos custos. O Bispo Macedo é Bacharel em Teologia - Faculdade Evangélica de Teologia, Seminário Unido; Doutor em Teologia - Faculdade de Educação Teológica no Estado de São Paulo (FATEBOM); Doutor em Filosofia Cristã - Faculdade de Educação Teológica no Estado de São Paulo (FATEBOM); Doutor Honoris Causa em Divindade -Faculdade de Educação Teológica no Estado de São Paulo (FATEBOM); Mestre em Ciências Teológicas -Federación Evangélica Española de Entidades Religiosas - F.E.E.D.E.R (MADRID, ESPAÑA).

neopentecostal e tornou-se a maior e mais influente igreja evangélica do país. Quarenta anos após a sua fundação, no Rio de Janeiro, ela conta com cerca de 8 milhões de seguidores, 15 mil pastores em 105 países, chegando a tornar-se a 29ª em número de seguidores no mundo, segundo estimativas próprias. Ao longo destes anos, o Bispo Edir Macedo tornou-se um líder carismático, criou uma forma autônoma de apregoar o evangelho, inspirado no evangelismo norte-americano, que conforme Wilson Azevedo (1994) apud Ricardo Mariano (2014 p. 35) forjou as principais características do neopentecostalismo, a ênfase no Diabo e a guerra espiritual contra os demônios, a agressividade de sua militância e a crença (vinda dos EUA, criada por Kenneth Hagin e difundida por literatura) de que a palavra humana, associada à fé, faz acontecer coisas neste mundo. Assim a IURD passou a pregar a cura e o batismo no “Espírito Santo”, além de fomentar a batalha espiritual contra do demônio que, segundo demonologia pedagógica-neopentecostal está presente nas entidades espirituais afro-brasileiras.

Nesse sentido é pertinente afirmar que o aparato teológico utilizado pela Igreja Universal se encontra conforme Mariano (2014), na exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjo decaídos; na pregação enfática da Teologia da Prosperidade e na liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. É de suma importância entendermos como o Diabo foi concebido nas bases do Cristianismo, para compreendermos a sua importância histórica para seus dissidentes e o porquê de a guerra espiritual configurar uma importância face da tradição religiosa, ainda que na modernidade, como é o caso da I.U.R.D. No referido contexto é preciso lembrar que já houveram séculos de guerra espiritual que foram aproveitados pelo novo pentecostalismo como uma marca importante da sua dinâmica contemporânea, na luta contra o demônio. Nesse sentido, Oliva (2005) inquiriu uma espécie de ordem cronológica para explicitar a importância histórica desta figura para a construção social da cena neopentecostal.

O cristianismo antigo, entre os séculos I e IV, optou por uma visão intermediária entre o monismo do Antigo Testamento e o dualismo persa e grego, que pode ser denominada de semi-dualista. Segundo esta visão, Deus é soberano e criador de todas as coisas, como afirma o Antigo Testamento, mas não age de forma maléfica, nem é o responsável pelo que existe de mal no mundo. O mal teria entrado no mundo devido ao livre-arbítrio dado às suas criaturas humanas e angelicais. A partir do pecado (ser humano) e da rebeldia (anjos), o mal entrou no mundo e passou a fazer oposição a Deus. A posição cristã acerca do mal preserva a soberania divina na criação do mundo, como na religião dos antigos israelitas, combinada com a concepção de que há um adversário maligno do Deus bom, como é apresentado na religião persa/iraniana e na filosofia antiga dos gregos. A igreja medieval iria identificar a face do Diabo com a dos oponentes políticos e doutrinários da religião cristã, que fora um fenômeno plural em seus primórdios, vai se transformando em uma expressão religiosa que passa a excluir as manifestações que venham divergir do que a hierarquia da igreja estabelece como sendo correto dogmaticamente. (OLIVA 2005, pp 25-26)

O Diabo aparece também na Idade Média, sobrevivendo a duríssimos tempos de exorcismos e inquisição, quando pairava o medo e sobre uma figura mítica que atacava sobretudo e principalmente, os cristãos e posteriormente, na modernidade quando fora forjado através de algumas descrições suas que alimentavam o imaginário popular. Conforme Oliva (2005 pp. 27-28) o Diabo está presente na I.U.R.D com algumas características do passado (semi-dualismo do cristianismo antigo, demonização do Outro como no período Medieval, triunfante como tem acontecido desde a Modernidade e grande causador das mazelas do mundo). Não por acaso um dos principais pilares da Igreja Universal é a estratégia de demonizar o Outro, visto que no passado essa prática foi bastante utilizada, sobre as religiões concorrentes, uma vez que era impossível torná-las invisíveis e/ou simplesmente eliminá-las, tratá-las como inimiga através de estereótipos e do aspecto demonizador tornou-se solução cotidiana entre os neopentecostais, para lidar com outras religiões, sobretudo as de matrizes africanas.

Movidos por este modelo teológico, a I.U.R.D montou um verdadeiro “exército de Cristo”, com incursões em diversos setores da sociedade, para além dos templos, com intuito de exorcizar o diabo, expurgá-lo e convertê-lo ao divino Criador. Nas próprias palavras de Macedo (2006), não se deve pregar o evangelho café, com açúcar, os verdadeiros evangélicos devem utilizar todos os métodos possíveis para converter os adversários de Jesus, identificados por ele nas entidades das religiões de matriz africana. Para mostrar essa verdade que “cura, liberta e salva”, eles utilizam métodos nada discretos, muitas vezes coadunados em ofensas verbais, físicas e simbólica. Com esta performance, os crentes, acreditam estarem levando a mensagem, na certeza de que são dignos das promessas e recompensas de Cristo, por estarem livrando mais uma alma das chamas do inferno. Essa mensagem, propagada pelos crentes se costura para além do campo simbólico, essa mensagem confere uma espécie de domínio, de poder que se pretende exercer sobre o Outro, nessa mensagem está inserida uma ideologia que que insinua sobre o Outro, afirmando veementemente qual é a pretensão do discurso, que além de promover a intolerância religiosa, deslegitima a identidade do Outro alçada agora com traços de ameaça pelo grupo dominante e/ou pretende dominar. Sobre isto, Mariano (2014) faz uma reflexão sobre o campo de atuação dos membros da IURD, bem como das suas estratégias para “ganhar almas para Cristo”, citando as próprias palavras de Macedo (2006) ao dizer que “os cristãos não devem ficar na defensiva, mas sim na ofensiva contra o Diabo, revertendo as consequências de seus atos, conquistando território e pessoas para Jesus. Afirmações como esta confirmam o compromisso do neopentecostalismo de vilipendiar os espaços religiosos, impedindo ou perturbando seus cultos, bem como escarnecendo publicamente adeptos de tais religiões sob o pretexto de que estão atacando o Diabo. Conforme Mariano (2014):

Movidos pelo ressentimento do povo eleito perseguido pelo Diabo, encorajados pela liderança e embalados pela ira santa, pastores e fies ultrapassam o espaço interno dos templos, provocam conflitos e agridem adeptos das religiões adversárias, desencadeando a malfadada “guerra santa”. Convictos de que contribuem para a vitória progressiva do bem sobre o mal, passaram a combater as fortalezas do inimigo para fortalecer o exército divino e gozar das bençãos decorrentes desse posicionamento. (...) O resultado de tamanha disposição e motivação bélicas foi parar na imprensa, em delegacias de polícia e na Justiça. Constam relatos de agressões físicas a adeptos de cultos afro, tentativas de invasão de centros e terreiros, vilipêndio por meio de programas de rádio e TV (nos quais acusam umbanda e candomblé de matarem crianças em rituais satânicos; queimam e destroem objetos, imagens e assentamentos afros), publicações que os acusam de ligação com o Diabo, passeatas e concentrações públicas de repúdio e protesto, imposições forçadas da Bíblia, prática de cárcere privado e ruidosa ocupação de espaços tradicionalmente utilizados pelos adversários durante suas festas MARIANO, 2014 p. 122).

Nesse contexto, o texto constitucional consagra o verbo “escarnecer<sup>28</sup>”, para penalizar os crimes contra o sentimento religioso, pois muitas cenas de intolerância religiosa são cometidas através de atos como zombar, humilhar e ridicularizar a fé do Outro, através de abordagens e apregoações do texto evangélico na vizinhança, em locais públicos como feiras, dentro de ônibus, metrô, praças, escolas, obrigando o Outro a participar ainda que de forma involuntária de tais reuniões ou discursos proselitistas. O fomento a esta cassia ao inimigo, por líderes como Edir Macedo, só aumenta o clima de tensão entre adeptos de tais religiões, pois ao ver um praticante de religião afro, instantaneamente a reação do crente é tentar exorcizá-lo, avançando sobre ele, com a bíblia nas mãos e o óleo ungido para lhe passar sobre a cabeça.

No livro “Somos todos filhos de Deus?” Macedo (2007) faz duras críticas à religião sinalizando que a diversidade religiosa tem levado a humanidade para o inferno, e além de afirmar que os verdadeiros seguidores de Cristo, trazem dentro de si a consciência do amor e do respeito ao semelhante, independente de cor, sexo, raça ou religião contradizendo o pensamento supracitado relacionado a diversidade religiosa, isto porque ou se ama o próximo ou se odeia, no bojo da sua subjetividade, identidade nesse contexto. Criticar dogmas religiosos é normal, entretanto ao se colocar a sua fé como única e verdadeira, acaba-se por aderir a um comportamento fundamentalista, visto que foi a partir das diferenças de pensamento que surgiram as diversas crenças religiosas. Colocar-se contra a diversidade religiosa é um grave atentado ao direito de existir, a prática religiosa no culto e observância concebe a religião, que

---

<sup>28</sup> Art. 208, do Código Penal: Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso. Pena – detenção, de 1 (um) mês a 1 (um) ano, ou multa. Parágrafo único. Se há emprego de violência, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), sem prejuízo da correspondente à violência.

é justamente este elo, essa ligação que cada indivíduo tem com expressões identitárias que de alguma maneira lhe preenche. Nas palavras de Macedo (2007):

As religiões, jeitosamente, têm tornado cegos os olhos da humanidade, usando fatos históricos, criando fantasias para estimular ou alimentar uma fé emotiva. A religião tem sido a maior e melhor arma do inferno na destruição dos povos em todos os tempos. Ela tem separado as pessoas e as nações a ponto de conduzi-las a guerras. A religião tem sido um elemento divisor tão nocivo a sociedade que são necessárias leis duras para obrigar os fiéis a se respeitar entre si. Se as religiões fossem algo puro e verdadeiramente benéfico, as pessoas que as praticam não precisariam de leis como a da liberdade de culto para se respeitar entre si (Macedo 2007 p. 18-19).

A religião é uma expressão simbólica que tem marcado significativamente traços da identidade cultural da humanidade, por tanto negar essa importância, seria negar a existência do Outro em sua plenitude. Essa égide preconceituosa que o neopentecostalismo sustenta, ao achar-se a única religião plena, colide com o pluralismo, a diversidade e a tolerância religiosa, parâmetros essenciais para uma sociedade laica. Ao falar em “cegueira, guerras e separação” Macedo (2007) deixa explícito como a intolerância religiosa é daninha para o mundo, a falta de respeito para com o Outro, a descrença no fato de que cada povo tem e teve a sua história e que essa história é extremamente importante para um todo, porque traz consigo a essência, traços da tradição, da identidade e da construção social de aspectos simbólicos de cada povo.

Ricardo Mariano (2014) em “Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”, faz um recorte histórico sobre a formação de pastores da Igreja Universal, explicitando a dinâmica didático-pedagógica utilizada pelos mesmos, para arregimentar fiéis, ou como preferem dizer: “Salvar almas para Jesus”. Essa objeção a diversidade religiosa, esse modelo de concentrar os adeptos de maneira que não contestem a autoridade do seu líder, são, sem dúvida uma das heranças mais sólidas que o neopentecostalismo Iurdiano trouxe dos EUA. Para Michel Foucault (1989) as relações de poder funcionam como rede, através das suas esferas sociais, isto porque tais relações emergem sutilmente de maneira que, a ovelha tende a obedecer a autoridade do seu pastor, considerando algo que está para além hierarquia, o poder que a liderança religiosa emite sobre os fiéis, um poder de uma força tão grande que apesar da hierarquia a incontestabilidade da liderança é bem quista cotidianamente. Nesse contexto, o poder circula, perpassa por várias esferas, existe independentemente do tipo de relação que se deseja construir, se de dominante ou dominado, as relações de poder são efetivas porque através das relações de força produzem sujeitos. Sobre a formação do pastorado Mariano (2014) argumenta que:

Seguindo a tradição leiga do pentecostalismo, os pastores da Universal não possuem formação em seminários ou faculdades de Teologia. A igreja, que por vários anos manteve, no Rio de Janeiro, a Faculdade de Teológica Universal do Reino de Deus (Faturd), que oferecia cursos básicos de (três anos) e de bacharelado em teologia

(quatro anos), desistiu de prover formação teológica aos pastores quando percebeu que isso, além de gastar inutilmente o seu tempo, tenderia a diminuir o seu fervor e distancia-los das demandas imediatas dos fiéis. Em seu lugar, criou-se o Instituto Bíblico Universal, que oferece curso de frequência não obrigatória e duração de seis meses, cujas lições, de fácil e rápido aprendizado, destinam-se inteiramente a aplicação prática no trabalho pastoral. O governo Eclesiástico da igreja Universal é centralizado em torno do seu líder carismático. Sua estrutura de poder é vertical, despótica até. A instância máxima é o Conselho Mundial dos Bispos, seguido abaixo pelo Conselho Mundial dos Bispos do Brasil, e na base da pirâmide hierárquica, pelo Conselho de Pastores. Na prática, porém, o bispo primaz, escudado em seu poder vitalício e ancorado no discurso de que o próprio Deus o escolheu para exercer tal autoridade, que não pode ser questionada, decide e comanda. Pastores e congregações não possuem autonomia alguma. Os fiéis não escolhem os líderes locais. Estes, por sua vez, obedecem a um esquema de rodizio (permanecem dois anos, no máximo, numa mesma congregação) e não gerenciam os recursos que arrecadam (MARIANO, 2014, p. 63).

Nesse sentido, Furre (2006), Bladsoe (2012), Mariano (2014) e Gonçalves (2013) são unânimes em classificar o Bispo Edir Macedo como um grande empresário<sup>29</sup>, que comanda sua igreja como uma empresa multinacional, munida de um aparato midiático bélico, composta por jornais, revistas, redes de televisão e rádio, sites, bem como um conglomerado composto de financeiras e bancos, tornando a autoridade de Macedo, algo comparável “com a autoridade Papal sobre sua máquina religiosa”. Nesse contexto, o termo bélico fora utilizado para expressar a pretensão que a IURD tem de atacar o Inimigo, o Mal, o Satanás, o Diabo através da propagação do evangelho por meio dos meios de comunicação de massa, pois como disse Macedo (2007) o crente deve ser combativo, ou seja, deve estar sempre munido não só da palavra, como de ferramentas para combater o Grande Inimigo de Deus. Mediante o explicitado Bladsoe (2012), considera que:

Embora a IURD seja uma denominação multifacetada, tendo Macedo como líder supremo, ela é considerada uma igreja, portanto uma organização sem fins lucrativos. Por outro lado, Macedo e sua esposa são os únicos donos de uma antiga e incipiente rede nacional de televisão, Rede Record, adquirida em 1990. (...) Devido as habilidades empreendedoras do Bispo e sua equipe de liderança, a Record se tornou a segunda emissora de televisão mais assistida no Brasil, ficando atrás da Rede Globo (BLADSOE 2012 p. 65).

---

<sup>29</sup> Conforme Ricardo Mariano (2014) Edir Macedo e a IURD, são donos da Rede Record de Televisão, da Folha Universal, do diário Hoje em Dia, da revista Mão Amiga, dos Jornais Tribuna Universal e Stop Suffering: A New Life Waits You, além de constarem 40 emissoras de rádio e 16 de TV em nome de líderes da igreja. Além disto pertence ao grupo da IURD, o Banco de Crédito Metropolitano, a Unimetro Empreendimentos, a Cremo Empreendimentos, a New Tour (agência de viagens), a Uni Line (processamento de dados), a Unitec (construtora), a Uni Corretora (seguradora), a Line Records (gravadora), a Frame (produtora de vídeos), a Investholding Limited (como sede nas ilhas Cayman), a Editora Gráfica Universal LTDA. e a Ediminas (fabrica de móveis).

Na mesma perspectiva, Gonçalves (2013) ao tratar das configurações contemporâneas do neopentecostalismo da IURD, enfatiza o caráter religioso-midiático<sup>30</sup>, de uma grande igreja, que se mantém numa estrutura de poder, cujo caráter hierárquico se concentra na potencializada figura do Bispo Macedo. No que tange aos discursos iurdianos Bladsoe (2012), afirma que:

A IURD interage com a sociedade em diversos níveis, estendendo sua presença e fortalecendo uma reputação variada. Em suas reuniões, os líderes da igreja confrontam religiões afro-brasileiras ao orar contra suas entidades demoníacas e praticar exorcismos. Seus pastores têm avançado os limites ao criticar católicos, outros pentecostais e igrejas evangélicas de missão. A IURD promove seus próprios candidatos políticos locais e nacionais, que, em contrapartida, favorecem o interesse da denominação. Macedo e sua liderança declaram “guerra santa” à rede de televisão mais popular do país, a Globo, que tem exposto práticas da IURD. A insistência em pedir dinheiro, principalmente entre os fiéis mais pobres, é o tema mais repetido em uma reunião regular (FURRER, 2006, p. 46 apud BLADSOE 2012 p. 51).

É coerente afirmarmos que na trajetória eclesiástica, o Bispo Macedo já foi alvo de várias incursões judiciais, chegando até mesmo ser preso<sup>31</sup> por práticas como curandeirismo e charlatanismo. Numa singela descrição da trajetória do Bispo Macedo, Mariano (2014) revela a sua trajetória ética e moral, em suas palavras ele é:

Venerado por fies e subalternos, criticado por adversários religiosos e pastores concorrentes, acusado pela polícia de charlatanismo, estelionato, curandeirismo e de enriquecimento às custas da exploração da miséria e ignorância e crueldade alheias, Macedo vai, em partes graças ao Diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos seu império. (MARIANO, p. 54 2014).

Despertar da fé, Fala que eu te escuto e Obreiros em foco, são alguns dos programas exibidos pela Iurd com a finalidade de identificar o Diabo, mostrar como ele atua na vida das pessoas, humilhá-lo e conseqüentemente expurgá-lo. A grande questão, é que o Diabo é espontaneamente identificado nas divindades das religiões de matriz afro. É comum durante as entrevista com as divindades, ou entrevistas com o Diabo numa alusão ao discurso da IURD, as entidades se apresentarem como Exus, Pomba-Giras e Pretos-Velho, alternando-se apenas

<sup>30</sup> Religioso-midiático: Bladsoe (2012) estima que a denominação produza cerca de 240 horas diárias de programação televisiva religiosa exibida em diversas redes de todo país. TAVALARO (2007) apud BLADSOE (2012 p. 103).

<sup>31</sup> Acusado dos crimes de charlatanismo, curandeirismo e estelionato Macedo foi preso no dia 24 de maio de 1992, permanecendo na 91ª Delegacia de Polícia da Zona Oeste de São Paulo. Para que a sua prisão fosse efetuada foram deslocados 5 delegados e treze agentes da Delegacia de Capturas e do Grupo de Ação e Repressão a Roubos Armados. Sua prisão teve origem num inquérito aberto em 1989, na Delegacia de Crimes contra a fé Pública, por cinco ex-fiéis que denunciaram na justiça terem doado dinheiro e bens a igreja em troca de milagres que não ocorreram. No dia 07 de Junho de 1992 o Bispo Edir Macedo foi solto, alegando que sofreu perseguição religiosa, amparado por seus correligionários que fizeram uma grande campanha através de cultos e correntes em defesa do bispo. MARIANO (2014 pp. 76-77).

pela nação ou dissidência religiosa que a divindade pertença. Essa performance tem garantido a Igreja Universal audiência aos seus programas, vilipêndio ao sagrado das religiões afro, bem como a incitação da violência e intolerância religiosa. Por conta dessa atuação mesmo com esse cunhado de denúncias e até prisão, o bispo tornou-se um dos maiores apregoadores do evangelho Telêvangelista no Brasil, ao passo que o mesmo serviu de inspiração para outros grupos de igrejas e pastores que vem fortalecendo o neopentecostalismo atual, bem como difundido a famigerada “batalha espiritual”.

## **2.1 Os neopentecostais e a terceira onda do neopentecostalismo brasileiro: os soldados de Jesus**

Mais conhecida como a “terceira onda”, os neopentecostais são um grupo de Igrejas Evangélicas Cristãs que, inspirados numa teologia norte-americana da prosperidade chegaram ao Brasil entre meados da década de 1970 e início de 1980. Empenhados em transformar sua dinâmica teológica em algo global, os neopentecostais rumaram com um discurso e práxis fundamentalista com a finalidade de transformar a doutrina Cristã numa doutrina teológica global. Esse novo discurso elenca na sua interioridade a expressão de um grupo que não está sozinho, de sujeitos que reverberam os anseios de um grupo que se pretende dominante, pois existe aí um lugar que o direciona em construir um discurso sobre o Outro, sobre os religiosos afro-brasileiros, sobre os não evangélicos, sobre os não religiosos, representando-os da forma mais conveniente possível através de estereótipos, bem como negando a sua importância, função social e finalizando com a tentativa literal de expurgá-los. Os neopentecostais tiveram grande influência da teoria Criacionista do século XIX, sendo também produto dessa corrente, que ao se opor ao ensino da Teoria Darwinista funda o que chamamos hoje de fundamentalismo religioso. As bases da doutrina neopentecostal são amparadas pela Teologia da Prosperidade<sup>32</sup>,

---

<sup>32</sup> Chamamos de Teologia da Prosperidade o que nos EUA, local de sua origem, além desse nome é rotulado pelos críticos de Health and Wealth Gospel, Faith Moviment, Faith Prosperity Doctrines, Positive Confession entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70 quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. Em suma, a Teologia da prosperidade prega que o crente pode alterar realidades por meio da palavra proferida com fé (MARIANO 2014 pp. 151-153).

Teologia do Domínio<sup>33</sup> e Teologia da Confissão Positiva<sup>34</sup>. As principais representantes desse movimento são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Mundial do poder de Deus (1998), Igreja Apostólica Fonte da Vida (1994), Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994), Ministério Internacional da Renovação (1992), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992), Comunidade Cristã Paz e Vida (1982), juntas representam cerca de 70% de um conglomerado religioso, midiático e empresarial com fins proselitista. Conforme Bladsoe (2012),

o neopentecostalismo é uma nova forma de religião pentecostal na qual a batalha espiritual, os exorcismos, as curas imediatas e a prosperidade pessoal neste mundo substituíram a tradicional ênfase pentecostal no falar em línguas; na moralidade pietista rígida; na segunda volta de Jesus e na salvação eterna. (STALSETT, p. 4 apud BLADSOE p. 42).

O neopentecostalismo brasileiro se desenvolveu numa fase histórica sócio-política, pois em meados da década de 1970, o país começou a transição do regime militar para um sistema democrático, Bladsoe (2012 p. 42). Essa fase foi de extrema importância, visto que conflitos identitários em âmbito coletivo permeavam o contexto e expressões religiosas eram uma das maneiras de se tentar garantir a autonomia e lutar por direitos. A crença da existência de um Salvador, a fé em dias melhores, as curas espirituais e a prosperidade material encorajaram os crentes a lotarem as igrejas que passaram a propagar a boa nova. Autores como o sociólogo Mariano (2014), ao analisar as bases do cronológicas acerca do surgimento das igrejas neopentecostais, afirmam que:

A terceira onda começa na segunda metade dos anos 70, cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90. A igreja de Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Robert McAlister, como escrevem Freston (1993:96), Hortal (1994:1) e Azevedo Júnior ( 1994: 7), está na origem das igrejas Universal do Reino de Deus (Rio, 1977), Internacional da Graça de Deus ( Rio, 1980) e Cristo Vive (Rio, 1986). Estas três, ao lado da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e Igreja Nacional Jesus Cristo (São Paulo, 1994), constam entre as principais igrejas surgidas no período (MARIANO 2014, p. 32).

<sup>33</sup> A Teologia do Domínio é baseada nas batalhas espirituais contra demônios hereditários e territoriais e na quebra de maldições de família, concepções doutrinárias forjadas e popularizadas pelo Fuller Theological Seminary no final dos anos 80. (...) Essa Teologia se refere a exacerbação dessa cosmologia acentuadamente dualista, fundamentada na crença de que, na atualidade, vivemos e participamos de uma emperdenida guerra cósmica entre Deus e o Diabo pelo domínio da humanidade (MARIANO 2014 pp. 43-44).

<sup>34</sup> O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm poder – prometido nas escrituras e adquirido pelo sacrifício vicário de Jesus- de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que se declaram, se decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta (MARIANO 2014 p. 153).

Conforme, Silva (2007) a retórica neopentecostal brasileira se incoorpora a partir da década de 70, na terceira fase do pentecostalismo, através de alterações significativas no modos operandi, isto porque se organizam de maneira semelhante a uma coorporação; utilizam o uso do rádio como na primeira onda e acrecenta um forte investimento na televisão; utilizam práticas do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras (uso de obejtos simbólicos); seus pastores possuem um tom de pele mais clara e são de classe econômica mais alta do que nas classes anteriores e seus mebros são leais a instituição. (Bladsoe 2012.p 42). Silva (2007) afirma que:

Com o acréscimo do prefixo latino "neo", pretendeu-se expressar algumas ênfases que as igrejas identificadas nessa fase assumiram em relação ao campo do qual, em geral, faziam parte: abandono (ou abrandamento) do ascetismo, valorização do pragmatismo, utilização de gestão empresarial na condução dos templos, ênfase na teologia da prosperidade, utilização da mídia para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa (por isso chamadas de "igrejas eletrônicas") e centralidade da teologia da batalha espiritual contra as outras denominações religiosas, sobretudo as afro-brasileiras e o espiritismo. ( SILVA, 2007 p.208 )

É necessário expor a importância histórica a qual os neopentecostais se apegaram para forjar um discurso que desqualifique, rebaixe e demonize as religiões concorrentes, ou ainda as são consideradas “ minorias”, para que essa nova maneira de apregoar o evangelho ganhe espaço. Numa perspectiva simplória, ressaltamos que esse discurso, tem sido ao longo dos últimos quarenta anos, como uma potente arma, no que tange a “ arregimentação de fiéis”, bem como à tentativa de expurgar a liberdade religiosa do outro. Ricardo Mariano (2014 p. 10) afirma que a diferença entre os pentecostais e os protestantes históricos é que os primeiros acreditam que Deus, por intermedio do Espírito Santo e em nome de Cristo continua a agir da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando os enfermos, explusando os demônios, realizando milagres e dialogando com os seus servos. Uma outra característica marcante do neopentecostalismo está no dom de falar em línguas estranhas, a glóssolalia, que remete ao dia em que o Espírito Santo teria se manifestado aos apóstolos por meio de línguas estranhas.

## **2.2 Igreja Universal do Reino de Deus: o retorno da guerra santa**

Empoderados de trechos do texto bíblico, um exército de crentes está realizando uma espécie de projeto de dominação do homem pela "palavra de Deus " e da "palavra pela fé em Deus". Assim, caminham os neopentecostais guerreiros, soldados de Jesus que com a intenção de "salvar almas" e expurgar o demônio, utilizam de umas práxis que lembra muitas das vezes

atos realizados por regimes de "segregação" posto que eles ostentam a sua verdade em detrimento dos outros, postulando uma separação entre os filhos de Cristo e os filhos do mundo. Oro (1992) apud Mariano (2014) afirma que:

As igrejas neopentecostais são autóctones, tem líderes fortes e pouca inclinação à tolerância e ao ecumenismo, opõem-se aos cultos afro-brasileiros, estimulam a expressividade emocional, utilizam muito os meios de comunicação de massa, enfatizam rituais de cura e exorcismo, estruturam-se empresarialmente, adotam técnicas de marketing e retiram dinheiro dos fiéis ao colocar “ no mercado religioso serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento (ORO 1992 apud MARIANO,2014, p. 35).

Em suma, no ideário neopentecostal o Diabo vive em constante conflito com Deus, sendo ele o culpado por todos os males que acometem o ser humano provocados claro, pelo pecado original de Adão e Eva que, incitados pela serpente do mal, foram influenciados a questionar a verdade de Deus e o resultado do pecado, fora este: guerras, fome, corrupção, divórcio, desemprego, não existindo assim um culpado externo para a ocorrência desses males. Para o neopentecostal o texto bíblico é inflexível, devendo ignorar momentos históricos, temporalidade, sendo a essência e fim de todas as coisas. Nesse contexto existe duas questões essenciais que merecem ser acentuadas, sobre o caráter dogmático da doutrina neopentecostal e sobre a inerência do texto bíblico. Em conformidade com o Antigo Testamento, pouco a pouco o príncipe deste mundo passou a “integrar o dogma central do cristianismo, ou seja, o da queda do homem e da redenção pela morte do Messias na Cruz (Nogueira 1986 apud Mariano 2014, p. 109). Questões como a política, a economia, a violência, não são pautadas como causadoras das mazelas sociais, deixando assim de considerar os fatores externos para explicar os infortúnios que ocorrem ao homem contemporâneo, que não seja causado por ele. Nesse contexto, assim como Deus, o Diabo é onipresente, Onipotente e Onisciente, tendo a capacidade de estar e intervir em acontecimentos em todos os lugares, nos diversos contextos. Embora a Bíblia tenha sua importância histórica, os pentecostais elegem apenas os trechos convenientes ao seu discurso para incutir na mente dos fiéis. Autores como Gonçalves (2013) acerca do uso e interpretações bíblicas nos salientam que:

Nos cultos neopentecostais as interpretações bíblicas são soltas. Não existe um critério teológico para embasar suas mensagens que são intuídas e desprovidas de uma base exegética. Também não encontramos uma hermenêutica bíblica para suas afirmações, normalmente, são expressões motivacionais. Os textos bíblicos passam a desempenhar papéis de verdadeiros amuletos, como tendo poderes imanes e intrínsecos. A mensagem adota novas terminologias que apontam para uma pseudo-espiritualidade antropocêntrica, completamente inclinada para as necessidades, desejos

e ambições humanas. O discurso neopentecostal se apresenta recheado de expressões como: “eu determino”, “eu ordeno”, “eu decreto”, “exijo meus direitos”, “reivindico a benção” (GONÇALVES 2013, p. 32).

Sobre a Confissão Positiva presente no referido discurso, quando o Pastor “ordena, decreta, determina, reivindica, exige” demonstra mais uma face dos neopentecostais, sobre o fato que agora não são mais eles que estão a serviço de Deus, e sim Deus a serviço e a inteira disposição deles. Apregoar o evangelho tornou-se algo que está para além de mandamento de Cristo, tornou-se moeda de barganha, expressão de saber e poder de tais grupos. Isto porque essa ênfase imprimida no discurso autoritário do pastor, acompanhada de uma performance que se completa através de gritos durante o culto serve para mostrar ao fiel que este está em perfeita conexão com Deus.

Os novos conquistadores da fé, se auto declaram através de trechos de textos bíblicos como os "escolhidos" e salvos, os verdadeiros representantes de Deus aqui na Terra. As pessoas que, por algum motivo, questionarem a legitimidade destes, ou simplesmente, questionarem o texto bíblico, ou ainda rejeitarem "ouvir a palavra de Deus", "pegar um panfleto", ou manifestar-se adeptos de religiões de matriz africana, são alvo de verdadeiros cultos de exorcismo, em praça pública, em pontos ou dentro de ônibus, no local de trabalho.

O crente, não só acredita que ele é a voz de Deus, como também que ele tem poder sobre o demônio e o seu séquito de anjos decaídos que estão confundindo as pessoas através das falsas religiões. No calor da emoção, no momento de exorcismo, cura e comunhão com Deus, o crente ora fervorosamente, grita, fala em línguas estranhas, enquanto geralmente pastores impunham as mãos sobre suas cabeças fazendo com que estes entrem em transe, caiam, gritem, manifestem o Espírito Santo de Deus, ou manifeste Exus Caveira, Exu da Morte, Pombas Gira e outras divindades do panteão africano.

A respeito da Divindade Exu, Prandi (2001 p. 46-63) afirma que lhe fora atribuído “dupla identidade” pelos europeus que tiveram contato com o continente africano, que impregnados por um olhar euro-cristão abismaram-se com as suas características e o modo de culto pelos iorubás, que o chamavam de Legba ou Elegbara. Ainda segundo Prandi (2001) existem duas questões primordiais que indicam essa relação insurgente em relação a Exu:

A primeira por causa dos altares, representações materiais e símbolos fálicos do orixá-vodum; a segunda em razão de suas atribuições específicas no panteão dos orixás e voduns e suas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostra como um orixá que contraria as regras mais gerais de conduta aceitas socialmente, com quanto não sejam conhecidas por Exu que o identifiquem com o diabo (PRANDI, 2001 P. 38-83).

Demonizar Exu, por ter seu símbolo de representação maior, um falo, símbolo de fertilidade, por não seguir as condutas socialmente aceitas por uma religião que crê numa espécie de culto ao corpo vestido, que acreditava veementemente numa divindade intocável e com traços de pureza, foi um recurso estratégico para os Cristãos que desejavam a hegemonia de uma religião teocêntrica, que além de catequisar tais povos, desejava também escravizá-los e usurpar os seus bens. Exu na sua essência é Orixá comunicador, não tem censura na língua, carrega o tacho de oferenda, embora representado por vários arquétipos ao longo do processo histórico, ainda causa bastante euforia acerca da sua existência por conta de tais discursos. Nesse contexto, a violência do colonizador não foi aceita pelos povos escravizados, uma maneira de resistir aos estímulos de aderir a cultura foi justamente sobreviver resistindo e existindo com o que de mais simbólico poderia se ter que foi a religiosidade ou seja, as religiões africanas foram uma das maiores armas utilizadas no enfrentamento da imposição de uma cultura sobre a outra.

Munidos de um discurso enraizado em trechos da Bíblia Sagrada, adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus e suas dissidências constituem um time de peso na construção de um discurso intolerante a todas as outras religiões que não professam a sua fé. Com intuito de salvar almas para Cristo, os neopentecostais se apropriam do texto bíblico, com palavras de ordem como: “Só Jesus salva, o diabo veio pra matar, roubar e destruir, tá marrado em nome de Jesus, tá repreendido em nome de Jesus” e rumam a missão evangelizadora que conta com rituais de cura e exorcismo, da glossolalia como aparato discursivo e de um adversário fiel e incontestável que, na narrativa bíblica apresenta-se como o Diabo, enquanto no discurso demonizador é representado na figura de Exu, orixá do panteão religioso afro-brasileiro.

Nesse contexto, Exu é invocado constantemente nos cultos de exorcismo como sendo o causador da morte, das doenças, do desemprego, do divórcio, sendo sincretizado com Lúcifer o Dêmonio cristão. O discurso religioso neopentecostal se fundamenta num princípio onde o dogmático Jesus Cristo, o cordeiro de Deus, veio salvar as almas dos pecadores condenadas ao inferno. Dogmático porque sem a figura de Jesus Cristo o Salvador, anunciada no Antigo Testamento como o “verbo”, e vivendo no Novo Testamento como um homem, chamado de “Messias”, as narrativas bíblicas não teriam sentido, da mesma maneira que a figura do Opositor tem que está presente para ser humanilhado e exorcizado, caso contrário a narrativa perde o seu sentido. Por tanto, tais figuras são essenciais para a manutenção do discurso bíblico.

Nos cultos de libertação, o panteão dos deuses, os espíritos e guias das religiões mediúnicas são invocados para, depois de manifestados e amarrados, fatalmente ceder às coações exorcistas e confessar a culpa pelos males com que afligem os

possessos. Após admitirem sua culpa, são humilhados, achicalhados e, por fim, expulsos dos seus corpos, como demonstração do poder de Cristo sobre o Diabo. Na Universal e em sua costela, a Internacional da Graça, sexta-feira é o dia reservado ao concorrido culto de libertação, frequentado por quem deseja, literalmente, se libertar de demônios ou de seus males. (...) Na prática, o ritual de libertação de possessos ocorre em quase todos os cultos da Universal. A libertação se dá durante a oração para que os fiéis, recebem graças e libertam-se dos males. Enquanto os fiéis, de olhos fechados e em pé, oram repetindo a oração proferida pelo pastor, os obreiros caminham pelo templo, orando e olhando fixamente para cada um dos presentes, em busca dos demônios escondidos. Diante de qualquer indício como um pequeno tremor do corpo, lágrimas, desconforto físico, mal-estar, o obreiro avança sobre o fiel, segura sua nuca, impõe uma das mãos sobre sua cabeça, muitas das vezes girando-a freneticamente para os lados e para trás (tirando-lhe o equilíbrio, o que, ao lado da privação do sentido da visão, contribui para a posseção), e esbreveja ao pé do seu ouvido, para que o demônio se manifeste. (...) Logo o demônio é amarrado e a possessa levada ao púlpito. O pastor pergunta, gritando, qual é o nome do demônio que a pessoa está possuindo. Vencida a resistência inicial recebe a resposta com a voz cavernosa de sempre: “Exu Capa-Preta” (MARIANO, 2014 132-132).

A posseção demoníaca faz parte dos processos psicossociais na religiosidade do crente, tornando-se essencial para o ingresso efetivo na comunidade religiosa. Não existe dúvida de que naquele corpo, exposto ao processo de exorcismo, existe uma entidade maligna comandando, que precisa urgentemente ser expulsa. A performance que o pastor, os obreiros e até a comunidade religiosa faz durante tais sessões, lembram um ato coreografado que envolve todo um corpo, não somente uma parte ou a parte afetada, mas toda igreja compartilha do sentimento de desafio que o Diabo está lhe fazendo no momento do Exorcismo. É preciso orar com fervor, é preciso invocar, é preciso perceber os sinais que o fiel está dando de que está possuído, suor, tremores no corpo, lágrimas são imediatamente identificados como posseção, fazendo-se necessário a intervenção do pastor, a imposição das suas mãos sobre o cabeça do fiel, ordens para que o demônio se identifique, diga o nome, ordens para que ele diga quais males está causando na vida daquela pessoa e ordens para que ele seja amarrado em nome de Jesus e seja queimado também.

Nesse contexto o Diabo, adversário de Deus é sincretizado com o Orixá Exu, do Candomblé, Umbanda, Quimbanda e dissidentes, para ser responsabilizado, por todo o mal que acomete à sociedade: guerras, desastres econômicos e naturais, doenças físicas e mentais, bem como outros tipos de violência: Não importa se o governo falha, não importa as intervenções do homem na natureza, se há aquecimento no globo, se há desafeto conjugal, se o caráter do homem não alcança algum tipo de moral, a culpa sempre será dele, do Diabo. No

texto bíblico, a figura do Diabo, aparece representada de várias formas e/ou nomenclaturas. Segundo Fonseca (2002) apud Nogueira (2002), o diabo no Antigo Testamento<sup>35</sup> é:

entendido como o que se opõe; é o adversário, é o acusador. A partir de determinado momento, a tradição olha-o como um ser individual, (v.g livro de Job ou livro de Tobias). No novo Testamento, onde é frequentemente descrito o encontro pessoal, sucedem-se as derrotas de Satanás. Este, de acordo com a tradição cristã plasmada na Idade Média, é espírito insinuador, de mil modos mascarados, ruidoso ou silencioso, está sempre atuante, nunca descansa. O orgulho e o ódio dominam sua incansável atividade. É de fato, nome e rosto da revolta contra Deus-loucura extrema, e suprema iniquidade. Cujas frieza nunca deixa de desconcentrar (FONSECA 2002 apud NOGUEIRA, 2002, p. 8).

Ao refletir sobre as formas de representação do demônio ao longo da História da humanidade, o autor do prefácio, Luís Adão da Fonseca (2002 apud Nogueira 2002 p. 8) revela que:

(...) a monstruosidade horrível domina as descrições e a iconografia. É uma forma de representação. Porque, enquanto espírito, o demônio não tem aspecto corpóreo, sendo o homem, submerso na cultura e mentalidade próprias de cada época. Quem o pinta com estas ou aquelas cores. Ou seja, se o demônio, em si, está além da história, a sua representação (pelo discurso, pela afetividade, iconografia) é sempre um produto da História. (...) De qualquer modo, de acordo com a mesma tradição, o demônio-anjo caído – é a criatura maravilhosa na sua inteligência e vontade (FONSECA 2002, p. 8).

Nessas circunstâncias, se o crente perde o emprego, a culpa é do diabo; se o crente consegue um emprego, a obra é de Deus, se ele mata, a culpa é do demônio, ou seja o Bem x Mal. Jargões como "Jesus cura, salva e liberta", "o diabo veio pra matar, roubar e destruir", "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", "não existe salvação no mundo", "não seja religioso, placa de igreja não salva ninguém", "o que salva é a palavra", "Jesus é o caminho, a verdade e a vida", "só Jesus salva", "vamos pisar na cabeças dos Exus e Pombas Giras", "você nasceu pra ser cabeça e não calda", "Jesus tem um plano em sua vida", "estamos no final dos tempos" são algumas frases proferidas pelo crente durante o processo de evangelização. Este discurso está tão impregnado na mente neopentecostal que diuturnamente o crente é levado a fazer essas alusões durante o proselitismo religioso. Peter Berger (1965) afirma que os neopentecostais deixaram de rezar pelos mortos e revela que:

<sup>35</sup> O Antigo Testamento, que também é chamado de Velho Testamento, nada mais é do que a compilação composta pelas Escrituras Hebraicas contendo 46 livros. Há no Antigo Testamento, os livros do Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), os Livros Históricos (Josué, Juízes, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, que a Septuaginta e a Vulgata), os Livros Poéticos e Sapienciais (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sirac ou Eclesiástico) e os Livros Proféticos, dos primeiros profetas e dos profetas menores.

O protestantismo despiu-se tanto quanto possível, dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Esse processo foi agudamente captado na expressão "desencantamento do mundo". O crente protestante já não vive em um mundo continuamente penetrado por seres e forças sagrados. A realidade está polarizada entre uma divindade radicalmente transcendente e uma humanidade "decaída", que *ipso facto* está desprovida de qualidades sagradas (BERGER, 1965 p. 124).

Na introdução do livro *Orixás, caboclos e guias* (2006), Edir Macedo dedica a obra a todos os "Pais e Mães de Santo", deixando explícito a intenção de convencer-lhes da sua verdade, bem como de converte-los não somente ao protestantismo, mas ao neopentecostalismo, sua principal base doutrinária e filosófica. Essa nota dedicatória além de ser uma lembrança, configura-se como uma afronta, visto que as religiões de matriz afro são as mais assediadas, vilipendiadas no discurso neopentecostal, além de serem as maiores vítimas de intolerância religiosa *in loco*. É interessante para tanto, refletirmos sobre o método que esse líder religioso utilizou para falar de uma outra religião, que não é a sua e da qual diz ser ex adepto<sup>36</sup>, do Catolicismo e da Umbanda, além de demonstrar ao longo do seu discurso a sua intenção de arregimentar tais grupos.

O espiritismo, especialmente as formas afro-brasileiras como a umbanda e candomblé, é uma estratégia demoníaca usada com frequência para entrar na vida pessoal da pessoa. É possível entrar em contato, com as forças malignas através do envolvimento pessoal em centros que promovem rituais espíritas. No entanto, os demônios não exigem que a pessoa participe diretamente do espiritismo para possuir sua vida. Eles podem entrar na vida de uma pessoa se ela tiver: (1) parentescos com pessoas espíritas; (2) um inimigo que fizer um pacto espírita para amaldiçoá-la; (3) associada a alguém que seja espírita; (4) rejeitado Cristo como Salvador ou (5) consumido alimentos sacrificados aos ídolos. (MACEDO, 2006, p. 38-43 apud BLADSOE, 2012 p. 82).

Além de apresentar um discurso que incentiva ao preconceito racial, o livro coaduna para a propagação de outros preconceitos e estereótipos que, via de regra, geralmente fomentam a prática de violência física e simbólica por parte de adeptos, que inspirados nessa literatura são movidos a entrar na luta contra o demônio, e combater o inimigo, nesse contexto representada pelas religiões mediúnicas como Umbanda e Espiritismo, Candomblé, Quimbanda e demais religiões que se aproximem de práticas afro-brasileiras. Segundo Mariano (2014):

---

<sup>36</sup> No Livro *Orixás, caboclos e guias* (2006), o bispo Edir Macedo afirma que já foi adepto do Catolicismo e a Umbanda.

Para publicizar o poder exorcista de Deus e de seus intermediários na terra, às sextas a TV do bispo (Macedo), exhibe os chamados “cultos de libertação”, cujos protagonistas, devidamente incorporados e solícitos, atendem pela alcunha de Exu Caveira, Maria Molambo (...) Oxalufã, Pomba-Gira, Maria Bonita, Pomba Gira Sete Gargalhadas do Bordel, Exu Veludo Veludinho, Preto Velho, Maria Conga, Tranca Rua (MARIANO, 2014, p. 17-129).

A retórica da demonização ao panteão afro-brasileiro apresenta-se, como um dos principais métodos de evangelização neopentecostal em nossos dias. Esse grande, instrumento de evangelização utiliza versões estereotipadas da cultura, memória e história das populações afro-brasileiras, com a intenção de atingir o imaginário coletivo fomentando o ódio religioso. O ódio as religiões concorrentes é fomentado como estratégia proselitista visto que, já que não se pode negar a existência e o poder de tais grupos, nem exterminar as suas raízes, é preciso direcionar os fiéis por um caminho que o impeçam de simpatizar ou construir qualquer laço bem como que numa relação de forças atacar o inimigo. É pertinente, entretanto fixarmos uma definição epistemológica sobre as religiões de matriz africanas, a partir do que sinaliza Reginaldo Prandi (2003) apud Silva (2007):

As religiões afro-brasileiras são consideradas religiões mediúnicas (juntamente com o Kardecismo). Estruturam-se no século XIX como religiões étnicas, dos escravos africanos e seus descendentes, mas com o passar do tempo tornaram-se religiões multiétnicas ou universais. Recebem diferentes nomes regionais, tais como: Candomblé na Bahia, Xangô, em Pernambuco; Batuque, no Rio Grande do Sul. São ainda incluídas na expressão “religiões afro-brasileiras” a Macumba, a Quimbanda e a Umbanda, ente outras (PRANDI 2003 p.16 apud SILVA, 2007, p.30).

A práxis religiosa neopentecostal vem incorporando aos seus rituais elementos das religiões afro-brasileira com a intenção de ressignificá-las. As sessões de descarrego, durante as sextas-feiras, a utilização de rosas, azeite do amor, perfume do amor, pó do amor, saquinho de sal, arruda, sal grosso, aliança, lenço, saquinhos de água do Rio Jordão e de óleo do monte das Oliveiras, areia da praia do Mar da Galiléia, água fluidificada, chave, pente, sabonete (Mariano 2014 p. 134). Nesse contexto, existe ainda o pedido aos fiéis para que levem peças de roupas dos familiares, banhos de descarrego e que elemento como os óleos que por exemplo, sejam colocados na água, na comida dos fiéis e familiares. Os neopentecostais utilizam elementos simbólicos das religiões concorrentes, nesse caso, do Catolicismo e das religiões de matriz africana que outrora eram desqualificados e posteriormente utiliza em seus rituais dando outro sentido ressemantizando-os.

Ademais o neopentecostalismo se adequou aos ditames dos novos tempos, tempos em que a salvação está estritamente atrelada a prosperidade material, isto porque a sua ética diz que o crente não precisa mais viver uma vida ancorada na insuficiência material, pois aos servos de

Deus está reservado todas as maravilhas deste mundo. A prosperidade material e, por conseguinte, o acesso e consumo das “maravilhas” do mundo moderno, permitindo um gozo “aqui e agora”, são perseguidos como recompensa por aqueles que servem e financiam a obra do Senhor. Os fiéis não devem mais aceitar viver como párias virtuosos, completamente excluídos dos prazeres mundanos (Torres, 2007 p.108). O capitalismo, sobretudo em países periféricos como é o caso brasileiro, ganhou terreno fértil no seio da terceira onda pentecostal, que acreditam ter direito as benesses que o dinheiro pode proporcionar ainda neste mundo. Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição a busca da riqueza, o livre gozo do dinheiro, de status social e dos prazeres deste “mundo”. Em seu lugar pregam a Teologia da Prosperidade, doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo (Ricardo Marciano, 2014 p. 44).

Nesse sentido, Silva (2007) aponta que segundo a exegese bíblica contida no livro de Macedo (2006), os demônios existem e são criaturas de Deus que, por invejarem o criador, caíram em desgraça e vivem a disputar desde então o trono celeste. A relação entre o neopentecostalismo e o texto bíblico é bastante coerente considerando que os mesmos são dissidentes do catolicismo e posteriormente do protestantismo tendo a bíblia como principal instrumento simbólico. A grande questão é a sincretização do Demônio que só existe no cristianismo com as divindades das religiões de matriz africana, causando danos gigantescos num contexto físico, simbólicos com a demonização dos Orixás<sup>37</sup>. Nesse contexto, segue algumas passagens do texto bíblico onde aparece a narrativa sobre o anjo decaído que tanto tem inspirado os neopentecostais na batalha espiritual.

Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo. (Isaías 14:12-15); E houve no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. (Apocalipse 12:7-9)

Nesse sentido o próprio texto explicita os nomes dados ao arqui-inimigo de Deus, Lúcifer, Diabo e Satanás, personagem que só faz sentido dentro desta narrativa, dentro desse contexto sociocultural e identitário não devendo ser sincretizado com nenhum outro personagem de

---

<sup>37</sup> Orixás (yoruba *Òrìṣà*) foram ancestrais africanos que foram divinizados, pois durante sua vivência na terra, adquiriram um controle sobre a natureza, como: raios, chuvas, árvores, minérios e o controle de ofícios e das condições humanas, como: agricultura, pesca, metalurgia, guerra, maternidade, saúde.

nenhuma outra narrativa em nenhum outro lugar que não seja o cristianismo e seus dissidentes. Ao tratar do fenômeno religioso numa perspectiva sociológica, Houtart (1994) faz as seguintes considerações:

Em primeiro lugar, a religião faz parte das idealizações, ou seja, das representações que os seres humanos fazem de seu mundo e de si mesmos. Tais representações são a maneira de construir a realidade na mente. Esse não é um fato puramente automático, não é apenas um reflexo, como o de um espelho que somente pode apreender a realidade tal como ela é, mas sim que a mente humana sempre está realizando um trabalho intelectual sobre a realidade para interpretá-la. Não existe na mente humana nem tampouco na cultura de um grupo humano uma representação que não seja fruto de um trabalho da mente. É verdade que esse trabalho não se faz sobre o vazio social e cultural (HOUTART, 1994 p. 25).

A representação performática sobre o Outro passa por um processo de dramatização que age como um jogo simbólico no inconsciente neopentecostal para expandir a sua mensagem de salvação através da exorcização de demônios. Um dos eventos mais utilizados pelos pastores são as entrevistas ao demônio, que comumente são representados por entidades afro-brasileiras que geralmente se apresentam como Exus, Pomba-giras, e representam o diabo. Nesse contexto, Silva (2007) afirma que o neopentecostalismo, em consequência da crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios, os quais se “disfarçam” em divindades cultuadas nesses sistemas. Assim, os neopentecostais utilizam um discurso demonizador para forjar uma representação da identidade religiosa afro-brasileira. O Brasil apresenta uma imensa multiplicidade de denominações religiosas, entretanto, o fato de o cristianismo participar ativamente do processo de colonização e, a posteriori, atuar como braço forte do Estado, constituindo um projeto-político histórico, culminou na tentativa de homogeneizar a identidade religiosa nacional.

Em confluência com Mariano (2014), Kramer (2001, p. 92 apud BLADSOE 2012 p. 87) é possível observar como agem os líderes da IURD para confrontar com as religiões de matriz africana, escolhem o dia de sexta-feira para sua “corrente de libertação” porque os centros de Umbanda e Candomblé realizam um importante ritual no mesmo dia da semana saudando o Orixá da paz, “Oxalá”. Nestas reuniões os pastores combatem, ordenam e expulsam demônios, muitos associados a entidade afro-brasileiras”.

Geralmente nesses cultos, a IURD, leva ao púlpito ex-religiosos de Matriz Afro, para dar o testemunho do “mal” que faziam as pessoas, bem como a comunidade em geral, normalmente são ex-pais e mães de santo. Oro (1997) ao refletir sobre a flamigerada guerra santa forjada pelos neopentecostais x afro-brasileiros, defende que, “na tentativa de arregimentar fiéis, o

catolicismo, seguindo por dissidentes como os evangélicos neopentecostais, utilizaram como estratégia a “demonização das religiões concorrentes”. Embora o catolicismo e o neopentecostalismo sejam religiões de matrizes semelhantes, existe uma distancia na prática doutrinária, entretanto são essas mesmas raízes a exemplo do aspecto demonizador sobre as religiões concorrentes que as aproxima. Nas palavras do autor:

A ênfase na demonização afro-brasileira cumpre também um sentido a nível individual. Ou seja, posto que um bom número dos frequentadores do neopentecostalismo provêm ou mantinham, direta ou indiretamente, contato com o mundo religioso afro-brasileiro, a dramatização ritualística da demonização traduz, até certo ponto, a rejeição do neo-converso do seu modo de vida pregresso e a expressão de sua mobilidade religiosa (e quiça também social); necessidade de sublinhar o novo em relação ao velho, o abençoado e liberto em relação ao pecaminoso e mundano. Nesta lógica, o passado não é esquecido, é desmemorializado. Ele é constantemente atualizado para ser diariamente exorcizado, sempre renovado e representado no ritual do exorcismo/libertação. Dessa forma, o sentido da demonização dos espíritos reside na necessária recordação diária aos novos crentes de que os males são causados pelos demônios (subentende-se as entidades afro-brasileiras), os mesmos que cultuavam e seguiam mas que agora devem rejeitar e abominar (sem negá-los porém), porque se encontram sob um poder maior, do Espírito Santo (ORO, 1997, p. 11).

No discurso neopentecostal, as entidades ligadas às religiões africanas e afro-brasileiras são a própria figura do demônio. Orlandi (2003) diz que “o discurso religioso é onde fala a voz de Deus”, então convictos que estão fazendo a vontade de “Deus”, os crentes fazem equalizar essa voz, difundindo uma visão estereotipada dos arque-inimigos de Deus. A estereotipia é usada como recurso para identificar e descrever as religiões concorrentes, só que numa versão que agrada aos agressores, através de uma ordem discursiva que deloca e pré figuram sentido a tais religiões. Home Bhabha (2013) afirma que o estereótipo que é a sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido. Segundo Albuquerque Jr (2001, p. 20) apud Santos (2009 p. 75):

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva a estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em outras palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças do grupo (ALBUQUERQUE, 2001, p. 20).

Desse modo, negando a existência da diferença, reduzindo a significação dos Outros, construindo uma imagem deturpada, repetindo diversas vezes essas versões, constrói-se um

caminho normativo que apesar de ser entendido como normal natural, não é nada além do que uma tentativa de desfigurar tais religiões através de uma falsa representação da realidade.

Quase que numa prática sincrética, os neopentecostais utilizam utensílios advindo da cosmologia afro-brasileira, que são ressemantizados para construir um significado aceitável no pensamento coletivo neopentecostal. Nesse sentido, utilizam óleos ungidos, flores benzidas, perfumes, lençóis de conjugues, fitas coloridas, sal, incentivam os fiéis a entrar pela entrada principal dos templos, evitando as laterais (porque tem que ser centro, cabeça), pregam a vinda de Cristo para consolar todas as dores da humanidade, outrora, pregam a prosperidade material, uma vez que você também pode ser um homem bem-sucedido, e é legítimo que você, um filho de Deus, goze dos bens materiais que este mundo pode lhe proporcionar. Desse modo, os ex-praticantes de religiões afro, convertidos ao neopentecostalismo se sentirão mais à vontade, perante os símbolos que os mesmos já conheciam, entretanto, agora manuseados com a finalidade de “fazer o bem”. Para Mariano (2014):

se os evangélicos identificam as entidades da umbanda, os deuses do candomblé e os espíritos do Kardecismo com os demônios, os neopentecostais, vão bem mais longe ao vê-los como responsáveis diretos por uma infinidade de males, infortúnios e sofrimentos. A partir disso, o combate à macumba, aos exus, guias, pretos-velhos e orixás tornou-se um dos principais pilares doutrinários. Mas para que esse diálogo construtivo com os adversários fosse possível, além de se basearem na dogmática pentecostal tradicional, aproveitaram tanto o medo da macumba, da feitiçaria, da magia negra e de certos preconceitos presentes no imaginário e na memória popular quanto a própria expansão, visibilidade pública e influência cultural dos cultos afro-brasileiros (MARIANO, 2014, p.115).

Através do imaginário coletivo inseriu-se ideias que saltaram a imaginação para se transformarem em modelos preconcebidos, versões estereotipadas da religiosidade afro-brasileira onde o medo ancorava todo um contexto que promovia distanciamento, discriminação e invisibilidade de tais religiões. A tentativa de invisibilizar tais práticas religiosas emergiu justamente da necessidade de manter hegemônico o cristianismo, em detrimento de uma outra religião que através do caráter subversivo resistiu primeiro nas senzalas, depois nos guetos, na periferia, nas roças, fugindo dos senhores de escravos de religião católica, depois do Império e do Estado onde o catolicismo foi a religião oficial e conseqüentemente de uma sociedade onde a maioria é católica e que tal qual fora ensinada reproduz tais estigmas e preconceitos. Para Émile Durkheim (1989) todas as religiões são verdadeiras, pois vivemos numa diversidade étnica, social e cultural e a religião muitas vezes reflete justamente essa necessidade que cada povo tem de viver a sua identidade através das várias manifestações que surgem ao longo da existência humana.

Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras a sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana. Na verdade, não é impossível dispô-las segundo ordem hierárquica. Uma podem ser ditas superiores a outras, pelo fato de colocarem em jogo funções mentais mais elevadas; são mais ricas de ideias e sentimentos, integram mais conceitos, menos sensações e imagens, e sua sistematização é mais erudita. Mas, por mais quanto sejam reais, essa maior complexidade e essa idealidade mais elevada não bastam para ordenar as religiões correspondentes em gêneros separados. Todas são igualmente religiões. (DURKHEIM 1989, p. 31).

É evidente que essa hierarquização existente no campo religioso tem muito a ver com a condição de existência de tais grupos religiosos no país, alguns relacionam-se com os grupos dominantes, com os colonizadores, com os governantes, enquanto outros grupos são fruto da resistência a um projeto de dominação que tinha como principal meta eliminá-los. Discursos de superioridade, de legitimidade permearam esse contexto, promovendo durante muito tempo um ambiente de segregação e de exclusão, bem como de não reconhecimento da existência e legitimidade de tais grupos religiosos. Por tanto esse movimento que estamos presenciando na contemporaneidade é reflexo também de tais práticas. A grande questão nesse sentido é a necessidade de se respeitar todas as manifestações religiosas, sem privilegiar ou estigmatizar outrem mantendo sempre o princípio de tolerância entre elas.

Sobre essa necessidade que alguns grupos têm de se colocarem no centro dos processos religiosos como sendo únicos e verdadeiros, os neopentecostais se colocam como sendo os verdadeiros mensageiros de Deus, criticam o Catolicismo presente no cerne do Cristianismo, além de conduzir o texto bíblico a partir de suas interpretações como sendo as mais importantes. No âmbito da cosmovisão neopentecostal Deus é o autor do texto Sagrado, enquanto o co-autor humano seria apenas um intermediário entre Deus e o Homem, sendo um mero interceptor da mensagem divina. Com isso, não pretendem construir uma análise histórica das narrativas bíblicas, o caráter dogmático, as “interpretações”, não dão margem para análises profundas sobre a autoria dos textos; caráter psicológico ou outros tipos de abordagens exegética. Por tanto, o texto bíblico, num momento axiomático encarna-se como revelação divina, da qual o crente, precisa seguir fervorosamente afim de garantir sua salvação. Na perspectiva de Maingueneau (2008), numa reflexão mais acentuada sobre as nuances da hermenêutica bíblica ele conclui que:

Na verdade, a maior parte da Bíblia constitui-se não de falas que emanam diretamente de Deus, mas de textos de autores anônimos ou míticos que dependem de gêneros de discurso muito diversos (narrativa histórica, mito, poema, provérbios, compilações de leis...) escritos em lugares e épocas distintos. Mesmo no Evangelho, o Cristo só fala por meio do discurso citado. Mas para os membros da comunidade, os múltiplos

“autores” da Escritura são apenas porta-vozes do único e verdadeiro Autor (O Espírito de Deus) que inspira e garante o conjunto dos textos, indiferente a diversidade dos textos, e das épocas. Sem esse postulado, toda hermenêutica religiosa rui já não se pode mais esclarecer um fragmento da Escritura por outro (MAINGUENEAU, 2008 p. 102).

Destaca-se, para tanto o uso e trato da hermenêutica bíblica que dispõe de mecanismo de análise dos quais o interprete não deve desligar-se e/ou implicar-lhe características pessoais identitárias, ainda que o indivíduo possua a sua visão de mundo, mesmo que carregue consigo essas referências a hermenêutica apresenta um caráter que está para além da subjetividade. Para se construir uma análise imparcial, o interprete deve se apropriar de métodos eficazes com a finalidade de manter um caráter ético ao tratar dos textos bíblicos. A esse despeito, Falcão (2004 p. 84) ressalta que a hermenêutica será focalizada como um sistema de diretrizes voltadas, a orientação da atividade interpretativa, a fim de esta não se deixe levar de roldão pelo sentido, dada a inesgotabilidade deste que é capaz de provocar desvios na função social da interpretação. Em concordância, Nogueira (2002) é enfático em afirmar que a relação entre o mundo imaginado e o mundo real no processo de cristianização ocidental traz consigo uma viragem decisiva para a história, e que:

a construção de um sistema de conteúdos simbólicos, onde se articulam de maneira eficaz a realidade e o imaginado, o mundo dos vivos, e além-tumba, intermediados por um universo invisível de seres sobrenaturais, que de uma maneira ferozmente maniqueísta, empenham-se num combate sem tréguas que só terminará com o armagedom: a luta datada da própria Criação, entre o Bem e o Mal. Combate que transborda da esfera do sagrado, para pautar condutas e comportamentos cotidianos, servindo de explicação para a realidade e as desventuras vividas, para explicar os impulsos incontroláveis da carne, e para ensinar á boa coletividade, ao rebanho dos fieis, onde se encontram Satã e seus agentes (NOGUEIRA, 2002 p. 11).

Nesse contexto, é exatamente a inexistência da necessidade de separar o mundo imaginado, da realidade que leva o crente a se apoderar do texto bíblico para amparar suas reflexões sobre as outras religiões tentando lhes tirar a legitimidade, para acompanhar a retórica católica-eurocêntrica de que apenas esse restrito grupo merece a acunha de religião. Neste contexto Mariano (2007) afirma que:

A perspectiva dualista, a interpretação bíblica que hipertrofia a relação agonística entre Deus e o Diabo e a defesa contumaz do resgate e da difusão de crenças e práticas do cristianismo primitivo, em especial das práticas mágicas taumatúrgicas identificadas com o ministério terreno de Cristo, constituem as principais razões e justificativas pentecostais para 1) disseminar a crença na ação e no poder maléficos do diabo e dos demônios sobre a humanidade; 2) realizar rituais exorcistas; 3) evangelizar tendo como foco a missão concomitantemente conversionista e salvacionista e de combate ás forças demoníacas e a seus agentes e representantes terrenos (MARIANO 2007, p. 129).

A religião, numa esfera global, cumpre um importantíssimo papel social quando a partir de uma gama de representações explica, ou tenta explicar os mais diversos fenômenos sociais através de concepções cósmicas, dando sentido e muitas vezes respondendo a questionamentos para os quais a sociedade ainda não tem resposta. No seio da prática religiosa Cristã a Teologia aglomera uma série de doutrinas associadas ao pensamento sobre o Deus Cristão. Embora a religiosidade dispense o caráter ideológico racional empregado em outras áreas da sociedade, ainda assim tal racionalidade é usada quando aspectos como a identidade religiosa de outros grupos religiosos é ferido, violentado como nos casos de intolerância religiosa. Isto porque na cosmovisão cristã Deus é o responsável direto por todas as coisas existentes no universo, sendo ele o início e o final de tudo.

Nesse contexto, os neopentecostais não poupam esforços para requerer a legitimidade desse Deus poderoso, em razão da ação de entidades no caso afro-brasileira (descritas como demoníaca), causadora de todos os males que afligem o homem. Essa ideologia religiosa confere em tese aos soldados de Deus, detentores da fé ideal e da virtude espiritual, o poder de expulsar os demônios descritos na maioria das vezes nos púlpitos das igrejas como Exus, de exorcizá-los, expulsá-los, não somente nos cultos, como em residências vizinhas, ônibus, metrô, e até mesmo durante invasões de terreiros de candomblé, centros de umbanda e afins. Conforme Ricardo Mariano (2007) a retórica neopentecostal sobre a demonização dos cultos afro-brasileiros acontece porque:

Os pentecostais aproveitam-se amplamente da longa tradição de preconceitos e estigmas associada a essas religiões, mas também das percepções negativas dos próprios líderes e adeptos desses cultos sobre entidades de “esquerda”, e sobre a disseminada acusação de realização de trabalhos de magia negra em seu meio religioso. Isto é, para conferir plausibilidade a demonização da umbanda e do candomblé e, com isso, ampliar a eficácia da evangelização focada no combate aos demônios e aos seus agentes terrenos, adotam a estratégia de reavivar, reiterar e reforçar preconceitos e estigmas há muito difusos no imaginário e na cultura populares sobre o chamado “baixo espiritismo”. Em linha de continuidade com a demonização cristã de outrora, os pentecostais identificam as crenças, práticas e entidades religiosas com o diabo, lançam mão do medo da macumba, da feitiçaria e da magia negra, acusam-nas de causadoras de males os mais diversos e defendem a sua erradicação por meio da evangelização (MARIANO 2007, p. 142).

Durante a guerra desenfreada para expulsar o diabo do corpo das pessoas, vale tudo, desde empunhar as mãos sobre a cabeça das pessoas, puxar pelos cabelos, segurá-la pelos braços, numa espécie de frenesi que só acaba quando a pessoa se encontra numa situação de desmaio, ou quando a entidade ou suposta entidade incorporada é finalmente expulsa. Não há limites para esse tipo de evangelização exorcização porque, o crente acredita que fora o próprio Deus

quem lhe incumbiu daquela missão e, se a pessoa for do candomblé por exemplo, está ali a própria figura do demônio. Sobre essa interpretação literal do texto bíblico e o projeto de cristianismo hegemônico liderado pelos neopentecostais Emerson Guimbelli (2007 p. 159) apud Vicent Crapanzano (2000) ressalta que:

utiliza o conceito de literalismo para definir a postura dos fundamentalistas, cujos representantes modernos acompanham em seu trabalho. Segundo o literalismo, a Bíblia não precisa ser interpretada para ser acessada. Suas mensagens não perderam atualidade e podem ainda servir para orientar a vida e organizar o mundo. A prática de aconselhamento com base na Bíblia é muito prezada entre os fundamentalistas atuais (GUIMBELLI 2007 p.159 apud VICENT CRAPANZANO, 2000).

O fundamentalismo religioso cristão concentra as suas bases sobre uma figura que existiu e vai continuar existindo ao longo dos tempos posto que sua própria essência tem ligação estrita com a figura do Deus Cristão, nesse contexto estamos falando do Diabo, ele que movimenta as narrativas bíblicas e é uma das razões de sua existência. Sobre a condição do Diabo no imaginário Cristão ao longo dos tempos e como essa figura excêntrica aparece no texto bíblico, Nogueira (2002) afirma que ao longo da história do pensamento Ocidental, sempre que o Cristianismo deixar marcas da sua influência, está presente a crença no Diabo. No Antigo Testamento é descrito como o que se opõe; é o adversário; é o acusador. A partir de determinado momento a tradição olha-o como um ser individual. No Novo Testamento, onde é frequentemente descrito o encontro pessoal, sucedem-se as derrotas de Satanás. Nas palavras de Reginaldo Prandi (2001), ao ressaltar que o Orixá Exu, passou de divindade a demônio, ele diz que:

a representação sagrada de Exu, o orixá, é o tridente de ferro, que no antigo mundo grego era a ferramenta de Netuno e na Cristandade é o símbolo do demônio (...) o falo reaparece na iconografia afro-brasileira de Exu, mas como órgãos genital ereto de estatuetas masculinas de ferro com chifres e rabo de diabo, que levam a mão o forcado de três dentes (PRANDI, 2001 p. 57 ).

Os primeiros europeus que tiveram contato na África com o culto do Orixá Exu dos iorubás, venerado pelos fons como vodum Legba ou Elegbara, atribuíram a essa divindade uma dupla identidade: a do Deus fálico grego Romano Príapo e a do Diabo dos judeus e Cristãos (Prandi, 2001 p. 47). Foi exatamente nesse contexto que a divindade Exu, passou de orixá a diabo, sendo transformado em principal alvo de combate dos cristãos. Uma outra nuance desse contexto foi a construção da teoria racista, teoria que propagou a ideia de que negros não eram seres humanos, por conta da cor da pele e da identidade cultural que em nada se assemelhava a do colonizador. O catolicismo se aproveitou da ideia de que os negros eram considerados “coisa”, para salvar as almas para Jesus enquanto os corpos morriam através da escravidão.

### 2.3 O discurso dominante: a questão da fé do outro

A construção de uma identidade religiosa uniformizada, no caso brasileiro sempre ocupou a base do pensamento colonial, que construiu através do discurso dominante os princípios onde os símbolos e valores relacionados colocaram o Cristianismo como religião principal ou privilegiada em relação a todas as outras que aqui se encontravam. Esse discurso previamente elaborado algumas vezes foi imposto de maneira violenta, outras vezes através de percursos que inevitavelmente fazem ou fizeram parte da nossa história. Nesse contexto, entre Tupã (divindade indígena) e Zambi (divindade africana), os colonizadores elegeram Jesus Cristo como representante de um povo tão diverso em sua cultura. A religião foi usada como recurso estratégico para dominar os nativos, sob o pressuposto de que estariam apresentando a salvação para um povo que não conhecia Deus, disciplinando os corpos como se a igreja figurasse um modelo panóptico utilizado como mecanismo de controle para que a cada passo que fosse dado, o olhar dominador do colonizador estivesse atento. O corpo, nesse contexto tornou-se alvo de poder, houve para tanto um grande enfoque ao corpo, um corpo passível de ser manipulado, modelado, treinado, “que se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, M., 2008 p. 117).

Nesse contexto a diferença era vista como algo ameaçador, algo que deveria urgentemente ser combatido para que o projeto de dominação se efetivasse. A demonização das religiões de matriz africana configura a base dessa grande estratégia de hegemonizar essa identidade que é pessoal e também coletiva. Apesar de desde os primórdios o mundo viver numa espécie de rede, de interligação, são as diferenças traçadas através da identidade cultural de um povo que os fazem ser únicos. Negar essas identidades, usurpar a autonomia do Outro em relação ao direito à diferença foi o principal pecado cometido pelos Cristãos no Brasil, pois a melhor forma de executar esse projeto de dominação foi com a morte do Outro, não morte física, mais a morte simbólica, ferindo-lhe naquilo que lhe é mais sagrado, na sua identidade, na sua fé, no seu ancestral, no seu Deus. Por conta dessa estratégia, vivemos hoje na contemporaneidade um grande conflito religioso entre os neopentecostais e os religiosos de matriz afro-brasileira onde a demonização de tais religiões é utilizada como projeto de poder, projeto de tornar-se hegemônica, oficial, embora vivamos num Estado constitucionalmente laico. Edir Macedo (2006) é o líder da maior igreja neopentecostal brasileira, a Igreja Universal do Reino de Deus, e a respeito das divindades e da ritualística das religiões afro-brasileira, ele afirma que:

No candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue, para agradar, quando alguma coisa não

está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a incorporação. Os adeptos preferem chamar os “espíritos desencarnados “ou” espíritos menores” (caboclos, pretos-velhos, crianças, etc.) para os representarem e, a estes obedecem e fazem seus sacrifícios e obrigações. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre o inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou o marido de alguém, obter favores por meios ilícitos (MACEDO, 2006, p. 14).

Por não poder aniquilar as religiões concorrentes e ao mesmo tempo tentar trazer os seus adeptos para si, é que discursos como esse através da pedagogia do medo, através de estigmas e estereótipos se propagam, construindo uma visão deturpada sobre o Outro, com o único intuito de vilipendiar a religiosidade alheia, isto porque quando Macedo descreve os rituais sagrados das religiões de matriz africana lhes atribuindo um significado que somente lhe interessa, bem como a sua igreja, o cenário de violência e intolerância religiosa já se concretizou. Segundo Rocha (2000) a questão da identidade do Outro, só pode ser dada à consciência pela sua representação, seja a imagem traduzida como unidade subjetiva da consciência, seja como unidade objetiva do ser. Nesse sentido, foi justamente aspectos revelados dessa consciência da representação construída sobre o Outro através de um caráter negativo, inferiorizante construído especificamente para reforçar as narrativas pitorescas, que concebem o imaginário coletivo evangélico-neopentecostal sobre o panteão afro-brasileiro como sendo o verdadeiro mal. Sobre isto, Macedo (2006) afirma:

Na nossa igreja, temos centenas de ex-pais-de-santo e ex-mães-de-santo, foram enganados pelos espíritos malignos anos a fio. Depois de assistirem a uma das nossas reuniões, motivados pelos programas de rádio ou televisão, ou levados por alguém já frequentava nossos cultos, se transformaram em novas criaturas. Verificaram que os orixás, caboclos e guias, aos quais, devotam tão grande estima, não possuem nenhum poder em relação aquele que está em Cristo.(...) Impressionaram-se ao ouvir os próprios orixás e caboclos confessarem diante da multidão que não passam de demônios, cuja missão é enganar, arrasar e destruir os seus “ cavalos”. (...) Deram um basta a uma vida de opressão, cansaço e desilusão; quebraram os gongás, fecharam os terreiros, destruíram as imagens e os objetos fetichistas (MACEDO, 2006, p. 17).

O neopentecostalismo consagra a máxima da batalha espiritual para manter sua ritualista durante os cultos, porque se fugir da narrativa de que o Diabo está no mundo interferindo diretamente na vida das pessoas e que está associada aos deuses de outras denominações religiosas distancia-se da essência do novo pentecostalismo. Ancorados na passagem bíblica de que devem dar continuidade a obra iniciada por Jesus Cristo de combater o demônio segundo a narrativa bíblica que diz que: “Para isso se manifestou o filho de Deus: para destruir as obras do Diabo. (1: Jo 3:4). Nesse contexto, o Diabo também é personagem principal dos cultos, e como ele tem que ter garantido o seu espaço como personagem principal, em consequência

instantaneamente as divindades afro-brasileira protagonizam essa batalha, mesmo que de forma involuntária caráter dualista cristão entre Deus e Diabo por fazerem parte do caráter histórico desta narrativa.

Nesse sentido, Silva (2007) ressalta que a disputa de adeptos de uma mesma origem socioeconômica, o tipo de cruzada proselitista com grandes investimentos nos meios de comunicação de massa e conseqüentemente o crescimento e a arregimentação de maior número de soldados de Jesus do ponto de vista do sistema simbólico compõem a estrutura de uma cosmologia maniqueísta das igrejas neopentecostais. Dessa maneira o autor revela como e onde ocorrem os ataques contra o Diabo identificado nas divindades afro-brasileiras.

1) Ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de comunicação e proselitismo; 2) agressões físicas in loco contra terreiros e seus membros; 3) ataques as cerimonias afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos dessas religiões em tais espaços; 4) ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil que tenham alguma relação com as religiões de matriz afro-brasileira; ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos e, finalmente; 6) as relações públicas (políticas e judiciais) dos adeptos das religiões afro-brasileiras (SILVA, 2007 p. 10).

No Brasil, a religiosidade afro-brasileira vem sendo representada como a religião do “diabo”. Ora, o diabo, satanás, o inimigo ou príncipe das trevas é um personagem existente nas narrativas da Bíblia Sagrada, livro base do Cristianismo, bem como de suas dissidências religiosas, portanto, não deveria de modo algum ser sincretizado ou associado com divindades de outra religião, porque cada religião é única por conter na sua essência uma identidade una. Esse sincretismo intencional é uma arma poderosíssima para eliminar o outro, isto porque o diferente incomoda por apresentar outras características, o diferente desestabiliza ao ponto que apresenta uma outra interpretação possível do mundo, por rasgar as certezas ancoradas em dogmas quando pelo simples fato de existir resiste ao estímulos e apelos proferidos por um grupo que se pretende dominar a partir do estabelecimento de uma norma em que o Outro deva ser extinguido.

É notório, entretanto, que a religião se apresenta como uma das ferramentas de maior visibilidade na construção de identidade (s) coletiva (s) na contemporaneidade, sendo muitas vezes motivo de inúmeros conflitos que coadunam para a supressão das liberdades e garantias individuais, acarretando também um embate concernente à dinâmica de um Estado de Direito Democrático Laico, que mantenha como garantida os efeitos plurais da religião.

Em todos os países do mundo, a religião apresenta-se como principal referência histórica, cultural e política, sendo até mesmo eixo principal entre o Estado e o Povo. Nos abismamos

com a sintomática questão de como a representação da identidade religiosa afro-brasileira é apresentada/representada de maneira forjada, aviltada, negada, negligenciada e demonizada, pelo grupo de evangélicos neopentecostais, seguindo o modo operandi católico cristão, que ao longo de anos de história, comportou-se como motor principal para a manutenção do caráter do fundamentalista religioso; que nesse processo tem função primordial nesse supressão de direitos e garantias individuais no tocante a questões relativas à diversidade de pensamento e crença religiosa, bem como pluralidade religiosa.

Ao falar sobre a identidade negra do Brasil, em um contexto atual Munanga (2009), ressalta que a identidade objetiva, apresentada através de características culturais, linguísticas, e outras, muitas vezes é confundida com a identidade subjetiva que é a maneira como o próprio grupo se define, e ou é definido pelos grupos vizinhos. O autor corrobora com a seguinte cogitação:

Nem sempre está claro, quando se fala de identidade: atribuída pelos estudiosos através de critérios objetivos, identidade como categoria de auto definição, ou outo atribuição do próprio grupo, identidade atribuída ao grupo pelo próprio vizinho? Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência, das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico, entre todos os negros, considerando todos os que vivem em contextos socioculturais diferenciados (MUNANGA. 2009 p. 3).

Os neopentecostais têm como principal meta, dissolver e eliminar crenças "diferentes" da sua, numa tentativa de construir um modelo uniforme não somente na questão da religião, mas também inclusive as práticas ritualísticas religiosas. Isto porque conforme Nogueira (2002) a tradição hebraica foi responsável pela estruturação da figura do Demônio no Ocidente, visto que fora responsável pela gestação do Cristianismo, e este, por conseguinte teve a função de sistematizar e construir o arquétipo da figura que posteriormente veio a se tornar o Grande Inimigo a partir da evolução histórica deste personagem. A questão de se construir uma ou várias versões, sobre esta figura mítica depreende-se do fato de que um coletivo de rituais surgidos especificamente na região da Antiga Mesopotâmia, forjaram a identidade do Diabo, tornando-se a posteriori uma espécie de consciência coletiva sobre essa figura. Na antiguidade, porém era comum a assimilação dos Deuses das nações inimigas a entidades malignas, visto que estes eram representantes de um povo. Essa ideia de construir um padrão, um modelo de civilidade que inclui ou exclui determinados grupos ou práticas, acontece desde os primórdios, por tanto essa construção mitológica sobre seres e práticas desconhecidas, vinculados a grupos concorrentes ou não, era postulado como procedimento comum com a finalidade de fazer submergir uma crença, enquanto outra era reprimida, demonizada e execrada da comunidade. A despeito disto, Santos (2009) ressalta que:

A noção de fetichismo, o termo feitiço e seus derivados, são de suma importância para a compreensão da ideologia civilizatória que, notadamente a partir da segunda metade do século XIX, ajudou a justificar a perseguição às práticas lúdicas e mais especificamente as práticas religiosas afro-baianas. Soma-se a isso a longa história de demonização de práticas religiosas não-cristãs que e nos remete aos primórdios da colonização e procedem da tradição medieval judaico-cristã de repressão à idolatria, à superstição e à bruxaria. Deste modo, as palavras feitiço e feitiçaria, bruxaria, fetiche e fetichismo foram largamente utilizadas pela imprensa no sentido de desqualificar e homogeneizar práticas diferentes de cura e religiosidade, contribuindo paulatinamente, através de uma retórica do fetiche, para a construção singular de um estereótipo de feitiçaria vinculado aos candomblés (SANTOS, 2009, p. 65).

Muito além de uma questão dialética tais termos foram incorporados na linguagem brasileira sinalizando uma proposta ousada de desqualificar a identidade religiosa afro, através da teologia do medo, visto a falta de conhecimento sobre as mesmas propiciando campo favorável para a propagação de tais ideias. Nesse contexto, o protagonismo da igreja católica também foi indispensável, uma vez que não podia eliminar a religião concorrente, a solução foi trazê-la para o centro da repressão através de um discurso de estereotipia. Nesses moldes a liberdade de expressão e crença ainda eram limitadas, a sociedade vivia um pós-escravidão cheia de vícios de dominação, sobretudo dominação da população negra que havia vivido trezentos anos de escravidão tendo a sua humanidade suprimida pelo braço de um Estado opressor e de uma sociedade escravocrata.

Na contemporaneidade, entretanto, resquícios desse processo sobrevivem a todas as modificações ocorridas numa sociedade globalizada, tecnológica, com avanços científicos determinantes para a nossa sobrevivência enquanto humanidade, o racismo ainda que não tenha sido totalmente superado não encontra mais base em instituições científicas e as liberdades e o direito de existir são celebrados em vários acordos nacionais e internacionais.

É importante para tanto, lembrar que a religião surgiu para suprir uma incógnita que suscita as perguntas: de onde viemos, quem somos, ou para onde vamos, no caso Ocidental, em outros países ela manifesta a relação entre o ser, e a natureza do ser, construindo essa ligação entre um mundo material e outros mundos "espirituais". Portanto, a religião advém dos múltiplos processos que a humanidade veio construindo ao longo de sua existência, buscando contemplar-se e completar sua infinidade de incógnitas que recobrem o seu ser posto que a realidade ainda que disposta a nossa frente, não nos mostra tudo aquilo que buscamos ou precisamos conhecer.

Numa perspectiva simplória sobre traços da prática religiosa brasileira na contemporaneidade é possível perceber que os grupos evangélicos neopentecostais vêm utilizando tais recursos de demonização com a finalidade de construir uma identidade

“nacional” embasada, numa prática religiosa hegemônica, bem como propagar atos de intolerância religiosa. Insuflados por essa crença membros das igrejas neopentecostais muitas vezes invadem terreiros visando destruir altares, quebrar imagens e “exorcizar” seus frequentadores, o que geralmente termina em agressão física (Silva 2007 p. 12).

A respeito da figura do demônio é interessante percebermos como essa figura chegou ao imaginário coletivo ocidental. Por isso, é necessário observarmos que o discurso da demonologia tem os primeiros registros históricos há 6.000 atrás até a antiga Mesopotâmia, influenciando diversos povos: Hebreus, Gregos, Romanos, Cristões. Nas palavras de Nogueira (2002), um dos versículos bíblicos que justificam os aspectos preponderantes na ideia de demonologia cristã, afere-se na seguinte narrativa bíblia:

A tarefa cabe a ele, Paulo: ir às nações pagãs, “para lhes abrir os olhos, a fim de que se convertam das trevas á luz e do poder de Satanás a Deus”. (Atos 26:18). O Diabo no Novo Testamento, como nas crenças Judaicas tardias, é assistido, por uma multidão de demônios inferiores, que tentam os homens, impelindo-os a rejeitar Jesus, ao mesmo tempo que não param de afligir com sofrimentos físicos. A ação dos tentadores é exercida, principalmente na esfera da religião romana oficial. Pois os deuses são, de fato, demônios a serviço de Satã: As coisas que os pagãos sacrificam, sacrificam a demônios, e não a Deus. E eu não quero que tenhais comunhão com os demônios (1Coríntios 10:20) (NOGUEIRA, 2002, p.27).

A questão da demonização, surgiu da necessidade do cristianismo de manter-se como religião hegemônica, no âmbito da incapacidade de negar a existência de crenças tidas como “pagãs”, a única saída era negar todo e qualquer aspecto “positivo”, apoiando-se em um discurso e prática exorcista com o propósito de desqualificar e expulsar seus possíveis concorrentes. Mediante o exposto, todos os males terrenos que não tinham uma explicação específica eram atribuídos ao demônio. Exu é considerado o orixá que mais se assemelha com os seres humanos por ser brincalhão, alegre, dizer etc. Nas diversas representações que essa divindade aparece, é relevante atenuarmos para o fato da representação fálica que Exu<sup>38</sup> tem, que está associado à sexualidade, à virilidade, ao poder que os europeus associaram a figura do diabo, o arque inimigo de Deus. Enquanto a narrativa bíblica fala em pecado original, que traduz

---

<sup>38</sup> As narrativas de (Ducan, 1847, VI, 14, Bowen 1857, cap. 26 e Bouche 1985 p. 120 apud Prandi 2001 46-63) encontram narrativas nas quais Exu aparece de maneira sexualidade, tendo o falo como principal motivo de estardalhaço nessas narrativas de viagem. Nas palavras de Prandi (2001 p. 46-63 apud Verger 1997, p.8-76; 1999 p. 132).Na África e no Brasil podemos encontrar outras qualidades de Exu, como Eliembó, Laroïê, Alaquetu, o senhor do Queto, Aquessam, senhor do mercado de Oiô, Latu e Jelu, Tiriri, Jelebara, Jiguidi, Marambo, Emberequetê, Sinza, Muzila e Barabo.

a ideia de pudor sobre o corpo, a figura de Exu aparece com o pênis ereto. Segundo Prandi (2001),

a identidade de exu está ligada ao Deus fálico greco-romano Príapo e a do diabo dos Judeus Cristãos. A primeira por causa dos altares, representações materiais e símbolos fálicos do orixá-vodum; a segunda em razão de suas atribuições específicas no panteão dos orixás e voduns e suas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostram como um orixá que contraria as regras mais gerais de condutas aceitas socialmente, conquanto não sejam conhecidos mitos de Exu que o identifiquem com o diabo (PRANDI, 2001, p. 38-83).

Nesse sentido, observamos que a divindade Exu é a divindade do panteão afro-brasileiro que vem sendo mais sincretizado com o Diabo Cristão. É pertinente, entretanto, salientarmos que, no continente africano, existem uma série de grupos étnicos e que a depender da tribo, a divindade Exu aparece com nomes, características, diferentes. Segundo Prandi (2001 apud Ferreira 2000 e Santos 1976), há várias qualidades de Exu, das quais podemos destacar:

o primeiro da Criação, representado pela laterita. Exu Agbá, Agbô ou Morogbô, o mais velho; Igbá Quetá o Exu da cabeça -assentamento, Ocotó, o patrono da evolução representado pelo caracol; Obassim , o companheiro de Odudua, Odara, o dono da felicidade, da harmonia, Ojessebó, o mensageiro, o que propicia prosperidade; Elegbara ou Legba, o que tem o poder de transformação , princípio do movimento; Bará o dono dos movimentos do corpo humano; o Lonam ou Lonã, o senhor dos caminhos ; Icorita Metá, o Exu que guarda as encruzilhadas; Olobé, o dono da faca ritual, Elebó, o Exu das oferendas; Olodu, o guardião do azeite de dendê e Iná, o fogo , o patrono da comunidade que é reverenciado na cerimônia do padê (PRANDI, 2001 apud FERREIRA 2000 p. 19-21 e SANTOS 1976 p. 9-139).

Entretanto, Oro (1997, p.13) ressalta que as religiões afro-brasileiras possuem um passado feito de estigmatizações, preconceitos, e até mesmo de repressões, religiosas e policiais. O autor afirma que “este passado não foi apagado da memória coletiva dos adeptos destas religiões; até certo ponto ele se mantém até hoje e, por certo, contribuiu para a formação do atual ethos dos seus membros”. Sobre isto, Mariano (2014) apud Silva (2007) expõe o seguinte:

vimos que a tolerância religiosa pode conviver com a discriminação religiosa e que esta pode ocorrer, não importa se com mais ou menos frequência, num contexto de liberdade religiosa. A liberdade religiosa, como se sabe, pressupõe as liberdades de culto, de crença, de pensamento, de consciência e de expressão, liberdades que são essenciais para o funcionamento da democracia. Apesar disso, o exercício dessas liberdades, mesmo que restrito e regulado pelo aparato jurídico-político, pode acarretar a irrupção de lutas culturais e até de conflitos religiosos. Isto é, o contexto democrático de liberdade, tolerância e pluralismo religiosos não resulta automaticamente numa coexistência harmônica (o que supõe uma concepção bastante ingênua de democracia) entre as diferentes religiões presentes num determinado território. Pressupõe antes, a ocorrência de disputas, antagonismos, conflitos e competição entre os grupos religiosos, mas decerto, com a expectativa de que sucedam majoritariamente limites da lei e da razoabilidade (MARIANO 2014 apud SILVA, 2007, p.125).

Ao apontar para a importância histórica da religião para a teoria do conhecimento, Durkheim em “As formas elementares da vida religiosa” assevera a necessidade de compreendermos que, em primeiro momento, todas as religiões importam, independente do substrato dogmático que elas carregam, bem como reitera o axioma de que apesar da sobreposição hierárquica que as lutas por hegemonia lhes impuseram, não existe no âmbito da esfera da prática religiosa, algo que lhes determine como sendo religião mais valorosa que outra.

A questão idílica nos propõe irromper com o axioma de que, no caso ocidental religião era, ou tornar-se-ia, sinônimo de “Deus”, do (Deus Cristão, Católico, Apostólico Romano, ou Alemão Protestante), gerando um estigma desnecessário de que as ditas outras religiões, primitivas, animistas, ou que não figuravam o imaginário monoteísta Ocidental, eram sinônimo de regresso e impureza de uma sociedade errante. Segundo Durkheim (1989),

Os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e especulação sobre o divino. (...) A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 1989 p. 37-38).

Nesse contexto, a religião representa um fenômeno social que se estende entre as representações coletivas ainda que perpassa pela individualidade, percorrendo a subjetividade e a identidade de cada indivíduo. As representações coletivas são justamente o fator principal que visibiliza os grupos, porque que há um salto entre a subjetividade individual para um sistema de identificação coletiva, onde o grupo religioso encontra mais força para manifestar as suas aspirações sob o realidade social que o cerca. A respeito do ataque aos símbolos da herança religiosa Africana no Brasil contemporâneo Silva (2007 p. 1) afirma que a visão das igrejas neopentecostais sobre as religiões afro-brasileiras é consequência do desenvolvimento do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo, surgido no Brasil no início do século XX, sobretudo a partir das décadas de 1950 e 1960.

Todo o exposto do capítulo, nos permite inferir que as religiões derivam de processos históricos e como ressalta Bryam R. (1995) não são, ou foram constituídas por sistemas lógicos, são entidades que constituíram seu aparato ideológico à partir de uma gama de significações, constituídas por costumes, tradições, e/ou atos da vida humana que como uma simbiose constituíram aspectos da religiosidade. Nesse sentido, na tentativa de assegurar um padrão, assegurar o controle sobre o outro, arregimentar fies, grupos religiosos mantém milenarmente o péssimo hábito e desqualificar, e/ou eliminar seus concorrentes, seja para dominar territórios,

ou também para mantê-los, a religião foi e é também bastante utilizada como moeda de troca, seja troca simbólica, por uma recompensa espiritual, ou troca na manutenção de hierárquicas religiosas. Autoras como Rocha (2006) afirmam que o neopentecostalismo tem crescido na América Latina, e tem sido mais identificado como a religião mais adaptada à cultura de consumo da sociedade globalizada, isto porque ele se acoplou aos ditames de uma sociedade que sofre com as desigualdades sociais e a mesmo tempo ostenta sua riqueza material, seu sucesso empresarial, e como numa espécie de cardápio oferece soluções mágicas para toda angústia ou dúvida que permeia a vida em sociedade.

No caso das religiões contra hegemônicas, como são as afro-brasileiras não existe aparatos bélicos corporativo que lhes evidencie socialmente, ou simplesmente lhes protejam; elas coexistem num sistema que envolve resistência ideológico-cultural sobrevivendo diuturnamente aos inflamados ataques disfarçados de uma “teórica” bondade, proteção, amor ao próximo, por parte de grupos que encontram-se no centro do poder. Segundo Guimbelli (2007), ao tratar sobre a intolerância religiosa no Brasil, sobre a ótica do fundamentalismo religioso neopentecostal diz que:

Só o termo “fundamentalismo” serviria para abarcar, mais ou menos indistintamente, os ataques discursivos, os ataques rituais, as instruções sociais e mesmo as agressões diretas que vão para os registros policiais ou nas páginas de jornais populares. (...) insistem ainda, sobre a inerência da palavra bíblica, tida como revelação fiel e plena da vontade de Deus. (GUIMBELI 2007 p. 158-159).

Durante a construção dos pilares religiosos no Brasil, ficou explícito a forma que as religiões hegemônicas construíram ao longo do tempo uma imagem, ou imagens baseadas em estereótipos, nesse contexto sempre considerando o discurso demonológico, onde “o inimigo” a ser exorcizado, abatido e convertido é o outro. Ao refletir sobre a questão da identidade na pós- modernidade Stuart Hall (2005, p. 8), faz a seguinte assertiva: o próprio conceito, “ identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido, e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Nesse contexto, é pertinente observarmos a relação de ligação entre a religião e a identidade, na tentativa de construirmos um país cujo respeito ao pluralismo identitário e religioso dignifique e direcionem nossas ações para um verdadeiro Estado Democrático de Direito. De início podemos entender a religião como um elo construído entre o homem, a natureza, a metafísica, deus ou deuses, numa busca sublime de completar-se, ou ainda, a religião seria mais uma das formas da humanidade manter as relações de domínio sobre o “outro”.

Nesses termos seria mais fácil dominar territórios, unificar identidade(s), eliminar a pluralidade/diversidade religiosa. Os neopentecostais se abstém de quaisquer valores éticos,

empreendem a guerra conta o diabo, exclui qualquer tentativa de diálogo inter-religioso, bem como qualquer tentativa de pacificação social. Para tanto, a conversão é a única saída para fazer a vontade do Deus bom e justo, além de livrar as almas outro demonizadas a luz da verdade, excluindo-se aí de um contexto de ignorância. Nas palavras de Durkheim (1989):

As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas. Quando certo número de coisas sagradas mante entre si relações de coordenação e de subordinação de maneira a formar sistema com certa unidade, que, entretanto, não entra em nenhum outro sistema do gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui religião. (...) uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral (DURKHEIM, 1989 p. 72-79).

A realidade é construída por ações políticas, e nesse sentido é que questionamos a necessidade de se manter uma identidade hegemônica, onde se exclui subjetividades, identidades coletivas, em nome de um padrão de pensamento, construída por uma máxima de poder que é a dominação do outro. Segundo Houtart (1994, p. 26) as representações sempre se constroem dentro das condições concretas e históricas dos atores sociais”. A religião seria ainda segundo o autor “uma das representações que os homens fazem do mundo e de si mesmos. A negação do "outro", negação e/ou representação estereotipada muitas vezes revela os vícios de um país cuja cultura da invisibilidade avoluma os sentidos desde os primórdios.

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrada entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e toda via relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiencia. (...) a religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas. As tênues realidades do mundo social se fundam no sagrado *realissimum*, que por definição está além das contingências dos sentidos humanos e da atividade humana (BERGER, 1985 p. 38-45).

Outra nuance que forjou a construção de uma identidade uniforme foi o caráter civilizatório, transplantado da cultura europeia, que junto com a teoria racialista propôs uma nação fenotipicamente e biologicamente branca, com sangue azul, despida de qualquer vinculação com a cultura indígena ou africana. Contudo, é importante pensarmos que a história não é composta somente por uma "civilização" acometida pelo progresso, gerida pelo lucro capitalista, com extensões da biodiversidade e valores finitos e limitados.

Em “A identidade cultural na pós modernidade”, Stuart Hall (2005), chama atenção ao fato de que as velhas identidades estão se "fragmentando", estão "em declínio", e a medida

em que afloram "novas identidades", os sujeitos, ou grupos deixam de ser sujeito unificado e numa alusão a diversidade religiosa, passam a ser ou tornam-se sujeitos "múltiplos", passam a representar uma identidade plural, passando a pertencer a várias identidades ao mesmo tempo, ou ainda tem a oportunidade de desmembrar-se sem a ruidez da imposição social sobre o pertencer a uma única identidade. Com relação a produção social da identidade e diferença, Silva (2000) inicia sua análise acerca dos valores apregoados a ideia de multiculturalismo, no sentido de questionar a importância de apelos a ideia de "tolerância x respeito", numa tentativa pedagógica de incutir numa sociedade baseada em premissas religiosas homogênicas uma pedagogia que se exaure em valores éticos que pendenciem à construção de identidades coletivas, diversas, híbridas, que conversem entre si. Sobre a representação do Outro numa esfera coletiva é pertinente afirmar que ela sobrepõe as representações individuais, numa escala rigorosamente típica onde os grupos com maior poder de visibilidade, encarregam-se de conceber a posteriori a invisibilidade dos outros. Para assegurar um caráter comum, as religiões hegemônicas, como o Cristianismo e dissidentes evangélicos-protestantes no caso brasileiro reproduzem de maneira amplificada os seus dogmas, na tentativa de contaminar os outros grupos num projeto-político ambicioso de tornar um Estado constitucionalmente Laico, num Estado religioso, que movido pela luz da evangelização procura converter as crenças demonizadas tais quais as religiões afro-brasileiras essencialmente politeístas, numa seara monoteísta.

### **CAPÍTULO 3 – PROGRAMA OBREIROS EM FOCO: DISCURSO IURDIANO SOBRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFROBRASILEIRA**

#### **3.1 Televangelismo Iurdiano: A incorporação da mídia como recurso estratégico para a difusão do novo evangelho**

Após doze anos da fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), nos fundos de uma funerária no estado do Rio de Janeiro, o Bispo Edir Macedo consegue 45 milhões de dólares para a compra da Rede Record de Rádio e Televisão. O ano era 1989, um ano após ao processo de redemocratização e consagração da democracia no Brasil<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Conforme Mariano (2014, p. 71) A partir de abril de 1991, as reportagens e investigações sobre o bispo ganharam novo impulso com as pesadas acusações feitas por Carlos Magno de Miranda. Na mídia, na Polícia Federal, este pastor acusou Macedo, seu ex-líder, de sonegar impostos, remeter ouro e dólares ilegalmente para o exterior e de envolvimento com o narcotráfico. Esta ligação que não se conseguiu comprovar, teria supostamente ocorrido quando Macedo enviara quatro pastores de confiança e suas respectivas esposas, entre os quais o próprio casal Carlos Magno e Sandreli Miranda, num avião fretado da Líder Táxi Aéreo, dia 12 de dezembro de 1989, a Bogotá na Colômbia, para receber de um traficante recém convertido à igreja US\$ 1 milhão de dólares para saldar a

Ancorados na Teologia da Prosperidade - onde o crente deve usufruir das benesses existentes neste mundo no plano material - aproveitando todas as maravilhas que o dinheiro pode comprar, a IURD fez uma série de campanhas, cruzadas, propósitos e ciclos de jejuns entre os fiéis com a finalidade de conseguir recursos financeiros para ampliar a igreja, bem como realizar uma série de atividades financeiras que lhe atribuiu o título de igreja empresarial<sup>40</sup>.

Nesse período, o Brasil vivia sob um regime ditatorial militar, não havia liberdade de expressão e a liberdade religiosa era tangenciada apenas ao cristianismo e as religiões dissidentes através do protestantismo evangélico. Por conta disso, o neopentecostalismo pôde chegar e montar as suas bases em um contexto de incertezas no que concerne ao regime político. A exemplo dos seus antecessores americanos, resolveram utilizar primeiro, o rádio e posteriormente a televisão como meio de propagação de suas ideias transmitindo cultos religiosos, propiciando um cenário de proselitismo religioso através dos meios de comunicação, que era a forma mais rápida de atingir o maior número de pessoas possíveis. Assim, iniciou-se o ciclo da incorporação da mídia nas igrejas evangélicas neopentecostais no Brasil.

Nessas circunstâncias, a televisão se tornou um dos maiores e mais influentes meios de comunicação para a doutrina neopentecostal no Brasil e no mundo. Meio este que independente de credo, etnia, ou classe social, tem um longo alcance imediato, além de se pretender reproduzir e ou/representar a realidade. O século XXI, é um século onde as informações chegam numa velocidade tão gigante, que no tempo de um piscar de olhos a

---

prestação da compra da Rede Record. Bladsoe (2012 p. 65) afirma que, Macedo e sua esposa são os únicos donos da rede nacional de televisão, Rede Record, adquirida em 1990. A propriedade é dividida em entre eles, com 90% em nome do Bispo e 10% em nome de sua esposa. O valor da empresa foi estimado em 4 bilhões de reais (MARTHE, 2007 apud BLADSOE2012, pp. 60-61) Além da Rede Record, o bispo Macedo se utiliza de outras emissoras de televisão: a Rede Família, veículo que exhibe parcialmente a programação da igreja desde 2001 para mais de cinquenta cidades no interior de São Paulo, além de outras localidades por meio de distribuidoras a cabo e antenas parabólicas; a Rede TV, também em território nacional; a TV Gazeta; a Bandeirantes; CNT; e outros canais para transmissão regional. Em setembro de 2007, a Rede Mulher transmitida via UHF para todo país, foi transformada no canal de notícias Record News. (TAVOLARO, 2007, p. 238 apud BLADSOE 2012). Em 24 de maio de 1992, Edir Macedo foi preso por acusações de crimes como: charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Um dos fatores que pesaram nas acusações é o fato de sua igreja pregar a cura “milagrosa” da AIDS e do câncer. Nos meios de comunicação, divulga a cura como certa, apresenta testemunhos de pessoas “libertas das doenças”, e atribui a gravidade destas enfermidades à ação de “encostos” (demônios ou espíritos malignos). (ROCHA, 1996 P. 18). Segundo matéria de Gilberto Nascimento publicada na revista Isto É em 1998, nesse ano a Procuradoria da República de São Paulo solicitou o cancelamento da concessão pública da Rede Record. Os procuradores basearam-se na Lei brasileira, que proíbe igrejas de terem emissoras de TV e rádio. Embora em 1989 a Record tenha sido comprada por pessoa física, o pastor Laprovita Vieira, depoimentos de líderes da igreja na Polícia Federal apontam a IURD como proprietária da emissora. Na época, os procuradores declararam estar convictos de que a Justiça Federal tinha provas e elementos suficientes para cassar a concessão da Record, por esta ter sido comprada com dinheiro não tributado dessa igreja. (NASCIMENTO, 1998 apud ROCHA, 2006 p. 19)

<sup>40</sup> Isto porque a Igreja Universal do Reino de Deus, inspirada na Teologia da Prosperidade Material Americana adquiriu várias atividades comerciais, formando uma rede empresarial, destoando-se da dogmática cristã onde Igreja e Comércio não devem caminhar juntas.

informação não somente chega a casa das pessoas, como é multiplicada rapidamente entre milhões e milhares de pessoas no mundo. Os neopentecostais se adaptaram, ou foram forjados aos ditames da sociedade capitalista, visto que no caso brasileiro foram nutridos por um padrão americano de apregoar o evangelho, que além da Teologia da prosperidade, amarrou-se a inspiração do mais conhecido televangelista americano Pat Robertson, para fazer da televisão o mais potente meio de difusão da doutrina. Conforme Rocha (2006) a vinculação das igrejas neopentecostais a meios de comunicação de massa, advém tal como seu surgimento dos EUA na década de 1940, quando os cultos passaram a ser exibidos através de programas de televisão, e posteriormente na década de 1960 tendo seu primeiro canal de televisão a Christian Broadcasting Network tendo como protagonista desta dinâmica o pastor Pat Robertson que em 1988 candidatou-se a presidência da república.

Sobre o processo de midiatização Véron (2014, p. 15) apud Catiane Rocha (2006 p. 117) ressalta que este se estabelece em vários níveis: o primeiro, quando ocorre a autonomia dos signos; o segundo, diz respeito as alterações inevitáveis na escala de espaço e tempo; o terceiro nível diz respeito ao corpo das normas sociais definindo as formas de acesso aos signos já autônomos e persistentes. Trata-se de um processo e não de uma ocorrência pontual. Existe, entretanto uma espécie de apelo moral, ao crente/evangélico, no que tange a questão da mídia televisiva visto que, no caso das telenovelas, existe um afastamento por conta de um julgamento de que elas são imorais, posto que não são agradáveis aos olhos, nem aos ouvidos, seguindo o princípio bíblico, de que apesar de “tudo me é permitido, mais nem todas as coisas me convém”. Primeiro retira a paixão do crente, por coisas consideradas do mundo; segundo disciplina os corpos, para que eles não desviem atenção da doutrina; terceiro forma uma espécie de exército de Cristo, instruído para pensar e agir de acordo com a ideologia da igreja. Nesse sentido, destacamos também a ideia de que eles não só se transformaram em consumidores de determinadas mídias, como produtores de conteúdo, visto que através dessa relação ambivalente criou-se um padrão de consumo entre os neopentecostais.

Embora seja relegado a importância das telenovelas, telejornais, os neopentecostais passaram a produzir o seu próprio conteúdo, a exemplo dos programas televisivos exibidos diariamente pela TV Universal e afiliadas que compõem um vasto leque efetivando a ideologia da igreja na televisão. Duelo dos Deuses, Ponto de Luz, Saindo da Crise, Nosso Tempo, Congresso para o Sucesso, Palavra Amiga do Bispo Macedo, Espaço Empresarial, Ministérios, Palavra de Vida, Espaço 318, Fé em Ação, A Hora dos Empresários, Velas de Sangue, Programa da Repórter, Terapia Espiritual, Em busca do amor, Jejum dos impossíveis, Ponto de fé, A hora da Nação, Fala Você, Programa da Família, SOS Espiritual, Bom dia

Cidade, Manha e Domingo, Casos Reais, Fala que eu te escuto (1988), A escola do Amor (2011), o Filme sobre a vida de Edir Macedo e a biografia dele publicada em três volumes, e o Programa Obreiros em Foco (2011), objeto da presente pesquisa que são os programas símbolos da identidade da IURD.

Além dos programas, as novelas Os dez Mandamentos (2015), A terra prometida (2016), Apocalipse (2017) e Jesus (2018), se tornaram padrão midiático nos últimos anos, isto porque já que o crente precisa se entreter, que seja com os produtos da Rede Record de Televisão e não com os produtos da Rede Globo de Televisão a sua maior concorrente. Sobre a inserção do Televangelismo na vida do crente, Mariano (2014) ressalta que ele chegou ao Brasil por influência do neopetencostalismo americano e no caso da IURD a igreja procurava alugar horário nas emissoras de rádio logo após o término de programas de pais ou mães-de-santo, para aproveitar a audiência dos cultos afro-brasileiros. Seu primeiro programa na rádio Copacabana durava irrisórios 15 minutos.

Nesse sentido, Rocha (2006) corrobora com a informação sobre o nascimento da igreja eletrônica, surgido em 1909 quando o pastor Reginald Fessenden foi pioneiro na difusão da voz através da tecnologia de rádio, através de uma experiência numa Vigília de Natal, que deveria mostrar de maneira pública a utilidade do rádio. Foi através da leitura de textos bíblicos, aproveitando-se de receptores de rádio telegrafo, que estavam em diversos navios em alto mar que ocorreu o feito que transformaria para sempre as formas de apregoação do evangelho nas dentro e fora das igrejas.

Estudar a midiáticação da religião não é tratar do uso dos meios de comunicação por alguma igreja, mas investigar como opera a intersecção das lógicas das mídias<sup>2</sup> nas lógicas das práticas religiosas e/ou vice-versa (SOUZA 2017, p. 15). Véron (2014, 2013) apud Catiane Rocha (2006, p. 117-118) cita exemplos de fenômenos midiáticos que aceleraram o tempo histórico, alguns são: o surgimento das culturas do Alto Paleolítico, quando ocorreu uma multiplicação dos produtos das indústrias de pedra; as mudanças da Europa após a invenção da prensa, no meio do século XV; e, recentemente, a internet que alterou a condição de acesso aos conhecimentos científicos tão requisitados desde o surto moderno de instituições científicas durante o século XVII.

(...) O uso da mídia pela IURD beneficia significativamente sua expansão e presença social. Os esforços mais reconhecidos são suas programações de rádio e televisão e o jornal semanal FU. Estas três fontes de expressão servem para (1) incentivar os seguidores em potencial a frequentarem as igrejas afiliadas;(2) promover a identidade da organização e (3) transmitir a sua ideologia. Os esforços adicionais que também têm favorecido a IURD incluem a Rede Record (cujo proprietário é o Bispo Macedo), os diversos periódicos da IURD escritos

principalmente pelo Bispo e uma gravadora de música. (BLADSOE 2012, p.102)

Isto porque os meios de comunicação, bem como as mídias sociais e digitais tornaram-se um símbolo de transmissão de práticas e rituais religiosos, com o objetivo de aproximar o fiel da mensagem divina, de converter os que ainda não são convertidos, de vender produtos com poderes mágicos e de demarcar um território que estrategicamente se apresenta como o melhor modelo para o cristão seguir. A IURD sempre se mantém a frente quando o assunto é difundir suas ideias, isto porque ela acompanha o contexto histórico, o momento em que a sociedade vive e os ditames que a pós-modernidade impõe.

A ética neopentecostal se estende até onde vai o capitalismo. Se no passado se vendia indulgências, agora a própria salvação aparece explícita em forma de mensagem na tela da TV. A beleza, a felicidade, a riqueza está disponível em apenas um clic, esteja você na rua, ou em casa na poltrona do sofá, a TV Universal estará te entregando tudo que você precisa para se tornar um indivíduo pelo em tempo real e vinte e quatro horas por dia. Os dízimos e ofertas doados dentro das igrejas, são apenas um passaporte para obter a salvação. A lógica do consumo aparece nas sutilezas do dia-a-dia do crente, que agora se sente abençoado por ter o carro do ano, a casa e tudo mais que Jesus possa lhe proporcionar. A mídia para tanto, foi o principal instrumento do neopentecostalismo que na contemporaneidade interage com a lógica do sistema, utilizando a influência do capitalismo e de grupos políticos para se tornar também uma grande igreja empresarial, sendo pioneira no televangelismo brasileiro.

Um dado fundamental para compreendermos o contexto atual da TV brasileira, refere-se ao fato de que, em 1987, o grupo Silvio Santos deixa de ocupar o controle acionário da TV Record, vendendo suas ações para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A aquisição da Record parece indicar a ampliação de um poder extraordinário do grupo liderado pelo “Bispo” Edir Macedo. Além de alcançar a sétima maior representação do parlamento brasileiro, através de representantes eleitos através de legendas conservadoras, a IURD detém no país diversas emissoras de rádio e TV espalhadas por todo o Brasil (ARAGÃO 2009 p. 75).

Sobre a sociedade em vias de midiatização, Rocha (2006) define um processo no qual os protocolos da mídia, suas tecnologias e linguagens tornam-se lógicas dos processos sociais incluindo seus atores, no qual também os processos sociais afetam o funcionamento das mídias. A mídia deixa de ser o meio e passa a ser o elemento estruturante, os atores sociais tornam co-produtores nesse processo Rocha (2006, p. 122). Quer dizer, a midiatização não concerne somente a um processo em que a tecnologia é o centro da dinâmica. Para além dos seus ditames, existe a condição socio-histórica, que envolve nessa trajetória um conjunto que se projeta sob pessoas, culturas, meios que na sua diversidade absorvem ou não essa novidade

que por vezes se tornou indispensável outras, nem tanto, mas que com certeza provou que a revolução científica a depender do contexto pode ser usada como ferramenta para a disseminação de ideias religiosas, provando que fé e ciência podem estar além de dogmas religiosos. Isso porque no contexto pentecostal, certas novidades, como o uso de meios de comunicação de massa, por hora restringido, para não contaminar a mente do crente, no cenário neopentecostal, tornou-se o grande braço de bispos e pastores para “ganhar almas para Jesus”. Agora não é proibido ao evangélico usufruir das benesses dos meios de comunicação, desde que por finalidade seja aproveitar as bençãos, dispostas como soluções milagrosas e mágicas, sem mesmo precisar levantar do sofá de casa.

Nesse sentido, o uso social da televisão para fins religiosos, tornou-se necessário para arregimentar fiéis, conseguir doações de valores altos, ensinar as esposas como cuidar dos seus maridos, ensinar aos empresários como multiplicar a renda, bem como promover evangélicos na carreira política, através do nome de Jesus. A ética postulada por preceitos bíblicos, não impedem o crente de aproveitar as tecnologias mundanas. Isso é aceito e aprovado na contemporaneidade, desde que a finalidade seja difundir mensagens religiosas com fins proselitistas, para aumentar o rebanho de fies. O neopentecostalismo brasileiro contemporâneo tem como grande referência o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, que contrariando a legislação brasileira, transformou a igreja num grande conglomerado midiático, com a compra da Rede Record de televisão.

Em 1989, a Rede Record teve sua concessão cedida para os evangélicos da IURD, dirigida pelo bispo Edir Macedo. Mas, como é proibido que igrejas sejam proprietárias de rádios e televisões, quem adquiriu oficialmente a Record, que pertencia à família Machado de Carvalho e ao grupo Sílvio Santos, foi o pastor Laprovita Vieira. (NASCIMENTO, 1998, p. 35 apud ROCHA, 2006 p. 104)

Neste sentido, a Universal, não só inovou com a compra da Record, bem como na produção de programas que inspirados em modelos americanos que fizeram um grande sucesso. Os programas televisivos, tornaram-se um modelo de um espelho que reflete no indivíduo soluções mágicas para os seus problemas, ou seja, ele não está mais sozinho, nos programas existem pessoas que estavam em depressão, com problemas financeiros, sentimentais, que através do resgate, da cura, do exorcismo e do encontro com Cristo melhoraram as suas vidas e posteriormente ficam prontas para testemunhar os milagres feitos em suas vidas. Os programas de televisão, geralmente apresentam seções de exorcismo, chamados de momento do resgate, um momento em que pastores chamam convidados, em

sua maioria mulheres, geralmente ex-membros da Igreja Universal para dar o seu testemunho de uma vida sofrimento depois que deixaram de fazer parte da igreja.

O programa Obreiros em Foco exibido pela TV Universal e pelas outras emissoras ligadas a IURD é um exemplo disso, exibido diariamente pelo Bispo Sérgio Corrêa possui um bloco chamado Momento do Resgate onde a pessoa é exorcizada, nesse momento especificamente ocorrem as entrevistas com as divindades das religiões de matriz africana comumente sincretizadas com o Diabo Cristão. Geralmente as divindades são chamadas a incorporação, achincalhadas, humilhadas, desqualificadas e exorcizadas, pois a intenção é exatamente de provar que o Deus Cristão tem mais força que qualquer outra divindade.

Dos púlpitos, esse ataque estende-se para os programas religiosos (“Fala que eu te escuto”, Ponto de luz, Show da fé, Pare de Sofrer etc.) transmitidos pela Rede Record e por outras emissoras que tem seus horários comprados pelas igrejas neopentecostais. Em muitos desses programas são exibidas “reconstituições de casos reais” ou dramatizações nas quais símbolos e elementos das religiões afro-brasileiras são retratados como meios espirituais para a obtenção unicamente de malefícios: morte de inimigos, disseminação de doenças, separação de casais ou amarração amorosa, desavença na família e etc. São comuns nesses programas os testemunhos de conversão dados por pessoas que se apresentam como antigos frequentadores de terreiros, que são entrevistados pelo pastor e “confessam” os malefícios que teriam sido feitos com a ajuda das entidades afro-brasileiras (chamadas de encostos). (SILVA, 2007 p. 11)

Esse é um momento marcante, porque se estigmatiza uma religião através de uma prática religiosa inserida no contexto televisivo justamente com a intenção de demonizar as religiões concorrentes para um público de milhares de pessoas. Durante esse Momento do Resgate é comum também entrevistas com ex-membros de religiões de matriz africana com a intenção de que eles reforcem esse estereótipo forjado no processo colonizador, confirmando que a religião é do Diabo e que o correto a fazer é exorcizar os seus membros e acabar com a sua atividade em seus templos, bem como iniciar um processo de evangelização dos mesmos.

A Televisão, grande aliada neste processo, protagonizou um importante lugar nesse sistema midiático, visto que ela não era somente um instrumento de “mera” reprodução de ideias para além disso, a televisão representava um lugar de fala, um discurso composto por ideologias que pretendiam, ora de maneira agressiva, ora de maneira sutil, induzir o telespectador a compartilhar daquele pensamento através de práticas e ações que lhes fizessem pertencer aquele meio. Por conta disso, seções de descarrego e de exorcismo eram apresentadas como grandes espetáculos que prometiam ao telespectador ver o quanto poder os pastores e bispos da IURD tinham, através de uma espécie de fortaleza espiritual para curar doentes, expulsar demônios, solucionar questões amorosas, financeiras e qualquer tipo de

conflito que o indivíduo esteja envolvido. Muito além de um utensílio doméstico, o uso cultural da televisão tornou-se necessário no meio evangélico, ou para evangelizar, ou para encontrar soluções para problemas. Nesse sentido, Aragão (2009) afirma que:

É notório que o sistema televisivo levanta uma questão fundamental, uma vez que rapidamente passa a ocupar um locus especial no processo de mediação da realidade. Este processo acontece em todas as partes do mundo. São introduzidos sistemas eletrônicos que concentram em seu interior “emissores”, os quais produzem discursos a partir da ocupação dos mais diversos espaços sociais – política, economia, artes. Com isso, amplia-se o monopólio da esfera da produção de mensagens. (ARAGÃO, 2009 p. 39)

Tão complexo como o termo mediar, é a relação da religião com as mídias, visto que mediar a realidade, é um processo que vai muito além de enviar e receber mensagens, através de um amplo sistema de sons, áudio, imagens e performances que constituem o cenário. Como construir um sentido para mediar a realidade, aliás qual realidade e em que sentido são questões que se concentram no cerne desse sistema. O neopentecostalismo, afirma-se como o novo evangelho, ou o evangelho que busca compreender uma dimensão global, não somente em termos virtuais, bem como na tentativa de alcançar territórios postula o seu caráter ideológico, ramificando traços da sua identidade.

Nessas circunstâncias, observamos que a palavra Universal que dá nome a igreja, não foi utilizada por mero acaso, a ela está atrelado a intenção neopentecostal de alcançar o globo terrestre com a sua ideologia. Então, nesse contexto, é possível observar que o discurso imprimido nas mídias pelos seus membros e lideranças é um discurso orientado, e discurso esse que compõe a retórica da igreja. A evocação de sentidos nesse meio, amplia-se para além de uma simples proposta de alcançar um público específico, conforme Rocha (2006 p. 128), a midiatização dá temporalidade, materializada na produção/reconhecimento das sequências narrativas esquematizadas em imagens redimensiona o modo das pessoas compreenderem os fenômenos. Sobre a relação entre midiatização e religião, a partir das ondas do pentecostalismo Véron (2013) divide a história do discurso do pentecostalismo midiatizado em três etapas:

Na primeira etapa (1950 a 1980), denominada de televisão histórica, se priorizou o contato, quando, graças aos fenômenos midiáticos, o pentecostalismo das curas exerceu o seu ápice. De 1980 a 2000, uma nova etapa se estabelece: “a própria TV se converte na instituição-interpretante” (VERÓN, 2013, p. 268). É a etapa do apogeu das neopentecostais e da conversão eletrônica das Assembleias de Deus, quando se sistematiza de modo mais definido a indústria-cultural gospel. A última etapa, a partir de 2000, “o interpretante dominante é,

aqui, uma configuração complexa de coletivos definidos como exteriores à instituição televisão” (VERÓN, 2013, p. 269 apud ROCHA 2017, p. 132)

Nesses termos, a cultura gospel difundida não foi somente a da apregoação do Evangelho para converter e arregimentar fieis, existiu assim um viés mercadológico, um viés que se aproveitou do poder de difusão da mídia para imprimir a sua identidade em detrimento ou ainda a partir do discurso de estereotipia de outras. O uso simbólico da mídia<sup>41</sup> também imprimiu a face de uma igreja vista como rica, que a partir da força dos seus fiéis, será capaz de atingir o mundo com a sua Teologia. Esse status de mega igreja percorre as entrelinhas das relações sociais, visto que as religiões concorrentes, sobretudo as de matriz africana não dispõem de um arsenal semelhante para construir enfrentamento ao discurso demonizador propagado pela mídia neopentecostal, sobretudo pela igreja Universal do Reino de Deus, que utiliza uma estratégia de marketing midiática para fazer o proselitismo religioso. Portanto, como afirma Durkheim (1989) a religião é uma coisa eminentemente social, as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir, que só surgem em grupos coordenados.

### 3.2 Programa Obreiros em Foco: o discurso demonizador sobre religiões Afro-brasileiras 000

Figura 10 - Programa Obreiros em Foco



Fonte: <https://www.univervideo.com/movies/fe-e-espiritualidade> Acesso em: mar. 2019.

<sup>41</sup> O termo *médium* (no plural, *media*) é um termo latino que foi introduzido em inglês, no final do século XIX, nos Estados Unidos da América, no contexto cultural específico dessa época, para designar três inventos recentemente inventados: o telégrafo, a fotografia e a rádio. O que levava os americanos a designar estes inventos como mídia era o fato de tornarem possível a transmissão de mensagens entre pessoas distantes, objetivo que os médiuns também procuravam atingir nas sessões espíritas que surgiram nessa época. Este neologismo surgiu, por conseguinte, no contexto da associação destas técnicas com o Cardecismo e a prática do Espiritismo, então muito em voga nos Estados Unidos (RODRIGUES, 2005 p.2).

Obreiros em foco é um programa de televisão brasileiro exibido pela TV Universal, que como já pudemos mencionar, é uma rede de televisão pertencente a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Atualmente este programa é apresentado pelos pastores Bispos Sérgio Corrêa<sup>42</sup> e Ronaldo Carneiro, a partir das 22h da noite de segunda a sábado na tvuniversal.org. Também transmite a sua programação através da Rede Aleluia de rádio e da extinta TV Família que veio a pertencer a IURD também. A Rede Record<sup>43</sup> de televisão embora atenda aos interesses da IURD não apresenta o programa supracitado, por ser alvo de ações judiciais que a proíbe de exibir programas com conteúdo que mencionem as religiões de matriz africana. O programa também está disponível na internet através do site YouTube no canal oficial do Bispo Sérgio Corrêa, onde constam quase 70.000 inscritos.<sup>44</sup>

O programa existe desde dezembro de 2011, inspirado em reuniões, campanhas e vigílias realizadas na IURD, com a intenção de trazer ex-obreiros para o convívio social. Os obreiros e obreiras são pessoas designadas ao serviço pastoral, com funções eclesiais sob supervisão dos pastores, em suma, são auxiliares dos pastores. O obreiro também é uma autoridade espiritual, tem como principal função servir ao Reino de Deus, orar pelos enfermos e cuidar do tempo/igreja. Obreiros em foco, surgiu justamente da necessidade de trazer de volta, ou resgatar obreiros que por várias circunstâncias se afastaram da Igreja Universal. Durante o programa, os ex-obreiros passam por uma espécie de entrevista para que o Pastor identifique o motivo pelo qual o membro se afastou das atividades religiosas. Durante o momento do “Resgate Espiritual” é que geralmente ocorrem atos que desencadeiam sessões de exorcismo, quando o pastor impõe as mãos sobre o ex-obreiro inicia as orações e geralmente a pessoa incorpora as entidades responsáveis pelo seu afastamento da vida pastoral.

---

<sup>42</sup> Nascido na capital do Rio de Janeiro (RJ) em 1964 foi jogador de futebol profissional no Campo Grande Atlético Clube, chegando a ser convocado para a seleção brasileira de futebol juvenil. Entre 1984 torna-se obreiro da IURD e posteriormente deixa a profissão de jogador de futebol para dedicar-se integralmente a igreja até os dias atuais. Extraído (Seção: Testemunhos <<https://guiame.com.br/gospel/testemunhos/bispo-da-iurd-relembra-quando-abandonou-o-futebol-no-auge-da-carreira.html>> ) Acessado em: 05/05/2019

<sup>43</sup> "Em 2004, emissora exibiu programas com temas como “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?”. Record também foi condenada a pagar indenização de R\$ 300 mil". Após ação judicial que durou 15 anos, o canal Record News, de propriedade do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, terá de exibir quatro programas sobre religiões de origem africana. A ação foi aberta em 2004, tendo como autores o Ministério Público, o Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afro-Brasileira (Itcab ) e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e da Desigualdade (Ceert)."Leia mais em:<https://www.gazetadopovo.com.br/justica/record-e-condenada-a-exibir-programas-sobre-religoes-de-matriz-africana-4va0sslbzxuwr3n4dm2pkpud/Copyright> © 2019, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados. Acessado em: 05/05/2019

<sup>44</sup> O programa através do canal 44 UHF digital (11.1 virtual), ou (8.1 virtual). Possui estúdios em Campinas-SP, Limeira-SP, São Paulo-SP e Salvador-BA, tendo a sua fundação em maio de 2011 (via internet), e em 01 de maio de 2011 (TV aberta e TV por assinatura).

Para a realização do estudo foram selecionados alguns programas de televisão exibidos entre os meses setembro e novembro de 2018.

O programa tem duração variada, podendo ser de 30 minutos a 1 hora e meia, pois ele se adequa a programação diária da TV, além de estar sendo adaptado no sentido de seguir um script, pois os apresentadores utilizam linguagem coloquial e opinativa, visto que o objetivo é alcançar a popularidade através da evangelização. O programa se passa num estúdio, onde além dos Pastores e dos obreiros (as) entrevistados, também é composto de obreiros numa espécie de arquibancada as margens do centro do palco. E está dividido em três momentos: Momento de meditação, Momento do Resgate e Já passei por fogo e terremotos. Momento da meditação, é o bloco em que o programa é iniciado, e que exibe com uma mensagem gravada pelo bispo Sergio Corrêa, apresentada num telão, ao som de música instrumental e imagens de rios, cachoeiras, natureza em geral, induzindo o telespectador imaginar o paraíso, tal qual aparece no texto bíblico.

Figura 11 - Programa Obreiros em Foco



Fonte: <http://evgleandro-obreiros-em-foco.blogspot.com/> Acesso em 05 maio, 2019.

Conforme Ricardo Mariano (2014) seguindo tradição leiga do pentecostalismo, os pastores da Universal não possuem formação em seminários ou faculdades de Teologia. Isto ocorreu porque a Faculdade de Teológica Universal do Reino de Deus (Faturd), que oferecia curso básico (três anos) e de bacharelado em Teologia (quatro anos), desistiu de prover formação Teológica aos pastores quando percebeu que isso, além de gastar inutilmente seu tempo, tenderia a diminuir seu fervor e distanciá-los das demandas imediatas dos fiéis.

Esse fervor, do qual Mariano (2014) se refere perdido pelos pastores, ocorre justamente quando eles alcançam as suas próprias interpretações acerca do texto bíblico, através da dinâmica que ocorre durante o curso de Bacharelado, nos fazendo lembrar do surgimento do

protestantismo, quando Martinho Lutero deixou de fazer uma interpretação literal do texto bíblico, para a partir de suas leituras postular a sua própria hermenêutica bíblica.

A criação do Instituto Bíblico Universal, foi a solução encontrada pelo Bispo Edir Macedo, para que minimamente os pastores tivessem uma preparação acadêmica obrigatória e de duração de seis meses, para iniciarem o trabalho pastoral. A Igreja Católica por exemplo oferece obrigatoriamente durante a formação dos padres os cursos de Filosofia, Sociologia e Teologia, alguns até com duração de dez anos, para que o padre tenha aptidão para iniciar os trabalhos pastorais, como afirma, Ricardo Mariano (2014).

A escolha deste programa como instrumento de análise deve-se ao fato de o programa conter elementos discursivos capazes de reproduzir a ideologia e discurso de intolerância religiosa proferidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, sobre as religiões de matriz africana. A metodologia empregada (Análise de Discurso de linha francesa) e corresponde a necessidade de utilizarmos um método imparcial de análise. Isto porque a Análise de Discurso é um campo da linguística que possui a potencialidade de construir uma análise mais rebuscada de discursos e textos considerando o que geralmente está para além da linearidade do curso das ideias empregadas em textos, em vídeos, em discursos propriamente dito; ela analisa a ideologia que está naquele contexto socialmente construído. Sobre a Análise de Discurso, Orlandi (1999), salienta que:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua discurso ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 1999, p. 17).

Nessas circunstâncias, é necessário salientarmos que ainda que haja a pretensão de construir um discurso isonômico, ou se adira a passividade enquanto sujeito, as experiências que involuntariamente cerca o indivíduo permite que ele conceba sua própria visão de mundo. Ou seja, por mais que se diga: “eu não tenho ideologia”, intrinsecamente, inconscientemente, ela está ali, pertencendo ao indivíduo.

Para que o presente estudo fosse construído, foram 60 episódios do programa, para perceber nas cenas o discurso de intolerância religiosa, bem como a construção da estereotipia e estigma sobre o outro construído pela IURD. Este posicionamento é fundamentado também a partir dos olhares de autores como Vagner Gonçalves da et al (2007); Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro e Ricardo Mariano (2014) em Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.

Dentre os 60 episódios assistidos, neste capítulo, descrevemos algumas características do diálogo entre pastores e obreiros(as) exibidos em seis episódios, que de acordo com a análise foram representativos para demonstrar o discurso demonizador recorrente apregoado pela igreja sobre as religiões afro-brasileiras.

Vejamos agora o discurso do programa do dia 30 de outubro de 2018. O Momento de Meditação, que dá início ao programa, em que tem a missão principal de atrair o telespectador para um encontro com Deus, através da meditação nas palavras proferidas pelo Bispo Sérgio Corrêa.

Deus abençoe a todos os obreiros do Brasil e do mundo, que essa ação que estamos fazendo possa jorrar uma fonte da água da vida, para todos que desejam em nome de Jesus, Graças a Deus, muito boa noite, nós estamos aqui numa noite especial com todos vocês para que ajudá-los a refletir, a pensar, a olhar para sua vida espiritual. O homem normalmente é um ser humano frágil, fraco, falho, mais quando ele tem o Espírito Santo então, o espírito de Deus ele domina essa mente, domina esse ser, então o homem se torna forte, o contrário, disso é que o homem continua sendo fraco, humanamente falando, falho, fraco, mais o diabo quando domina a mente dele também faz o que quer, de um lado, o ser humano tá aqui, de uma lado tem o Espírito Santo que quer dominar esse corpo, essa mente, esse coração, esse ser pra manifestar a sua gloria nesse mundo, mais se esse homem não entregar a sua vida para o Senhor Jesus, o diabo vai dominar a mente dele, o coração dele, o corpo dele pra manifestar as suas obras nesse mundo (Bispo Sérgio Corrêa, 2018).

O momento da abertura do programa cumpre uma posição importante para o público em geral, que é de mostrar para as pessoas que a Igreja Universal é representante de Deus e que além de estarem pactuados com o Espírito Santo, estão imbuídos em lutar contra o diabo. Esse é um anúncio da guerra santa, guerra justificada pela ação do opositor de Deus na Terra, o diabo que age na mente do homem. No que concerne a postura dos pastores, ao longo dos programas, Rocha (2006) afirma que:

Os televangelistas usam microfone sem fio na lapela, o que lhes dá agilidade nas movimentações perante as câmeras. Os bispos e pastores fazem orações no ar, e isto é cercado de efeitos cênicos e televisivos eficientes na inspiração de fé: as cenas de oração alternam-se com a exibição de imagens que transmitem serenidade, inspiram a ideia de prosperidade ou a fé — jardins, rios, famílias unidas, carros importados, empresas. (Rocha, 2006 pp. 118-119)

Esses recursos audiovisuais, configuram a necessidade que a Igreja Universal tem de mostrar aos fiéis que ela não possui o caráter evangélico tradicional, isto porque, por exemplo, ao ressemantizar práticas de exorcismo de religiões concorrentes ela foge um pouco desse contexto. Essa ideia de transmitir prosperidade e felicidade é posta na tela justamente pra romper o estigma no meio evangélico que a IURD tem ao reproduzir cenas (no caso do

descarrego). O momento de Meditação tem a função de atrair o fiel e harmonizar o discurso e prática da igreja.

Esta estratégia argumentativa pretende fixar os olhos e ouvidos do espectador ao programa. Isto porque a pedagogia do medo do Diabo, instaurada na Idade Média, chega na contemporaneidade para justificar a necessidade dos crentes de fazer proselitismo religioso a qualquer custo. Agora não basta apenas utilizar os púlpitos da igreja para combatê-lo, pois o Diabo está em todos os lugares atuando na vida das pessoas: ele atua na vida financeira, na vida sentimental, na vida espiritual, ele se infiltra na vida do indivíduo.

Conforme perspectiva de Frecheiras (2015), as definições dualistas e as concepções do mal, como as ideias acerca dos anjos e demônios, são resultado de um “conjunto de tradições antigas”, nesse sentido a autora afirma ainda que “as especulações escatológicas e apocalípticas se desenvolvem sob impulso de observação da oscilação dos astros. A ele (diabo) são creditados alguns antepassados nas antigas civilizações do Oriente Próximo (...)”; não há um começo relevante capaz de explicar sua proeminência e todos os seus poderes, mas a sua proximidade com outros deuses não deve ser ignorada. Stanford (2003) apud Frecheiras (2015, p 25). Ao que parece, as antigas civilizações tendiam a ver “bem e mal” como duas faces de uma mesma divindade. Isso fica explícito nas palavras do Bispo Sérgio Corrêa quando ele diz:

*(...) mais o diabo quando domina a mente dele também faz o que quer, de um lado, o ser humano tá aqui, de um lado tem o Espírito Santo que quer dominar esse corpo, essa mente, esse coração, esse ser pra manifestar a sua gloria nesse mundo, mais se esse homem não entregar a sua vida para o Senhor Jesus, o diabo vai dominar a mente dele (Bispo Sérgio Corrêa, 2018)*

Após o Momento de Meditação, o pastor Sérgio Corrêa entra ao vivo no estúdio, acompanhado do Bispo Ronaldo Carneiro. Além deles, estão os obreiros, sentados numa espécie de arquibancada, em sua maioria mulheres. As vezes aparece o tema do programa, no rodapé da tela, outras vezes não. Segundo Rocha, (2006) uma característica peculiar dos programas da TV IURD é de que seus apresentadores são sempre pastores ou bispos da igreja e que são eles mesmos os redatores dos textos lidos no ar e que vão para o teleprompter (TP – aparelho que permite a reprodução do script sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador). Ainda sobre a adaptação do texto bíblico aos ditames da televisão, através de uma postura técnica, profissional a autora afirma que:

Todos os programas da TV IURD estão devidamente adaptados à linguagem de televisão e utilizam recursos técnicos de edição como: fade — ausência de imagem no

ar e recurso de edição para ajuste de tempo; frame — soma de dois campos, resultando num pequeno quadro na tela; wipe — efeito que mostra uma imagem sair da tela e outra entrando de várias formas (Rocha, 2006 p. 118).

Nessas circunstâncias, tais recursos imagéticos são utilizados para que a representação sobre e do discurso divino em relação ao diabo seja o mais real possível, com capacidade inclusive de influenciar pessoas não adeptas ao neopentecostalismo, bem como adeptos das religiões concorrentes. Isto porque o apelo, a mensagem neopentecostal deve chegar em todos os lugares e com qualidade, para que fique mais atraente, se adequando aos ditames da contemporaneidade, onde a televisão deixou de ser um utensílio doméstico, podendo estar em todos os lugares, em telas grandes e pequenas através de smartphones, smartTVs, micro-computadores, com qualidade digital e sendo assistida em tempo real por milhares de pessoas em diversas partes do mundo.

Nesse sentido, a igreja vai até o telespectador e agora ele poderá receber a mensagem de Cristo onde tiver. Outrora aparelhos de TVs, eram constantemente discriminados, atacados no meio evangélico por apresentarem imagens de fornicação, prevaricação e outras formas de corrupção do homem entendidas nesse ambiente como corrupção da carne e do espírito. Agora, esse meio de comunicação tão diferente ao mundo cristão, tornou-se um meio essencial para a propagação de mensagens espirituais, servindo até mesmo como púlpito, para que a mensagem de salvação pelo Espírito Santo chegue a todos os telespectadores de forma mais dinâmica, bem como a utilização desses espaços para propagandas de produtos religiosos, os merchandisings, que vão de livros, cds a campanhas de colaboração financeiras em formato de “dízimos”, por exemplo.

O discurso segue um percurso, um curso, uma estratégia que é deliberada através de uma ideologia, que associada a uma performance que se desdobra desde o tom de voz do pastor (falando alto, impondo autoridade através da voz), a roupa que ele veste (trajes sport fino, utilizado geralmente por empresários e grupos de elite), bem como ao plano são sempre filmados de frente, de baixo para cima ou posicionados ao centro do palco) que o estúdio o coloca para aparecer nas telas manifestando a sua autoridade conferida previamente pelo próprio Jesus Cristo, aos moldes neopentecostais. As obreiras também utilizam vestidos longos, abaixo do joelho e cobrindo os braços, numa cor mais discreta para mostrar como a mulher de Deus deve se vestir. Isto, complementa a cena e performance do pastor na hora de comunicar a seriedade do programa ao telespectador.

Figura 12 - Bispo Ronaldo (Bispo auxiliar)



Fonte: <<http://evgleandro-obreiros-em-foco.blogspot.com/>> Acessado em 05/05/

Ao iniciar um bate-papo com o Bispo Ronaldo, o Bispo Sérgio continua sendo enfático a respeito da responsabilidade que a igreja tem de informar as pessoas sobre a necessidade de se escolher entre Deus e o Diabo.

*Veja bem, saiba que a alma está entre Deus e o Diabo, Deus querendo trazer essa alma para a salvação, para a vida eterna e o diabo querendo levar essa alma pro inferno, quem decide é a pessoa (Bispo Sérgio Corrêa, 2018).*

Sobre as estratégias discursivas utilizadas através da fala do pastor, demonstrando sua autoridade e o poder da sua retórica Bourdieu (1989, p. 188), afirma que o poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá aquele que o exerce. A realidade é socialmente construída sob a égide dessas relações de poder, ainda que de maneira implícita o indivíduo, nessas circunstâncias o crente, participa dessa estrutura ainda que forma inconsciente. O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (Bourdieu, 1989, p. 7-8).

O discurso não acontece sozinho, ele segue um percurso, um curso direcionado para além da mera expressão da linguagem, o discurso é ideologia. É um poder que existe porque aquele que está sujeito crê que ele existe. Nesse sentido, o autor ainda revela que para poder enxergar o poder, ou ainda, percebê-lo é necessário "descobri-lo, onde ele deixa se ver menos", sendo esse poder "invisível", que, porém, influencia diretamente na construção de sentido e significado do mundo. Maingueneau (2013, p.59) afirma que o discurso é "orientado" não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear. Conforme o Bispo Sérgio Corrêa:

*a dúvida é um espírito, o diabo trabalha com a dúvida, o satanás, satanás são mesmo, o principal dos demônios ele tem os seus demônios, ele lança vai tem os nomes, tem espírito disso, espírito daquilo, espírito daquilo outro e ele vai usando esses espíritos*

*pra poder destilar o veneno dele, dentre esses espíritos o espírito predileto que ele gosta de trabalhar com o povo de Deus, porque lá fora ele trabalha de outra maneira, mais com o povo de Deus, é o espírito da dúvida, ele fala assim vá lá naquela obreira lá, trabalha na mente dela (Bispo Sérgio Corrêa, 2018).*

O discurso dominante, que durante muito tempo fora imposto pelos meios de comunicação<sup>45</sup> massivos transplantando a ideologia religiosa do cristianismo através de mensagens sutis ao telespectador, agora despiu-se configurando uma nova face, uma face em que o mais importante é justamente mostrar o rosto, aparecer em frente às câmeras numa espécie de performance do grande triunfo da vitória de Deus contra os demônios, com doses especiais de entrevistas com o Diabo para mostrar o quanto a televisão se aproxima da realidade, ou essa é a própria realidade que todo o Cristão deve ver.

Quando o Bispo Sérgio Correia anuncia a atuação do Diabo e o seu poder, está inscrito através do interdiscurso a intenção primeira de identificá-lo na sua área de atuação, de provar o seu poder na vida dos religiosos (Cristãos) e, em segundo momento, incitar uma reação por parte do fiel. Quando ele diz que o Diabo entra na mente da fiel, fica implícito a ideia de que toda ação que, de alguma maneira, designe algo imoral ou antiético foi inspiração ou determinação do demônio através da sua atuação. Chartier (1988) define o hábito mental como conjunto de esquemas inconscientes, de princípios interiorizados que dão à sua unidade as maneiras de pensar de uma época, qualquer que seja o objeto pensado. Nessas circunstâncias, essa performance se torna uma espécie de hábito mental, que ainda que de maneira inconsciente será reproduzida pelo pastor.

O discurso não é apenas aquilo que está fixado, cronometrado através do que foi dito, Foucault (1970) ressalta que ele não é somente uma pura manifestação do desejo de mostrar ou ocultar algo, o discurso também é objeto de desejo, posto que no bojo das relações de poder, não prefigura somente as relações dominantes/dominados, mas também aquilo porque se luta. Para tanto, os pastores da IURD, tem consciência do alcance do seu discurso e impacto coletivo, porém, é no momento da oração do “Resgate”, que eles mergulham toda uma retórica, cuja finalidade maior além de arregimentar fiéis, é também desqualificar as religiões concorrentes. Vejamos o programa do dia 04 de outubro de 2018.

---

<sup>45</sup> Nesse sentido SODRÉ (2003), afirma que noção de comunicação, apesar de toda a sua complexidade teórica, será submetida aqui a uma simplificação necessária: Comunicação e troca de informações (estímulos, imagens, símbolos, mensagens) possibilitada por um conjunto de regras explícitas ou implícitas, a que chamaremos de Código, bem como os meios de comunicação têm como pressuposto, e como suporte tecnológico, a instauração de um sistema moderno de comunicação, os (mass média, ou veículos de massa), ajustado a um quadro social propício.

**Bispo Ronaldo Carneiro:** *- Solte os seus braços, o resgate chegou, o espirito do resgate chegou e todos os demônios de mágoa, de desejo de suicídio, de ódio chegou pode manifestar o chefe, manifesta o chefe, vá lá, o chefe, vamo lá o chefe, quem é o chefe?*

(Maria com as mãos para trás, os dedos em forma de gancho em transe).

**Obreira Maria:** *Pomba-gira!!!*

**Bispo Ronaldo Carneiro:** *Pomba-gira não é chefe, manifeste o chefe, quem é você, tem alguém mais forte que você, porque se o chefe descobrir que você tá no lugar dele vai apanhar, vamo lá, o chefe, o chefe, eu quero o chefe aqui é uma ordem, é uma ordem, quem é você?*

**Obreira Maria:-** Lúçifer.

**Bispo Ronaldo Carneiro:** *Presta atenção Lúçifer, sem muita conversa, você vai passar a mão aqui na cabeça dela, enquanto o corpo está descendo aqui, Deus manda anjos aqui Senhor manda anjos, manda anjos, aliás os obreiros todos vocês aqui, estendam a mão pra cá, cada obreira aí representa um anjo, representando cada um anjo, na quantidade de anjo que tem aqui e agora, queimando isso dentro de você, agora bota as duas mãos na cabeça e começa agora a arrancar tudo, tudo, da cabeça dela, pode passar, passa as duas mãos, aí e sem demora diabo, é vamo lá eu quero que você faça isso agora, arranca tudo que tá aí, então você arrancou, você vai arrancar, arranca tudo que tá aí na cabeça dela, todos os pensamentos de derrota, os pensamentos que você põe na cabeça dela que ela não tem mais jeito, os pensamentos que você põe na cabeça dela de morrer de droga, de mágoa, tudo, tudo, coloque tudo aí, vamo lá, coloque tudo aí, tira tudo de você, tira da cabeça dela, bota em você, amarra contigo aí, vamo lá, amarra com você, amarra, eu quero saber se você tirou tudo, tirou tudo, se mentir vai receber mais fogo ainda, tirou tudo, tirou tudo diabo, não tem mais nada na cabeça dela não, nenhum pensamento teu, qual o principal pensamento que tu botava aqui na cabeça dela?*

Nessas circunstâncias, percebemos no discurso aspectos metafóricos e enunciativos que cumprem a função social de inserir o ouvinte na lógica do discurso, que se predetermina em comparar de maneira implícita elementos religiosos para justificar a assimilação por questão sincrética do Diabo Cristão (Lúçifer) e a Divindade de religiões de matriz africana Pomba Gira (Exu Feminino) de modo que o próprio jogo argumentativo explícito no discurso se encarregue de personificar essas figuras. No caso da Obreira Maria, quando entra em transe e o Bispo Ronaldo Carneiro inicia o momento do Resgate e pede o nome do chefe identificado (durante o transe) em primeiro momento como Pomba-Gira e no segundo momento como Lúçifer (Diabo), isto porque o discurso está articulado ainda que de maneira inconsciente para que haja assimilação (por força do sincretismo religioso) e por conta do estigma conferido as religiões concorrentes, e consequentemente por conta da identidade da IURD.

O poder a argumentação salta quase que automaticamente do inconsciente para figurar o centro do discurso, o demônio precisa ser exorcizado, eliminado, subtraído, e nesse contexto

de guerra, vale de tudo para que o Deus cristão saia vitorioso. Segundo Macedo, as outras religiões são o demônio, quer dizer as religiões de matriz africanas e afro-brasileiras como ele deixa expresso em:

Não há exu, caboclo, orixá, preto-velho, omolu, erê, nem qualquer força do inferno que possa resistir á nossa ordem quando dado em nome de Jesus. O diabo sabe disso e treme quando este nome é pronunciado com autoridade. Ele se amedronta quando encontra alguém que exerce a autoridade de Jesus. Os demônios caem de joelhos, os exus e cia, rolam no chão e andam de joelhos se ordenarmos isso a eles! (MACEDO, 2006 p. 128).

Para tanto, torna-se pertinente observarmos como o colonizador forjou uma identidade estereotipada das nações e práticas religiosas afro-brasileiras, postulando-as a uma pena inquisidora, bem como as suas entidades. Exú, Orixá de origem africana, que tem o dom da comunicação, da paciência, da ordem e da disciplina, é representado por um Ogó de forma fálica, ou ainda falo ereto e também possui um estilo brincalhão, que foge da ideia Cristã de santidade e pudor sobre o corpo, foi sincretizado pelos colonizadores como sendo o “Diabo Cristão”, ou com o “Satanás Cristão”, essa divindade também é conhecido como Esu, Eshu, Bará, Ibarabo, Legbá, Elegbara, Eleggua, Akésan, Igélú, Yangí, Ónam, Láillú, Tiriri e Ijéllú . Segundo Oliveira (2003):

Uma das mais fortes expressões contra o candomblé, ou das mais usadas, é que Exu (no queto-K ) ou Izila ( na angola - A) é o Diabo. Mesmo negando e apresentando outras interpretações para o significado desse orixá (K) ou inquice (A), sempre se pode encontrar alguém que insista no contrário. Prova disso são as imagens em programas de TV que apresentam pessoas se dizendo do candomblé e se chamando de Diabo em pleno culto (OLIVEIRA, 2003, p. 23).

Além de tentar reduzir a diversidade religiosa afro-brasileira a um padrão homogêneo, os neopentecostais vão mais longe, ao recriar um cenário medieval de exorcismo, através da assimilação e objetivo de eliminação da crença concorrente. Isto porque fomentar e disseminar o medo do e sobre o diabo, pelos malefícios que ele pode causar, foi estratégia usada em outrora para ressignificar aspectos da identidade alheia.

Um dos grandes trunfos da IURD é o estigma histórico sofrido pelas religiões afros, pelo discurso demonizador, bem como o medo das práticas tidas como bruxaria ou macumba que, no imaginário popular, devem ter como consequência o exorcismo. A relevância, nesse sentido, é o fato dessas práticas serem socialmente aceitáveis, ainda que via de regra, transforme a identidade alheia num objeto de cobiça e maltrato por parte de um grupo que se pretende dominante e que possui os meios para reproduzir isso. Durante o “Momento do Resgate”, o Bispo faz uma espécie de entrevista com o Diabo primeiro, para saber qual mal ele está

causando na vida daquela pessoa e posteriormente ordenar que ele seja castigado e posteriormente execrado perante a plateia. Nesse momento ocorre a identificação da divindade, como sendo “Exu Capa Preta”. Vejamos as falas durante o programa de 26 de outubro de 2018.

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Jesus coloca anjos aí ao redor dele furando ele todo o tempo, traz o corpo dela pra cá, quem é o chefe?*

**Obreira Síntia:** *Capa Preta hahahahahahahahahah (gargalhada)*

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Da passagem pra ele rápido, da passagem pro Capa Preta, eu quero o chefe aqui, o chefe, tira...*

Nesse momento é comum que os convidados, geralmente mulheres, no momento da incorporação da divindade, estejam com as mãos para trás e em formato de garras, gritando ou dando gemidos de sofrimentos, enquanto o pastor faz uma série de perguntas para saber qual mal a entidade está causando na vida daquela pessoa, depois ordenando em nome de Jesus, que a entidade se arraste até o púlpito, ou até o local onde tenha uma Bíblia sagrada, para ordenar que ele “queime” ou “saia” em nome de Jesus, humilhando e mostrando o seu poder de domínio sobre o corpo do outro, isto porque o bispo dá ordens para que a divindade se arraste ou se ajoelhe perante ele para que ali todos vejam o poder e a vitória de Deus sobre ele.

Figura 13 -Momento do Resgate (Bispo Sérgio Carneiro e a Ex- Obreira Maria)



Fonte: TV Universal, 2018.

Existe uma construção de sentido sobre o corpo do outro, um corpo que não é apenas a continuação de um cenário, existe um corpo dominado, retorcido, exorcizado, um corpo que fala, fala com as mãos, com o torcer dos dedos, que demonstra o poder descomunal do Diabo sobre esse corpo. Maria não é somente uma personagem, Maria é a protagonista da cena, enquanto o Bispo Sergio Corrêa demonstra todo o seu poder e autoridade sobre o corpo de Maria, ao proferir o nome de Jesus Cristo, impor as suas mãos sobre a testa e a nuca da ex-

obreira e iniciar mais uma “sessão de descarrego” (Resgate). Em *Vigiar e Punir* (1975) Foucault nos ressalta a condição do corpo disciplinado, que estrategicamente é moldado, aperfeiçoado a uma necessidade de domínio. Os dedos em forma de gancho lembram bastante a figura do diabo de tempos medievos, com unhas gigantes e dedos em forma de ganho, formato idealizado em tempos de pedagogia do medo, tempos em que o bom Cristão deveria temer a inquisição e o inferno. Assim, a disciplina não é moldada através da agressão, pelo contrário, ela se articula com a predisposição para o bem, o corpo que outrora pertencia ao demônio, vai aos poucos se rendendo as benesses do bom pastor. Nessas circunstâncias, Silva (2007) salienta que:

O panteão afro-brasileiro é especialmente alvo deste ataque, sobretudo a linha ou categoria de Exu, que foi associada inicialmente ao diabo cristão e posteriormente aceita nessa condição por uma boa parcela do povo de santo, principalmente o da umbanda. No interior das igrejas neopentecostais são frequentes as sessões de exorcismo (ou “descarrego”, conforme denominação da Igreja Universal do Reino de Deus-Iurd) dessas entidades, que são chamadas a incorporar para em seguida serem desqualificados e expulsos como forma de libertação espiritual do fiel. Dos púlpitos, esse ataque estende-se para programas religiosos (“Fala que eu te escuto”, “Ponto de luz”, “Pare de sofrer”, “Show da Fé, etc.) transmitidos pela rede Record (de propriedade da Iurd) e por outras emissoras que tem os seus horários comprados pelas igrejas neopentecostais. Em muitos desses programas são exibidas “reconstituições de casos reais” ou dramatizações nas quais símbolos e elementos das religiões afro-brasileiras são retratados como meios espirituais para a obtenção unicamente de malefícios: morte de inimigos, disseminação de doenças, separação de casais ou amarração amorosa, desavença na família etc. Os testemunhos mais explorados são os dos que se apresentam como antigos frequentadores de terreiros, que são entrevistados pelo pastor e “confessam” os malefícios que teriam sido feitos com a ajuda das entidades afro-brasileiras (chamadas de “encostos”) (SILVA, 2007, p.11).

O Diabo é o outro, ou são os outros é o pensamento essencialmente Cristão, que desde os primórdios condenou e fez essa associação a todas as religiões concorrentes. Associar a divindade Exu ao Diabo foi uma das estratégias de uma igreja que pregava a pureza e o pudor sobre os corpos, ao se defrontar com uma divindade que tinha o falo (pênis) como principal forma de representação. Desumanizar o panteão afro-brasileira foi uma estratégia usada para colonizar, visto que atingiria onde é mais caro a sociedade brasileira, o simbólicismo, posto que a religião em sua dimensão simbólica tem a função social de apresentar e representar o pensamento de uma coletividade. Na contemporaneidade, os neopentecostais se apropriaram dos meios de comunicação, do poder da televisão sobre a massa brasileira, para através da sutil tentativa de conversão “do homem pela palavra de Deus”, para propagar estereótipos, bem como essa associação sincretica do Orixá da Comunicação Exu, com o Diabo. Chamar os Orixás a incorporação e depois desqualificá-los, sob o pretexto de mostrar a força de Deus, nada mais é que uma estratégia para arregimentar fiéis das religiões concorrentes, bem como tentar hegemônizar um grupo religioso específico.

A IURD constrói o centro de seus discursos se colocando como a única e verdadeira religião, traçando a ideia para o imaginário coletivo de que, ou você tem Deus, através do Batismo no Espírito Santo, ou você tem o Diabo, constituindo a máxima de que ela própria é a representante de Deus na Terra, contrariando o pensamento de Durkheim (1989) de que todas as religiões são verdadeiras, e que a sua função social não é a de nos fazer pensar, mas nos fazer agir e nos auxiliar a viver. De modo geral, a religião representa sistemas simbólicos que exteriorizam a subjetividade do homem dimensionando as suas experiências e expectativas a prática da fé. Essa experiência de fé os movimenta, ajudando a construir um ideário de mundo perfeito. Nessas circunstâncias, a gênese discursiva pressiona o fiel a tomar uma decisão.

(...) Define-se o "interdiscurso"(Pechêux, 1975) como o conjunto, o todo, à dominante, das formações discursivas. O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pechêux nos indica que sempre há um discurso, ou seja, o que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciativo. Ele sempre apresenta como série de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso. (ORLANDI 2003, p. 88)

Necessita-se, para tanto, compreender que o indivíduo participa de um processo sociocultural, em que o contexto que ele se encontra o tendência a articular as narrativas de modo que atenda as expectativas do pastor. Este no afã de demonstrar a sua capacidade através do nome de Jesus de guerrear e ser vitorioso contra todos os demônios, conduz o momento como se estivesse numa arena, onde cada passo dado tem que ser certo rumo a vitória. Nas palavras, nos dizeres estão de forma implícita o pensamento (a ideologia) da Igreja Universal do Reino de Deus, que de forma sorrateira vai se entranhando na mente do telespectador, as divindades de religiões de matriz africana passam a ser o demônio, entre um culto e outro, o Deus bem feitor é o Deus Cristão, enquanto o Deus malfeitor, o Diabo será sempre as divindades de raiz africana. Veremos a seguir no culto do dia 07 de novembro de 2018.

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Tá bom, então fica de pé.*

(Nesse momento ambos ficam de pé e o bispo impõe sua mão sobre a nuca de Vânia para iniciar a oração).

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Chega pra cá, fecha os olhos (segura o corpo dela).*

(Nesse momento, a obreira Vânia incorpora uma entidade que começa uma sequência de gemido, começa a girar de cócoras, coloca as mãos para trás e as unhas em forma de garras).

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Você é chefe, quem é você?*

**Obreira Vânia:** *Exu do Tempo hahahahahahahahahahahahaha  
(gargalhadas)*

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Levanta a cabeça, bota a mão pra trás, como Exu do Tempo, como, como é que você age?*

**Obreira Vânia:** *Eu sugeri pra ela o pecado e ela pecou, sugeri pra ela o roubo e ela não quis, mais aí eu observei e levei a dúvida, eu comecei ver que ela aceitava, aí eu fui devagar, trabalhando no tempo, até que eu consegui pegar ela, eu não tenho pressa, como eu tô agindo na vida dela, sem pressa, só esperando o momento, de pegar ela.*

Nesse contexto, a intenção que figurava o interdiscurso, saltou para a base da performance neopentecostal e em vias nacionais e internacionais através do programa de televisão, para ancorar o desejo do pastor de uma “confissão” por parte da entidade, do mal ou dos males que ela havia feito na vida da obreira. Se no imaginário coletivo, havia alguma dúvida sobre a participação da entidade na vida das pessoas, como agente do mal, a fala de Exu do Tempo, durante a incorporação na obreira Vânia deixa explícito essa ideia.

Portanto, a questão nesse momento é lembrar, que a divindade Exu está sincretizado com o Diabo cristão e que esse mal assimilado no ideário cristão é enfatizado a todo momento no exorcismo, só existente nesse contexto, porque Exu a divindade afro-brasileira, tem uma essência semelhante ao humano e nas suas bases, seu culto é direcionando aos caminhos, a comunicação e da fertilidade, nos permitindo o uso de uma compreensão de que a assimilação proposital do Diabo a Divindade Exu ocorreu durante a tentativa de excluir a fé alheia, bem como marcar o seu culto por traços de estereotípias, porque se não conseguiram destruir para sempre do imaginário popular o poder daquela divindade, a distorção da sua imagem real serviu como estratégia para afastar novos adeptos.

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., "não existe em si mesmo", (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderemos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões e proposições e etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que há empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as posições ideológicas, nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, de formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estudo da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição ou de um programa, etc.). (PECHEUX, 1995. p. 160)

Exu das Almas, Leviatã, Exu das Almas Preciosas, Pomba Gira, O guardião do Inferno, Exu tradição são alguns dos nomes utilizados no momento da seção do exorcismo

neopentecostal, assimilando intencionalmente a divindade ao Diabo Cristão. No programa do dia 29 de outubro de 2018, podemos perceber mais uma vez essa associação (quase que sincrética) do Orixá com o Diabo Cristão.

**Bispo Ronaldo:**- *O que é que você diria pra esse obreiro que agora nesse momento tá te assistindo e ele tá quase caindo ou já está caindo em pecado?*

**Obreiro Carlos:**-*Pedi ajuda, eu fui orgulhoso eu não pedi ajuda, talvez se eu pedisse ajuda hoje eu teria evitado, eu falei eu não preciso pedir ajuda, eu tô bem, eu sei que eu vou pra igreja hoje, eu tô bem, só que dentro mesmo a consciência não tá bem.*

**Bispo Ronaldo:**- *Você crer que Jesus pode fazer esse resgate hoje, você quer receber esse resgate, fecha os seus olhos, pode soltar os seus braços...*

(Nesse momento Carlos se levanta e o Bispo Ronaldo impõe as mãos sobre a sua cabeça)

**Bispo Ronaldo:**-*O espírito do resgate, o espírito de Deus, chega até a alma dele, mesmo o demônio que usou de estratégia pra tirar ele da presença de Deus, vai chegar aqui agora amarrado.*

(Nesse momento Carlos se “manifesta”, entra em transe com as mãos para trás, os dedos em forma de gancho)

**Bispo Ronaldo:**-*Vem aqui põe o corpo dele de joelho, quem é você?*

**Obreiro Carlos:**- *Eu sou Leviatã.*

**Bispo Ronaldo:** *Você é o chefe, o mais forte, se você não for o chefe deixe vim o chefe, se tiver um mais forte, tu vai apanhar feio dele, presta atenção, você é o mais forte aí?*

**Obreiro Carlos:**- *Não!*

**Bispo Ronaldo:**-*Então fica amarrado aí e vem o mais forte, quem é você?*

**Obreiro Carlos:**- *Exu das almas, eu sou o chefe!*

**Bispo Ronaldo:**-*Presta atenção, sem muitas conversas, você vai pegar as duas mãos dele, vai passar aqui na cabeça dele, presta atenção e sem bagunça, hein tu vai amarrar todos esses pensamentos de morte, o desejo de drogas, desejo de prostituição, se ele tem algum pensamento, você amarra ele exatamente, amarra todos os desejos, vamos lá amarra tudo, com as duas mãos, vamos lá, amarra em você aí, vamo lá, pode tirar tudo, não pare enquanto não limpar tudo, cabeça dele você não vai mais dominar acabou o teu domínio na cabeça dele, amarra todo tudo em você, arranca tudo, sem bagunça, vamo lá, sem bagunça, vamo lá, arranca tudo, é tudo, ele vai sair daqui livre hoje, totalmente livre.*

**Obreiros Carlos:**-*Eu sou Exu das Almas!!! hahhahahahaha (gritos)*

**Bispo Ronaldo:**-*Em nome do Senhor Jesus isso aqui ficou pra trás, vem aqui tira tudo, tira tudo, sem bagunça, vamo lá tira tudo, arranca tudo o que é pensamento,*

*limpa tudo, limpa rápido vamo lá, você botou, você vai tirar, tira tudo, vamo lá, arranca tudo, tira todos os pensamentos tirou tudo diabo, tirou tudo?*

**Obreiro Carlos:**-Tirei!

**Bispo Ronaldo:**-*Tem alguma coisa presa aqui, tem alguma coisa presa aqui então ranca o resto, vamos lá rapaz, vamos em nome do Senhor Jesus, sem bagunça arranca tudo, agora passa a mão nos olhos dele e arranca as vendas, passa a mão na boca que não deixa ele orar na presença de Deus, vamo lá arranca tudo, arranca essa mordaca, arranca essas algemas que está nos braços dele, arranca aos algemas dos braços dele, arranca isso agora, os pés tira as correntes, agora passa a mão no coração, tira as dúvidas, agora arranca as mágoas, as tristezas, o medo, arranca tudo isso, arrancou, o coração dele tá aqui é testemunha, se ainda tiver alguma coisa aí tu vai ser queimado hein diabo, arranca o resto hein, presta atenção obreiro, presta atenção aqui, esse rapaz aqui um dia estava de pé expulsando demônios e hoje os demônios, ainda bem que ele está tendo essa oportunidade e hoje os demônios estão na vida dele, mais a partir de agora ele vai ficar livre, mais cuidado, pra você não correr o risco, o mesmo risco que ele correu de estar nessa situação, agora presta atenção você tá aí bem, achando que está bem e tem essa sensação de bem estar e você não se apegar muito com Deus, não adianta e o resultado é esse; Traz todos os demônios que estão na vida dele, traz todos amarrados, um por um, eu quero todos, ele não veio aqui pra receber uma oração, ele veio aqui pra ser livre, pra ser resgatado, presta atenção, simplesmente o sangue de Jesus foi dado, o sangue de Jesus pagou alma dele, tão tudo aí, agora perdeu o valor, tão tudo aí, volta aqui, agora vamos, levanta o corpo dele, sem palhaçada, manda anjos para começar a açoitar, açoita ele, traz amarrado, traz isso, fogo, fogo, fogo, presta atenção, agora bota tudo pra fora, as duas mãos estende na mesa do altar, agora estende, as duas mãos e solta a alma dele.*

(Nesse momento Carlos, volta do transe)

**Bispo Ronaldo:**- *Presta atenção Carlos, quero saber como é que você tá?*

**Obreiro Carlos:**- *Há, bispo, eu deixei o peso nas costas, minha mente tá limpa, o coração, parece que eu nasci de novo.*

**Bispo Ronaldo:**- *Tá leve mesmo rapaz?*

**Obreiro Carlos:**- *Tá leve, leve!*

**Bispo Ronaldo:** - *Eu pedi quer dizer, pro diabo agente não pede, eu dei uma ordem pro diabo, estender as mãos pra te levantar e devolver a alma, quando ele devoveu ele foi embora e você agora tá livre, presta atenção, você vai se batizar de novo, hoje ainda, ou amanhã no máximo, o mais rápido que você puder, você pega a bíblia e vai meditar na palavra de Deus, como todo dia você come, você almoça, de repente janta né assim, você vai fazer a mesma coisa com a bíblia sagrada, todo santo dia, você vai pegar a bíblia gostando ou não, você já tem essa experiência, você disse que quando tava bem, você mesmo cansado você fazia isso, vai fazer de novo e todo santo dia você escolhe um momento de você ficar sozinho você e Deus, você na sala, no quarto, de portas trancadas e mantém a tua comunhão com Deus, se você fizer isso e não faltar na reunião de quarta, domingo e na sexta-feira eu não te dou um mês pra você voltar aqui pra tá contando um testemunho grande, cê quer fazer isso?*

**Obreiro Carlos:**-*Sim Senhor!!!*

**Bispo Ronaldo:**-*Então cara pega firme com Deus, Deus é contigo você vai arrebenar, a partir de hoje o Espírito Santo tá no controle, de tudo esse mal*

*acabou, se você fizer tudo o que eu tô te mandando fazer esses demônios, esses do mal vão embora e não vão voltar nunca mais, eles podem até tentar mais não vai mais encontrar espaço em você, amém?*

Vagner Gonçalves da Silva (2005) afirma que baseado num episódio bíblico, descrito no Ato dos Apóstolos 2, em que o Espírito Santo se revelou entre os cristãos no dia de Pentecostes (quingüagésimo dia depois da Páscoa) por meio das línguas de fogo, o pentecostalismo prega a presença “concreta” de Deus no mundo e sua comunicação efetiva com os homens por meio do Espírito Santo e de seus dons, entre os quais o de falar em línguas (glossolalia) e o de curar. As línguas de fogo, observadas na autoridade do pastor representam o poder do Espírito Santo e a própria voz de Deus falando através da veemência com que o pastor pronuncia a seguinte frase:

a partir de hoje o Espírito Santo tá no controle, de tudo esse mal acabou, se você fizer tudo o que eu tô te mandando fazer esses demônios, esses do mal vão embora e não vão voltar nunca mais, eles podem até tentar mais não vai mais encontrar espaço em você. (Bispo Ronaldo, 2018)

Aragão (2002) corrobora com o entendimento de que a Análise de Discurso (AD), acentua seu caráter transdisciplinar ao passo que se nosso interesse circunda as complexas relações que se estabelecem entre texto e contexto, os jogos de poder que emergem nessas relações e as posições ocupadas pelos atores nos jogos de linguagem. Já Mariano (2014) aduz que,

Diante de qualquer indicio como um tremor no corpo, lágrimas, desconforto físico, mal-estar, o obreiro avança sobre o fiel, segura a nuca, impõe uma das mãos sobre sua cabeça, muitas vezes girando-a freneticamente para os lados e para trás (tirando-lhe o equilíbrio, o que, ao lado da privação do sentido da visão contribui para a possessão), e esbraveja ao pé de seu ouvido para que o demônio se manifeste. Boa parte dos virtuais possessos não se rende a esse apelo. Os que entram em transe podem ser libertos tanto em seus lugares de assento quanto depois de levados e exibidos à frente da congregação. Os casos de possessão mais remitentes, cuja libertação exige mais tempo e maior esforço físico dos na “luta corporal” com os possessos, ora são encaminhados ao púlpito, ora para aposentos privados do templo. Esta saída menos satisfatória; ocorre quando os incessantes gritos histéricos do possesso e a tenaz resistência do “demônio” em desmontar de seu cavalo atrapalham o culto e colocam momentaneamente em xeque a eficácia do ritual exorcista. Quando o possesso é levado ao púlpito, é amarrado para que não machuque, nem prejudique mais o seu cavalo, a estrutura do ritual exorcista que se estabelece com os deuses e espíritos inimigos geralmente apresenta enredo fixo (MARIANO 2014 p. 131).

No momento do transe é comum as pessoas empunharem as mãos para trás em formato de gancho, rastejarem pelo chão, além de proferirem gritos e xingamentos aos pastores, é como se uma figura mitológica compusesse a cena. No caso dos dedos das mãos em formato de gancho, remete a uma das representações do demônio, medieval, composto por mãos grandes e unhas bastante afiadas, configurando as “garras”. O pastor ordena, geralmente que o sangue de Jesus, queime o mal, que o sangue de Jesus leve o mal. Justino (1995 p. 41) apud Mariano

(2014 p. 131) relata que os pastores da Universal, para provar seu poder sobre os demônios, faziam com que as pessoas em [trance] andassem de joelhos ao redor da igreja, ou batessem a cabeça nos nossos pés, ou latissem ou ainda que imitassem galinhas, porcos e outros animais.

**Bispo Sérgio Corrêa:** *Amarra todos os demônios, abra as asas e amarra, o que está na vida dela, dos filhos e amarra tudo em você, amarra tudo em você, tudo em você.*

Nessa perspectiva, o corpo é dominado, disciplinado, numa performance complexa, que relega a um a condição de dominado e ao outro a condição de dominador vitorioso. O imaginário coletivo enche-se de certezas quando o pastor fala, “abre as asas”, asas de um animal carrancudo que voa, que ataca, que ilude as pessoas, asas do inimigo, do nocivo, asas desenhadas em outros tempos, tempos em que o diabo era um grande dragão, como nas narrativas bíblicas. Apesar de bem-postas, as estratégias discursivas demonstram como existe uma espécie de confusão, no momento da associação do Diabo, o grande dragão aos Orixás.

(...) As estratégias discursivas dos diferentes atores, e em especial os efeitos retóricos que tem em vista produzir uma fachada de objetividade dependerão das relações de força simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes participantes ou, por outras palavras dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nesta situação particular de luta simbólica pelo veredicto "neutro" lhes são garantidos pela posição nos sistemas de relações invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos em que eles participam (BOURDIEU, 1989, p.40).

Nesse sentido, observamos que a maioria das participantes são mulheres, ex-obreiras, que estão debilitadas moralmente e apresentam problemas de saúde, quando relatam, sofrer de insônia, dores de cabeça e de estômago, ver vultos, ouvir vozes. Em suma, são pessoas com problemas físicos e psíquicos que buscam um consolo na religião, enquanto a IURD se aproveita dessa condição das pessoas para inserir nas suas mentes a ideia de que existe um inimigo potencial que age sobre suas vidas e que de maneira simbólica lhes conduz a caminhos que não seriam escolhidos, se não fosse por esse impulso conferido pelo Diabo. Conforme Silva (2005) a constante tentativa do demônio de se apoderar desse corpo visa a destruir esta que é a principal obra do criador: o homem na sua dupla condição, corpo e alma. No relato a seguir, do programa dia 25 de setembro de 2018, podemos perceber uma obreira que relata as práticas e vícios adquiridos durante o tempo que ela havia se afastado da vida religiosa, e que formam inspiração demoníaca. No momento da entrevista, ela afirma o seguinte:

*Da prostituição, fiquei viciada, na primeira vez que eu me viciiei na prostituição, aí eu achava que sair só com um homem só não era suficiente, eu queria mim vingar, eu tinha que fazer alguma coisa pelo fato de eu ter aceitado a tristeza no coração e não ter pedido ajuda. Eu falei então já que já tô mal, vou ficar mais mal ainda, já que já deu tudo errado pra mim, vou ficar, vou fazer ficar tudo*

*errado. Aí comecei, primeira vez na prostituição foi boa, a segunda foi maravilhosa, a terceira eu, começaram a querer me dá dinheiro, eu falava que não, mas aí depois eu passei a fazer as coisas erradas, eu passei a roubar as pessoas que saiam comigo entendeu então, meu vício foi fumar, fumava maconha junto com as pessoas que saiam comigo, já cheirei, mais o meu vício mais era a prostituição que fazia sair todos os dias pra me prostituir, eu tinha que sair, era um vício, se eu não fosse um dia, e era tipo, eu ia hoje ficava até três da tarde, ia pra casa tomar um banho queria de novo, voltava de novo, era um vício literalmente. (Márcia, 2018)*

O discurso é desenhado numa sequência que direciona o telespectador, entre cruzamentos de pensamentos, repetições intencionais, gritos enfáticos, para a construção de uma espécie de memória coletiva, e é esta memória que capta as ramificações ideológicas construídas ao longo desse “jogo”. Maingueneau (2013) deixa explícito que todo discurso é orientado, isto porque anterior ao locutor, existe um contexto, existe uma ideologia por trás da situação forjada. Ainda que de maneira inconsciente, nas entrelinhas o Bispo posiciona-se, e é esse posicionamento que transborda a rotina do programa, é essa personificação de grande condutor de verdades, de grande conhecedor não somente do texto bíblico, bem como do que está para além do que os olhos podem ver.

Entre performances e representações, o discurso transborda sobre o outro, tudo que lhe apraz, como se através de pequenos recortes e nuances alcançasse seu objetivo final. Ao acreditar que está se comunicando com o demônio, e que tem poder sobre ele, o Bispo começa uma sequência de ordens, cuja intenção é explicitar o quanto Deus lhe deu poder para atuar contra eles. Numa fala comum, nos momentos de Resgate, o Bispo dispõe toda sua autoridade, concedida por Jesus Cristo, para expulsar o causador de todos os males terrenos. Nessas circunstâncias, Zumthor (2005), salienta que a performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido. Conforme Ricardo Mariano (2014), primeiro o pastor entrevista o demônio para identificar o seu “nome”, invariavelmente uma entidade dos cultos afro-brasileiros. Segundo, pergunta como ele se apossou daquela pessoa. Terceiro, procura descobrir os males e sofrimentos que ele está provocando na vida (familiar, financeira...) da vítima. No quarto e derradeiro passo, o ritual perde caráter de talk show com o demônio. Depois de humilhá-lo, o pastor expulsa-o em nome e para a glória de Cristo.

Deste modo, observamos que o programa Obreiros em Foco é uma maneira de reconectar os “desviados”, pessoas em sua maioria do sexo feminino que por diversas razões se afastaram da Igreja Universal, bem como da função de obreiros, e que para voltar a convivência e ter uma espécie de perdão da comunidade evangélica, passam por entrevistas durante o referido

programa de televisão, onde narram as suas experiências “traumáticas” após afastarem-se dos afazeres religiosos e posteriormente passam por um momento de “Resgate”, onde os pastores iniciam uma ritual de exorcismo, cuja finalidade é identificar quem é, ou quem são os espíritos, ou entidades causadoras dos males na vida das pessoas.

No momento do “Resgate”, quando os convidados se levantam e o pastor impõe as mãos sob a cabeça do convidado (a), em questão de segundos após fecharem os olhos, começa uma espécie de entrevista, com seres que são identificados, humilhados e depois expulsados do “corpo” dos obreiros, que serão batizados posteriormente no Espírito Santo e voltam ao convívio na igreja. No momento do “Resgate”, a primeira pergunta que o pastor faz é: Quem é o chefe? O chefe ao qual eles estão buscando, é o anjo decaído<sup>46</sup>, que veio “pra matar, roubar e destruir”, citado em narrativas bíblicas. O texto bíblico fala de um anjo, que fora interpretado como o Diabo, o arque inimigo de Deus. Nesse contexto, o Bispo Adelson diz no programa do dia 25 de setembro de 2018:

*“Agora amarre em você aí tudo o que você está colocando nela, o desejo de prostituição, vamo lá, amarre em você agora o desejo de prostituição amarra, vamo lá, amarra em você os pensamentos ruins que você está colocando nela, você falou que domina a mente dela, vamos lá, passe a mão na cabeça dela, tira todos os pensamentos ruins, tira tudo, tudo, vamo lá, vai tirando, vai tirando vai tirando”* (Bispo Adelson, 2018).

Para Magalhães (2012) o Diabo é a causa necessária do Deus Cristão, Deus tem necessidade ontológica do Diabo. Conforme (Fonseca 2002 apud Nogueira 2002 p. 8) Enquanto espírito o demônio não possui aspecto corpóreo, sendo o homem submergido na cultura, e mentalidade próprias de cada época, quem o pinta com estas ou aquelas cores. Ou seja, o demônio em si está além da História, a sua representação, pelo discurso, pela afetividade e pela iconografia é sempre produto da História. Para Pêcheux (1988) apud Aragão (2002) existe no discurso duas formas de esquecimento, a primeira seria o esquecimento número, ou ideológico, enquanto a segunda forma seria o esquecimento forjado no momento da enunciação. Considerando a dicotomia existente nesse plano entre o bem e o mal e que o sacrifício pleno de um desses lados (o do Cordeiro de Deus) já tenha ocorrido para a salvação dos homens, nas sessões neopentecostais sacrifica-se continuamente o demônio (na condição animalesca que assumem os transes de exus e pomba-giras) como forma de se garantir a comunicação com o sagrado (Silva, 2005).

---

<sup>46</sup> Segundo Nogueira (2002 p. 15) apud L. Fevre (1975, p. 25) afirma que no Antigo Testamento não dá uma notícia clara sobre a queda do anjo.

No esquecimento ideológico podemos observar como o outro é forjado através do discurso demonizador da Igreja Universal, no caso das religiões afro brasileiras, esquecimento este intencional, que corrobora de todas as formas possíveis para construir um percurso não somente de negação, como também um sentimento coletivo de repulsa, direcionado para a exclusão do outro.

Num segundo momento, no esquecimento de enunciação, as entidades afro-brasileiras, são descritas como as causadoras de todos os males terrenos, quer dizer, enquanto a ideologia nega quaisquer aspectos positivos, o discurso enunciador personifica tais entidades na própria figura do demônio. Notoriamente existe uma relação sincrética entre as entidades de religiões de matriz africana com o Diabo, que só existe no cristianismo e seus dissidentes. O anjo decaído, que veio para “destruir” a vida das pessoas, ao colocar os braços para trás, torcer os dedos em forma de garras, que mais parece com uma figura mitológica da idade média, mas que se identifica como Exu das Almas?

Ainda que consideremos as diferenças entre o transe do Espírito Santo e o das divindades afro-brasileiras (ou mesmo as diferenças entre transe e possessão (10)), o fato é que essa experiência extática, sobretudo entre as camadas populares, preferenciais na adesão ao pentecostalismo, põe os conteúdos desses sistemas em trânsito permanente, na medida em que abre as portas para um conjunto de “experiências místicas” correlatas às do transe. No neopentecostalismo, como acontece principalmente na Iurd, isso é mais evidente pelo lugar central que o transe das divindades da umbanda (exus e pombagiras) assumiu na cosmogonia do culto, inclusive em detrimento do transe do próprio Espírito Santo, já não mais enfatizado como em sua origem (Mariano, 1999, p. 129 apud SILVA, p. 155, 2005).

O relato da Obreira Vanessa durante o programa 30 de outubro de 2018, deixa explícito como o discurso é construído de modo que ao crente fica muito difícil dissociar a divindade Exu do Diabo Cristão.

(Nesse momento Vanessa dá um pulo, começa a gritar alto num estado de transe).

**Bispo Ronaldo:**-*Coloca a mão prá trás, mão pra trás, de joelhos, quem é você, quem é você?*

**Obreira Vanessa:**-*Exu das Almas Preciosas.*

**Bispo Ronaldo:**-*Você é o chefe aí, quem é o chefe?*

**Obreira Vanessa:**-*O guardião.*

**Bispo Ronaldo:**-*Então você vai ficar bem amarradinho aí e dá passagem pra ele, um bora, dá passagem pra ele, o chefe eu quero o mais valente, o que se sente dono da cabeça dela, e o que comanda todos vocês aí vamo lá e sem palhaçada, isso o chefe, manifesta isso, isso, quem é você?*

**Obreira Vanessa:**-*O guardião do Inferno.*

**Bispo Ronaldo:** -*Você é que se sente dono da cabeça dela, você é forte?*

**Obreira Vanessa:**-*É, sou.*

**Bispo Ronaldo:**- *Então faz o seguinte a primeira coisa, abra as asas e traz todos os demônios que estão contigo aí, no corpo dela vamo lá, mais junta tudo aí, amarra tudo em vocês, eu quero todos aqui, todos que estão nos caminhos, na casa, na família dela, onde tiver agindo, amarra todos com você, amarra todos os demônios vamos lá todos, todos, todos, isso traz todos aqui amarrados, olha esse vazio que tá no corpo dela aí, olha esse vazio, o buraco que tá aí, arranca, essa tristeza, tira essa angústia, essa mágoa, o ódio, tira tudo, tira tudo do coração dela, tira tudo, isso, arranque isso do peito, isso, tira tudo, tira tudo, agora as doenças, presta atenção diabo, todas essas doenças que ela vomita sangue, ela escarra sangue, essa insônia que ela não consegue dormir, essas doenças que os médicos não descobrem a causa, agora passa a mão no corpo dela aí e arranca tudo com você e pega de volta o que é teu, agora vai pro inferno, vai pro inferno agora, arranca tudo, não vai embora não, volta o chefe aqui amarrado, volta o chefe amarrado já, vamos, isso, põe tudo pra fora, isso, diabo, olha só tá aqui ó é a libertação que o Espírito Santo tá fazendo pra você vê obreiro, como a coisa é séria, essa moça aqui um dia estava colocando a mão na cabeça das pessoas, trazendo pro altar da igreja, mais não cuidou da vida espiritual dela, mais deixou de ler a bíblia, deixou de ir buscar, deixou de jejuar, isso que está fazendo aqui tá de costas e foi até um nome diferente da pessoa, é pra mostrar a realidade que o diabo quer levar sua vida, mais graças a Deus, tá recebendo a libertação, olha aqui ó, olha só inclusive, eu não duvido que alguém tava trabalho contra ela.*

**Obreira Vanessa:**-*Todo dia ela fez trabalho com o nome dela, ela vai sentir as consequências a mãe é o nosso cavalo, vai na igreja e trabalha pra ela, a mãe!!!*

**Bispo Ronaldo:**-*Agora chega diabo, cabou, cabou teu reinado, agora já trouxe todo mundo pra cá, que te pertence, leva tudo com eles, já tirou todas as doenças, já botou em você que te pertence, já amarrou o buraco, agora receba fogo, fogo, fogo, receba fogo, fogo, fogo, queima, queima, queima, queima, receba fogo, fogo, fogo madito, agora junta as mãos presta atenção, eu vou te mandar pro inferno, na autoridade que Deus me deu, eu vou te mandar pro inferno, pega as troxas, junta tudo, se você tentar deixar alguma coisa, o fogo vai aumentar, se ficar alguma coisa aí vou botar fogo mais ainda, a barriga crescendo, ela está com medo, ela fede, põe a mão na barriga dela, põe a tua mão na barriga dela, arranca aí contigo, arranca aí contigo!*

**Obreira Vanessa:**-*Tá dentro do banheiro da mãe dela!*

**Bispo Ronaldo:**- *Arranca...*

**Obreira Vanessa:**- *É por isso que ela tá se manifestando.*

**Bispo Ronaldo:**- *Arranca, o demônio tá na casa da mãe dela, vem aqui amarrado também segura o corpo dela, fica de joelhos, de joelhos, de joelhos, o demônio, que tá na mãe dela chega aqui agora amarrado, isso, isso, isso.*

**Obreira Vanessa:** (*Grita desesperadamente e abre os braços*) *Eu quero a alma dela, a mãe dela é minha.*

**Bispo Ronaldo:**-*Agora presta atenção Espírito Santo, manda o anjo aonde tá a mãe dela, que a mãe dela, vai se converter, agora, junta as trouxas desgraçado,*

*toda macumba tá desfeita, todo trabalho tá desfeito, eu desfaço no nome de Jesus, todo o trabalho e agora, fica amarrado aí, o que é que inda tem aí?*

**Obreira Vanessa:**-*O desespero!*

**Bispo Ronaldo:**-*Então é o seguinte, todo o desespero que tá na alma, todos os sentimentos que ela diz que ela é sentimental, todo esse sentimento vai pros quintos dos infernos agora, todo, receba fogo do inferno, do espírito santo, fogo, fogo, vai embora desgraçado, junta as trouxas, em nome do meu Deus, vou te escoltar pro inferno e vou te amarrar lá no tronco do diabo no inferno, pra nunca mais voltar, em nome de Jesus, saí, amém.*

(Nesse momento a obreira Vanessa fica no chão, aparentemente desacordada enquanto o Bispo continua a oração).

**Bispo Ronaldo:**- *Que o Espírito Santo faça um incêndio dentro dela, um incêndio, em nome de Jesus, a tontura em nome de Jesus saí agora, levante sozinha, eu vou soprar de novo, que Deus transforme o fogo em nome de Jesus e agora fica de costas segura aqui, é o teu microfone que caiu, você vai falar aqui, quero saber como é que tá você vai falar aqui.*

**Obreira Vanessa:**- *Eu tô melhor.*

**Bispo Ronaldo:**-*Tá cansada?*

**Obreira Vanessa:**-*Eu tô.*

**Bispo Ronaldo:**-*Esse cansaço é normal, Espírito Santo que esse vento seja pra trazer a paz e qualquer sombra do inferno que ele tiver, não resista em nome de Jesus. Agora eu quero saber como é que tá mesmo?*

**Obreira Vanessa:**-*Saiu.*

Nessas circunstâncias, citarei alguns nomes que o Diabo possui no texto bíblico, para que se faça notório a gênese desses ataques as religiões de matriz africana e a alcunha negativa que lhes é imposta por essa associação sincrética: Satanás- significa acusador (Jó 1:6); Destruidor- que em hebraico é Abadom e em grego é Apoliom (Apocalipse 9:11); Belial- significa imprestável (2 Coríntios 6:15). Em (Isaias 14: 12-14) está descrita a história de Lúcifer, que significa estrela da manhã e é um dos principais nomes que o Diabo possui.

"Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada! Como foi atirado à terra, você, que derrubava as nações! Você que dizia no seu coração: 'Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia, no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo.'" (Isaias 14:12-14).

Nesse contexto, está mais do que explícito, está provado que Exu, não é o Diabo, bem como nenhuma divindade do panteão africano e afro-brasileiro, ainda que assimilados de maneira intencional, o Diabo só existe no cristianismo e religiões dissidentes, sendo assim, faz-

se mister dizer que Exu, é uma divindade que nas religiões afros é considerado o Oxirás dos caminhos, que fica nas encruzilhadas, levando as mensagens dos Orixas até o Orum (céu), onde Obatalá e Olorum vivem.

Exu, foi sincretizado com o demônio porque na pujança de sua fertilidade, o colonizador quando fora explorar o continente africano, encontrou-se com uma figura, um “Deus”, cujo principal símbolo de força era justamente o falo, o pênis. Os cristãos então não concebiam uma cultura tão diferente da sua, visto que se consideravam os civilizados, além disso mantinham o corpo como algo relacionado a pureza, que jamais deveria ser adorado, existia um pudor característico daqueles povos. Os colonizadores então, construíram um discurso, colocando os povos africanos como povos sem alma, povos pecadores.

Laroye Exu, Mojubá, assim saudava-se ao orixá masculino que também era responsável pela fertilidade, é um grande jornalista que comunica, que leva os pedidos e notícias do Aiê (Terra), para o Orum (Céu). Exu também é o orixá, que segundo Prandi (2000) mas se aproxima da condição humana, em sua diversidade. Ele, em suas idiossincrasias conquistou uma posição de destaque, visto que Exu dança, canta, bebe, fuma, deixando florescer em sua essência a mensagem de um velho maiongueiro<sup>47</sup> que resistiu a precipitação de qualquer conclusão. Bomba-Gira, é um Exu feminino, que também traz a fertilidade em sua essência, alegre qualquer salão que chegar, seduz, namora, é vista em algumas tradições como uma mulher libertária, que está à frente de um sistema machista, é ela quem escolhe os parceiros, quem tem as controle da situação.

A construção da *demonolatria* no imaginário Cristão Nogueira (2002), concerne o Demônio como figura que representa oposição fundamental, dialeticamente relacionada com o ethos dominante ao qual se opõe virtualmente, frequentemente como força de rebeldia. De acordo com Munanga (2009 p. 15):

(...) a explicação de ordem religiosa para a pigmentação da pele do povo negro, era nascida do mito camítico entre os hebraicos. Segundo ele, os negros são descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por lhe ter desrespeitado quando o encontrou numa postura indecente. Na simbologia das cores da civilização europeia, a cor preta representava a mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e a pureza. Nesta ordem das ideias, a igreja católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba e o Diabo um moleque preto de chifrinhos e rabinhos (MUNANGA, 2009, p. 15).

---

<sup>47</sup> Refere-se a uma linhagem de pretos-velhos que além de ter uma sabedoria sobrecomum, utilizam o corpo como principal instrumento de comunicação durante o transe (nas religiões mediúnicas).

O autor considera ainda que a análise da teoria racista revela três elementos importantes já presentes no discurso pseudocientífico justificador que acabamos de ver: “descobrir e pôr em evidência as diferenças entre colonizador e colonizado, valorizá-las em proveito do primeiro e em detrimento do último e levá-las ao absoluto, afirmando que são definitivas” (MUNANGA, 2009). Sobre isso, o autor corrobora com a ideia de que uma mitologia satânica fora construída nas entranhas do Cristianismo, implicando ainda no reconhecimento de um “Inimigo”, que estaria entre o rebanho para corromper os fiéis. A tradição hebraica, base constitui a base fundadora do Cristianismo, “pois todos os Deuses das outras nações são demônios<sup>48</sup>, mas o Senhor é o criador dos céus” (Salmos, 9:5).

glória deles. E lhe disse: “Eu lhe darei tudo isto se você se prostrar e me fizer um ato de adoração.” Jesus lhe disse então: “Vá embora, Satanás! Pois está escrito: ‘Adore a Jeová, seu Deus, e preste serviço sagrado apenas a ele.’”  
Tiago 4:7: “Sujeitai-vos, pois, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós.”

Os ataques aos religiosos afro-brasileiros<sup>49</sup> e aos que não comungam do Cristianismo são amparados em leituras do texto bíblicos literais, quando o texto de Edésios diz: Vistam a armadura (...) pois temos uma luta contra as forças espirituais malignas nos lugares celestiais”, fica explícita uma ordem para o início de uma luta, de uma guerra, de uma batalha espiritual. Nesses termos, o referido texto enfatiza o ambiente de guerra contra outros grupos religiosos, grupos que também tem a sua força reconhecida, entretanto é uma força sempre assimilado ao

---

<sup>48</sup> Efésios (6:11, 12): “Vistam a armadura completa de Deus, para que possam se manter firmes contra as artimanhas do Diabo; <sup>12</sup> pois temos uma luta, não contra sangue e carne, mas contra os governos, contra as autoridades, contra os governantes mundiais desta escuridão, contra as forças espirituais malignas nos lugares celestiais; Lucas 4:35-36: “Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai dele. E o demônio, tendo-o lançado por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal algum. <sup>36</sup>E veio espanto sobre todos, e falavam entre si, perguntando uns aos outros: Que palavra é esta, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos imundos, e eles saem?”; Marcos 1:27: “E todos se maravilharam a ponto de perguntarem entre si, dizendo: Que é isto? Uma nova doutrina com autoridade! Pois ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!”; Apocalipse 12:9: “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele”; Tessalonicenses 2:9, 10 Mas a presença daquele que viola a lei se deve à atuação de Satanás, a com toda obra poderosa, com sinais e milagres mentirosos e com todo engano injusto para os que estão a caminho da destruição, em retribuição por não terem aceitado o amor à verdade para que fossem salvos; 2 Coríntios 4:4 entre os quais o deus deste mundo cegou a mente dos descrentes, para que não brilhe sobre eles a luz das gloriosas boas novas a respeito do Cristo, que é a imagem de Deus; Mateus 4:8-10 A seguir, o Diabo o levou a uma montanha extraordinariamente alta e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a Glória deles. E lhe disse: “ Eu darei tudo isto se você se prostrar e mim fizer um ato de adoração; Tiago 4:7: “ Sujeitai-vos, pois, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós”.

<sup>49</sup> Nas religiões afro-brasileiras, vários termos são usados para designar iniciação. Cada uma das religiões tem seus termos próprios, iniciação, feitura, feitura de santo, raspar santo, são mais usados nos terreiros de candomblé, Candomblé de Caboclo, Cabula, Omoloko, Tambor-de-mina, Xangô do Nordeste, Xambá, no Batuque usa-se o termo fazer a cabeça ou feitura. No Culto de Ifá e no Culto aos Egungun usam o termo iniciação porém os preceitos são diferentes das outras religiões.

mal pelo Cristianismo. Em Lucas diz: “Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai dele” e em Marcos diz: “ Pois ele ordena aos espiritos imundos e eles os obedecem”, quer dizer essa é a autoridade que os neopentestais afirmam ter recebido de Jesus para expulsar demonios, para exorcizar os espiritos que eles consideram malignos, Tessalonissenses afirma que: “Mas a presença daquele que viola a lei, se deve a atuação de Satanás”, a lei referida é a lei do Cristianismo, é a lei de ter Jesus Cristo como o seu único senhor e salvador, então qualquer um que por diversos motivos não pertencer a essa doutrina é um inimigo a ser exorcizado.

Coríntios afirma que: “Entre os quais Deus desses mundo, cega a mente dos descrentes”, Mateus diz: “adore a Jeova seu Deus e preste serviço sagrado apenas a ele”, enquanto Thiago afirma: Sujeitai-vos, pois a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós. Algumas palavras como: descrente, adore, apenas, sujeitai-vos, resisti, explicita uma ordem ainda que implícita sobre os caminhos que os neopentecostais devem seguir, pois a ideia de adorar, obedecer apenas a um unico Deus reforça que ao resistir aos outros Deuses, quer dizer as outras religiões que segundo o mesmo texto estariam sob inspiração do Diabo devem ser alvo do Cristão como símbolo de resistencia.

Quando o Cristão avança sobre outros religiosos sob o pretexto de evangelizá-lo é justamente nessa interpretação bíblica que ele se inspira, é o ordenamento que ele cumpre, é essa missão que ele se empenha para realizar com sucesso. Geralmente os atos de proselitismo religioso se estendem desde da apregoação nas igrejas, nas vias públicas, até a retirada de símbolos religiosos de forma violenta do corpo dos afrobrasileiros, da violação de oferendas, da pixação de muros com frases de repreensão, até agressões físicas e expulsão da comunidade religiosa dos seus tempos, bem como das suas residências. Além de demonizar Exu e todo panteão afro-brasileiro, algumas práticas como as oferendas, bem como a prática de batuque com a macumba que era um instrumento musical de percussão, foram estigmatizados pela ideologia Cristã. Para Santos (2009):

Os que partilhavam do ritual jeje-nagô na Bahia costumam identificar as encruzilhadas com a atividade de Exu, que seria o "homem" das encruzilhadas". É bastante conhecido o adágio do povo-de-santo que diz: " Nada se faz sem Exu". Exu possui diversos nomes que definem suas funções, entre eles: Elegbó, senhor das oferendas, o que estabelece a ligação entre os seres humanos e os orixás; e Exu Onã, senhor do poder e dos caminhos, aquele que abre e fecha, sendo seu lugar preferido as encruzilhadas (SANTOS, 2009, p. 166).

Nessas circunstancias, é pertinente ressaltar que Exu não é o Diabo, que o Diabo existe no Cristianismo e nas religiões dissidentes e que apesar de passar de Orixá mensageiro a Diabo durante o processo colonizador, a sua essência de divindade e o seu poder são incontestáveis. Sendo a religião algo privado, devemos ressaltar que uma cultura foi sobreposta a outra através

da violência física e simbólica, isto porque apesar da resistência do povo escravizado o discurso e a prática afirmavam que aquele povo não era digno ter a sua própria religião. Foram séculos de dominação europeia, séculos da construção dos malefícios causados no candomblé através da macumba, anos afirmando que as oferendas nas encruzilhadas eram comidas do diabo, séculos de sincretização das divindades africanas com os santos católicos, séculos de sincretização do Orixá Exu e de seus arquétipos com o Diabo Cristão.

Os evangélicos neopentecostais, aproveitaram esses séculos de estigmatização e estereotipia para transformar o exorcismo e a posterior evangelização dos religiosos de matriz africana como sua principal bandeira de luta, visto que para eles é importante provar o poder que o Deus Cristão tem sobre o Diabo. Em consequência disso, a batalha espiritual ganha não somente o âmbito das igrejas para ocupar escolas, universidades, praças, pontos de ônibus, dentre outros lugares, porque assim que o crente visualiza alguém com algum símbolo das religiões afro-brasileira, a sua primeira atitude é avançar sobre ele com panfletos e trechos do texto bíblico na tentativa de evangelizar e de exorcizar se acharem necessário.

Esse processo de aculturação forjado a priori pelo colonizador e agora é retomado com veemência pelos neopentecostais macula a própria questão da identidade, posto que na modernidade, a identidade vem sendo constantemente discutida como algo que deve ser preterido, pois ampara as liberdades individuais aferidas no texto constitucional e tem como pujança esse reconhecimento, essa identificação que só os aspectos identitários, por essência, nos permite ter.

Nesses termos, existe a eminente necessidade de se descolonizar as bases do pensamento brasileiro, no sentido de primeiro, respeitar a liberdade de existir do outro, segundo, respeitar a identidade e a cultura dos grupos religiosos e terceiro, iniciar uma cultura de paz entre as religiões. Isso porque o respeito tem que ser anterior a tolerância, pois tolerar é uma forma educada de embora não concordar com os diferentes viver entre eles, enquanto o respeito consagra a cultura da paz e ecumenismo que num país multicultural, como é o Brasil, deve ser princípio fundamental.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do presente estudo, procuramos demonstrar que a intolerância religiosa é uma das faces do racismo, e o racismo religioso no caso das religiões de matriz afro-brasileira é uma face cruel. Isto porque, desmitificar, desmascarar essa face, depende da cooperação mútua entre

agentes públicos do Estado como escolas, ministério público, igrejas e para além disso, uma consciência coletiva de que o Estado não é uma extensão da identidade dos seus representantes, o Estado brasileiro é laico, posto que não deve e nem pode em hipótese alguma representar e ou/ manter-se vinculado a nenhuma religião. Zelar pelo respeito à dignidade da pessoa humana, resguardando identidade(s), tradições em âmbito individual ou coletivo, torna-se de suma importância, visto que a pluralidade de pensamentos, de existir, é o que torna efetivamente humanos.

Um princípio utilizado muito na contemporaneidade, é o do ecumenismo, ou seja, o respeito, a cooperação entre todas as religiões, de modo que elas vivam em harmonia entre si. O Estado Laico, não significa de modo algum, Estado Ateu. A laicidade rompeu paradigmas com as conformidades coloniais, para finalmente garantir autonomia perante os alcoses da formação da sociedade brasileira. Como assegura Durkheim (1989), portanto, não há religiões falsas. Todas as religiões são verdadeiras a seu modo; todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. É preciso para tanto, como aduz Bryan R. (1995), incitar a criação de um Estado secular em que as autoridades regentes não privilegiem uma religião específica, nem tão pouco demonstre parcialidade ao tratar das religiões concorrentes, visto que o mais importante seria, nesse contexto, a garantia dos direitos de cada indivíduo.

O neopentecostalismo, chegou ao Brasil num período de intolerância, de Ditadura militar, no final da década de 1960. Chegou como um novo movimento, um movimento cujas promessas era de que havia um “Deus Vivo”, um Deus que cumpria as suas promessas físicas e espirituais aqui na terra, e cuja base do sucesso estaria justamente no capitalismo, na era do dinheiro, na prosperidade material. Não importava muito a utilização de uma exegese bíblica, ou hermenêutica, o que importava eram os testemunhos de cura e prosperidade. Direto dos Estados Unidos da América, chegou à glossolalia: o falar em línguas estranhas, que apesar de aparecer nas narrativas bíblicas no evento de pentecostes, não era prática dos pentecostais brasileiros. A terceira geração de evangélicos, revolucionou os costumes dos crentes, visto que propagaram a sua tese de modo que apesar de ter começado em pequenas igrejas, começaram a lotar estádios de futebol, começaram o trabalho pastoral através de meios de comunicação, que ao longo dos anos tornou-se o principal aliado na difusão do novo evangelho, bem como nas cenas de intolerância religiosa.

Embora os seus dogmas incluam a ciência como inimiga da fé, os evangélicos não abriram mão dos benefícios que a multimídia oferece, visto que se apropriaram se uma série de equipamentos e técnicas para colherem os frutos desse avanço científico que ocorreu nos

últimos anos. A Igreja Universal do Reino de Deus produz mensalmente 2 milhões de exemplares da Folha Universal, produz também mais de 24 horas diárias de programas de rádio e televisão distribuídos em emissoras de Tv Record e rádio através da Rede Aleluia e afiliadas, além de livros e conteúdo como vídeos e reportagens em seu site de internet, através da Line Record, Arca Center, bem como na Revista Plenitude.

Devemos considerar também que estamos num momento histórico onde os meios de comunicação, bem como as novas ferramentas de propagação de ideias concernente a informação e o conhecimento, revelam uma característica dinâmica do novo século, visto que em comparação as religiões seculares, e/ou milenares, onde a religiosidade estampava-se num mistério, numa mística onde só os escolhidos deveriam ter domínio de determinados conhecimentos, encontram-se estampadas nas telas de TVs, computadores, em emissoras de rádio, em panfletos e livros, ou em praça pública no dinâmico movimento de arregimentar fies.

Nessas circunstancias, existe uma série de instituições que atuam no combate ao Racismo e a Intolerância religiosa no país, das quais podemos destacar a atuação da União dos Negros pela Igualdade- UNEGRO, Koiononia Presença Ecumênica, Legião da Boa Vontade- LBV, bem como associações religiosas e de bairro e o Ministério Público. Em 2018, foi criada uma ferramenta de uso digital para o combate a intolerância religiosa no estado da Bahia: o aplicativo foi lançado pelo Ministério Público da Bahia, constituído por um mapa do racismo no Estado, bem como uma área especifica para denúncias relacionadas a discriminação racial e intolerância religiosa. Uma outra proposta que figura nesses grupos é a criação de uma delegacia especifica para o acolhimento das denúncias, diante da eminente dificuldade que os religiosos encontram na tentativa de prestar uma queixa na justiça comum, isto porque geralmente as delegacias de bairro, insistem em querer registrar a ocorrência como “briga de vizinhos” e não como intolerância religiosa.

Figura 14 - Aplicativo de denúncia de crimes de racismo e intolerância religiosa



Fonte: <http://www.mp.ba.gov.br/campanha/aplicativo-mapa-do-racismo-e-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa>. Acesso em 30 abr.2019.

Representar o outro, seria uma das facetas de conduzir um processo de externalização de uma interiorização deteriorada, que precisa, necessita ser alto-afirmada, numa tentativa de afirmar entrelaces ideológicos, bem como tornar pujante aspectos latentes de um eu, que para se fazer ser visto, necessita que o outro tenha sua percepção de mundo construída numa mesma perspectiva. Representar, seria ainda, alongar um perfil, através de outro corpo que de modo violento, fora obrigado a vestir-se com uma capa carrancuda, cuja identidade forjada, mas parece reflexo de um espelho embaçado, do que os olhos áureos da realidade. O outro, de modo algum pode ser a nossa extensão, visto que de maneira incólume nós somos únicos, diversos e múltiplos, ainda que compartilhemos de ideias semelhantes, cultura semelhante, nunca poderemos ser o outro, ainda que a identidade coletiva nos persiga, existe algo incomum, que é inerente a cada ser, em sua subjetividade, em sua interioridade. Essa tentativa de representar o outro, sempre foi semblante de aspectos controladores, seja para dominar povos, usurpando muito além de territórios físicos, usurpando a identidade do outro.

Nesse contexto, é pertinente salientarmos que existe uma outra seara, para além do discurso eloquente do Pastor, que quer salvar as almas, fazer o bem, apregoar o Evangelho, é como se o menosprezo da identidade alheia sobrepujasse qualquer tipo de respeito as identidades que lhe norteia. Versões destorcidas, estereotipadas, animadas de crueldade sádica, permearam o contexto-histórico, sociocultural da realidade brasileira, consagrando distúrbios grotescos, no que tange ao respeito a diversidade étnico-religiosa, de povos que por violência física-psicológica não tiveram oportunidade de fala, oportunidade de vivenciar de maneira natural processos que a liberdade de existir, lhes conferiam enquanto seres únicos, capazes de sentir e decidir de acordo com as suas próprias convicções.

Assim, afetados por representações estereotipadas a religiosidade afro-brasileira sobrevive as invasões de terreiros de candomblé, centros de umbanda, a eventos performáticos que o televangelismo e a grande mídia lhe expõe, como se compusesse uma peça dramática, cujo final ainda depende de longos caminhos e percursos que uma educação para o respeito, cooperação e tolerância levará ao longo de batalhas psicológicas, cheias de sofrimentos, que aferem não somente a carne, mas a alma de um povo, cuja escravidão mental, ainda não saiu das hastes colonizadoras de uma sociedade, que necessita urgentemente rever conceitos, praticamente “dogmáticos”, que constroem, humilham, desqualificam, despersonificam a figura do outro, tendenciando o imaginário coletivo, a se comportar, como seres que estão com as garras afiadas prontos para matar física, mental e talvez, historicamente, os que não lhe são semelhantes.

Os Preto-Velhos, dizem que o que causa esse enfurecer doloroso e traumático é o “medo do desconhecido”, que por medo, os cristãos nos relegaram a um lugar marginal, que por medo, nos excluem e nos associam cotidianamente a figura do demônio, que precisa ser maltratado, exorcizado e evangelizado, como povos sem “alma”, povos animalizados, que devem ser tratados como “coisa”, porque a importância histórica dos seus atos foi obscurecida das narrativas oficiais.

Na contemporaneidade notamos que, se antes o Estado brasileiro governava sob a égide da Igreja Católica, hoje as bases do neopentecostalismo compõem os planos mais íntimos do governo. A laicidade, princípio de extrema relevância no constitucionalismo moderno, vem se desafiando em meio a discursos políticos, que se confundem com apregoações evangélicas em púlpitos. Laicidade, num país cujas bases se forjaram em âmbito religioso, significa respeitar o direito de existir, direito de viver a subjetividade, de permitir que a cada olhar, surja com naturalidade na expressão de um cidadão que tem em sua interioridade a vertente mais coerente a ser respeitada e sobretudo inviolada.

Sendo assim, consideramos que tecer um diálogo interdisciplinar entre comunidades religiosas é extremamente importante, visto que na contemporaneidade a virtude centra-se num desejo contínuo, talvez até metafórico, de se consagrar uma paz mundial, uma paz que una, envolva e que conceba para além de estigmas, estereótipos, numa balança onde o que pese de verdade, seja a independência de pensamento, livre de usos e costumes arraigados numa cultura medíocre, de muito além de se relativizar, se minimizar as potencialidades alheias, no que concerne aos aspectos identitários, muito além de um simples jogo de poder, porém numa relação mais ampla, mais dinâmica, que consagre a importância da tradição, para além de performances estampadas em grupos e/ou sugeridos por um olhar dominador. É preciso se fazer mais, para alcançarmos uma justiça social, que pontue as subjetividades, como um mapa plano, cuja superfície seja respeitada, a partir da existência/essência do ser.

Nesse sentido, a pesquisa que se deriva claro de um longo e contínuo processo, conclama a angústia de indagar, como as religiões de matriz africana, farão para dar prosseguimento a sua existência, com um verdadeiro arsenal midiático montado pela IURD, que ataca diariamente o seu direito de existir? Certamente continuaremos resistindo, mas também esperamos e além disso, possuímos o direito de que o Estado Brasileiro não omita os preceitos que fundamentam a Constituição Federal, garantindo o direito de professar a fé, sem que haja prejuízos ou retaliações por parte de instituições, ou de civis, mediante violência física, psicológica e simbólica como o caso explícito de racismo religioso promovido pela Igreja Universal e dissidentes na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAHIA. **Estatuto da Igualdade Racial e de Combate a Intolerância Religiosa do Estado da Bahia.** Lei nº 13.182 de 06 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.sepromi.ba.gov.br/arquivos/File/EstatutodaIgualdade.pdf>.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: 2 ed. Editora UFMG, 2013.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BERGER, Peter Ludwig. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1965.

BLEDSON, David Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso.** São Paulo: Hagnos, 2012.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos.** Tradução de Carlos Nelson Coutinh. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo.** Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1986.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Código de Processo Penal.** Brasília, Presidência da República, 1941.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. **Diversidade religiosa e direitos humanos. Reconhecer as diferenças, superar a intolerância, promover a diversidade.** Organização Marga Janete Stroher. Brasília, 2 ed. 2013.

BURTT, Edwin Arthur. **As bases metafísicas da ciência moderna.** Tradução de José Viegas Filho e Orlando Araújo Henriques. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

CARDOSO, C, M. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade.** São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia.** In: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008.

COMPARATO, Fabio Konder. **A afirmação histórica dos Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

COSTA, Maria Guilhermina Guedes Maia da. **A Tolerância como Paradigma Antropológico** - Contributo para a Construção de uma Filosofia da Educação. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, Portugal, 1999.

DE CICCIO, Cláudio, Álvaro de Azevedo Gonzaga. **Teoria Geral do Estado e ciência política**. São Paulo: Editora dos Tribunais, 2011.

DURKHEIM. Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

FALCÃO. Raimundo Bezerra. **Hermenêutica**. São Paulo: Malheiros Editores Ltda., 1997.

FERREIRA. Marcelo Santana. **Polissemia do conceito de instituição**: diálogos entre Goffman e Foucault. Revista Ecos, Estudos contemporâneos da subjetividade. v. 2, n.1, 2012.

FRECHEIRAS, Maria Luzie. **Hermenêutica ontológica**: para principiantes. KBR Editora Digital Ltda, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Juíza suspende venda de livro do bispo Edir Macedo**. on-line]. 10 de novembro, 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>. Acessado em 04 de maio de 2017

FOUCAULT. Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2008.

FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade**: O cuidado de si. 9 ed. São Paulo: Graal, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Antônio Baptista. **O estado democrático de direito LAICO e a “neutralidade” ante a intolerância religiosa**. Revista de Direito Mackenzie v. 6, n. 1, p. 30-56, 2012.

GONÇALVES, Delmo. **Desenvolvimento e Contemporaneidade: uma análise da IURD e seus elementos éticos - religiosos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara. 4 ed, 1988.

GUIMBELLI, Emerson. Um projeto de Cristianismo hegemônico. Vagner Gonçalves da Silva et al (Org). **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. São Paulo: DP&A, 2005.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HESSE, Konrad. **A força normativa da constituição**. Porto Alegre: Editora Safe, 1991.

HITA, Maria Gabriela. **Raça, racismo e genética: em debates científicos e controvérsias sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

HOLANDA. Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

HOUTART. François. **Sociologia da religião**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

JUSBRASIL. **Julgamento de livro proibido de Edir Macedo será transmitido pela internet**. 2006. Disponível em: <https://expresso-noticia.jusbrasil.com.br/noticias/136372/julgamento-de-livro-proibido-de-edir-macedo-sera-transmitido-pela-internet>. Acessado em 04 de Maio de 2017

LASSALLE, Ferdinand. **A Essência da Constituição**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2014.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MACEDO, Edir. **Nada a perder**. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2012.

MACEDO, Edir. **Nada a perder 2**. São Paulo: Planeta, 2013.

MACEDO, Edir. Douglas Tavoraro. **Nada a perder 3**. São Paulo: Planeta, 2014.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias**. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2006.

MACEDO, Edir. **Somos todos filhos de Deus?** Uma reflexão sobre a atual situação espiritual da humanidade nos dias de hoje. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Célia P. de Souza e Silva, Décio Rocha-6 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAGALHÃES, ACM., et al., orgs. **O demoníaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 277-290.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo. **Pentecostais em ação: A demonização dos cultos afro-brasileiros**. In: Vagner Gonçalves da Silva et al (Org). Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MATOS, Rita de Cássia Aragão. **O paroxismo do sonho: um estudo sobre a exclusão social no Jornal Nacional**. Salvador: EDUFBA, 2009.

NUNO, Coimbra Mesquita. **Brasil: 25 anos de democracia: participação, sociedade civil e cultura política**. / Nuno Coimbra Mesquita (org.). Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2016.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude. Usos e Sentidos**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ORO, Pedro Ari. **Neopentecostais e Afro-brasileiros: Quem vencerá essa guerra?**. Debates Ner. Porto Alegre: Ano 1, n 1, 1997. p. 10-36.

ORO, Pedro Ari. **A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus**. Debates Ner. Porto Alegre: n. 7. ano 6. Janeiro/Junho, 2005. p. 135-146.

OLIVA, Alfredo dos Santos. **O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo (1977-2005)**. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PACE, Enzo. Irene Dias de Oliveira e Marion Aubrée (Orgs). **Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade**. São Paulo: Fonte Editorial, Edições Terceira via, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica a formação do Óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi (et.al). 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PIRES, Marília. F.C. **Reflexões sobre a interdisciplinaridade na perspectiva de integração entre as disciplinas dos cursos de graduação Revista do IV Circuito PROGRAD: As disciplinas de seu curso estão integradas?**. São Paulo: UNESP, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a Afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista USP. Nº 46, p. 52-65, junho/ agosto, São Paulo, 2000.

PRANDI, Reginaldo. **Exu, de mensageiro a diabo**. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. In: Revista USP, n.50, junho/agosto. São Paulo, 2001. p. 46-63. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/35275/37995>. Acesso em 07 maio 2019.

PROVINCIAATTO, Gabriel. MIGUEL, Maria Rúbia. Contribuições para uma leitura do fundamentalismo judaico. In. CAMPOS, Breno Martins e Salles, Walter Ferreira (Orgs.) **Fundamentalismo Religioso: três abordagens distintas e complementares**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-127.

**Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015): resultados preliminares** / Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos

Humanos; Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad (Org.), Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.

RIBEIRO, Renato Janine. **A democracia**. São Paulo: Publifolha, 3 ed., 2013.

ROCHA, Maria da Penha Nunes da. **As estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus**. Rio de Janeiro. 2006. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, 2006.

ROSENFELD, Denis L. **O que é democracia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. NUNES, João Arriscado. **Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. Disponível em <http://www.ces.fe.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/intromulti.html>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2005.

SARTORI, Giovanni. **A teoria da democracia revisada**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, Brasil.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo**. Mana. vol. 13, n. 1, Rio de Janeiro, 2007.

SOMMERMAN, Américo. **Inter e a Transdisciplinaridade**. X Seminário Internacional de Educação: Interdisciplinaridade como forma de inclusão numa educação mundial. Cachoeira do Sul, 2005.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de. **“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas convêm”**: Efeitos de sentido do processo de midiaticização da/na religiosidade pentecostal brasileira. 2017. Tese de Doutorado. Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUZA, MAGALHÃES. **Os pentecostais: entre fé e a política**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 22, 2002.

SOUZA, Sandra Duarte de. (Org). **Fundamentalismos religiosos contemporâneos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VASCONCELOS, Pedro Lima. **Fundamentalismos:** matrizes, presenças e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância:** por ocasião da morte de Jean Calas (1763). Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2011.

WILSON. Bryan Ronald. **Tolerância religiosa e diversidade religiosa.** Oxford, 1995.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

Processo Disponível em:

<http://www.prsp.mpf.gov.br/prdc/areadeatuacao/digualdetnraclibrel/Acao%20Civil%20Publica%20%20Livro%20da%20Igreja%20Universal%20do%20Reino%20de%20D.pdf>

Documentários

<http://amigosdauniversal.blogspot.com.br/2012/11/demonios-do-candomble-e-seus-nomes-na.html> Acesso em 04 jul. 2017.